

100 ANOS
DE ANTROPOLOGIA
EM COIMBRA

1885-1985

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

INFOGRAFIA DA CAPA

Mickael Silva

ISBN DIGITAL

978-989-26-1200-3

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1200-3>

1885 2015 **130** ANOS
de Antropologia
em Coimbra

1ª edição • 1985
Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra

CEM ANOS
de
ANTROPOLOGIA
em
COIMBRA

© Copyright Instituto de Antropologia. 1985
Todos os direitos reservados por M.L.A.
(Instituto de Antropologia) — Universidade de Coimbra

CEM ANOS
de
ANTROPOLOGIA
em
COIMBRA

1885 - 1985



Coimbra
Museu e Laboratório Antropológico

1985

COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA CRIAÇÃO DA CADEIRA
DE
ANTROPOLOGIA, PALEONTOLOGIA HUMANA E ARQUEOLOGIA
PRÉ-HISTÓRICA
(1885-1985)

Comissão de Honra

Reitor da Universidade de Coimbra
Presidente do Conselho Directivo da F.C.T.U.C.
Presidente do Conselho Científico da F.C.T.U.C.
Prof. Doutor José Antunes Serra
Prof. Doutor Alberto Xavier da Cunha Marques
Prof. Doutor Francisco Xavier Ferrand d'Almeida
Prof.^a Doutora Maria Susana Newton Almeida Santos

AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA CRIAÇÃO
DA CADEIRA DE ANTROPOLOGIA FORAM PATROCINADAS POR:

Fundação Calouste Gulbenkian
Instituto Nacional de Investigação Científica
Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica
Governo Civil do Distrito de Coimbra
Reitoria da Universidade de Coimbra
Direcção da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
Serviços Culturais da Câmara Municipal de Coimbra

Investigação

Jacques Houart
Manuel Laranjeira Rodrigues de Areia
Maria Arminda Miranda
Maria Augusta Tavares da Rocha
Maria Helena Xavier de Morais
Maria Isilda Figueiras
Maria do Rosário Martins
Maria Teresa Matos Fernandes

Colaboração

Augusto Abade
Carlos Barata
João Bicker
Maria João Caetano
Paulo Gama

Concepção gráfica

João Bicker

Fotografia

Carlos Barata
José Carlos Vitorino

Dactilografia

Adélia Cruchinho de Carvalho
António dos Santos Resende
Maria Margarida Henriques

Execução gráfica

Tipografia Lousanense — Lousã
Dep. legal n.º 7647/85

Sumário

Cem anos depois...	11
Ensino da antropologia — <i>M. L. Rodrigues de Areia e M. A. Tavares da Rocha</i>	13
Biblioteca — <i>Isilda Figueiras</i>	61
Colecções osteológicas — <i>Maria Teresa Matos Fernandes</i>	77
Antropologia criminal — <i>M. A. Tavares da Rocha</i>	83
Os grupos sanguíneos — <i>M. H. Xavier de Moraes</i>	109
As colecções etnográficas — <i>Maria do Rosário Martins</i>	117
As colecções angolanas — <i>M. L. Rodrigues de Areia</i>	149
As máscaras brasileiras — <i>Maria do Rosário Martins e M. Arminda Miranda</i>	195
O Centro de Estudos Africanos — <i>Jacques Houart</i>	207
Extensão Cultural — <i>M. Arminda Miranda</i>	209
Cronologia	227
Bibliografia	235
Índice de ilustrações	253

Cem anos depois...

«A faculdade de philosophia natural tem de ir até onde possam alcançar a physica e a química, isto é, hoje tem de ir até à fronteira do mundo moral. Ora o mundo moral é principalmente o homem moral. Portanto a faculdade de philosophia deve ensinar desde a physica até à anthropologia».

(introdução ao projecto de lei da criação da cadeira de Antropologia — sessão na Câmara dos Deputados de 8-6-1883)

Cem anos após a criação da cadeira de Antropologia é legítimo inquirir sobre as intenções do projecto que há cem anos animou a criação desse ramo da ciência.

Passar em análise os cem anos de vida da instituição é tarefa necessária e útil mas inoportuna no âmbito de uma exposição. Os docentes e investigadores do Museu e Laboratório Antropológico optaram por destacar apenas alguns dos aspectos que pareceram mais significativos das actividades ligadas ao ensino da Antropologia. E desde logo, e necessariamente, um olhar sobre os conteúdos dos programas, as linhas de investigação, os materiais didácticos. Daí resultaram os tópicos que constituem o essencial deste catálogo:

- a evolução do ensino e a organização da biblioteca como reflexo necessário do processo do ensino e investigação;*
- as colecções de Antropologia Física, os grupos sanguíneos e um caso particular de Antropologia Física aplicada — a Antropologia Criminal;*

- *as colecções de Antropologia Cultural: o historial sucinto da sua entrada, o destaque para duas colecções de particular importância — as máscaras da Amazónia e as colecções angolanas — e uma breve referência às actividades científicas e culturais do Centro de Estudos Africanos;*
- *finalmente, uma análise do que tem sido o esforço de extensão cultural como serviço da instituição à comunidade e das tentativas para a montagem de um serviço educativo e de exposição permanente ao público. O primeiro passo para a concretização deste objectivo passa pela devolução ao Museu e Laboratório Antropológico das galerias de exposição, espaço próprio de ligação da instituição à cidade e ao público em geral.*

M. L. RODRIGUES DE AREIA

O Ensino da Antropologia

M. L. Rodrigues de Areia

M. A. Tavares da Rocha

Para apresentar as grandes linhas da evolução do ensino da Antropologia da Universidade de Coimbra, ao longo dos cem anos de existência da respectiva cadeira, optámos pela divisão do tempo por períodos coincidentes com o exercício efectivo dos sucessivos directores à frente do Museu e Laboratório Antropológico, já que por via de regra eram esses directores os professores da cadeira de Antropologia. O conjunto de situações correspondentes à última década foi designado globalmente por «evolução recente». Desta divisão resultaram os seguintes períodos:

Bernardino Machado (1885-1907)

Eusébio Tamagnini (1907-1950)

J. Antunes Serra (1950-1952)

A. Xavier da Cunha (1952-1963)

J. Barros Neves (1963-1974)

Evolução recente (1974-1985).

BERNARDINO MACHADO (1885-1907)

O ensino da Antropologia na Universidade de Coimbra aparece em 1885 com a criação da cadeira de «Anthropologia, Paleontologia Humana e Archeologia Pré-histórica» (Carta de Lei de 2 de Julho de 1885, publicada no *Diário do Governo* n.º 149, de 9 de Julho de 1885). Vinha esta cadeira (8.ª da Faculdade de «Philosophia») substituir uma outra

— Agricultura, Zootecnia e Economia Rural — que se suprimia por, entretanto, se ter reformulado o ensino dessas matérias ⁽¹⁾.

O ensino das matérias de Antropologia apareceu desde o início muito ligado ao Museu de História Natural que vai, ele próprio, evoluir no sentido de aí se organizar uma secção didáctica que apoiará o ensino da Antropologia.

Assim, verifica-se que em 1884, sendo ainda a 8.^a cadeira da Faculdade de «Philosophia» a «Agricultura Geral, Zootecnia e Economia Rural» o Museu de História Natural era então constituído pelos «Gabinetes de Zoologia, Mineralogia e Conchiologia» ⁽²⁾, ao passo que no ano lectivo de 1886/87 já temos informação de que no Museu de História Natural há quatro secções, a saber, Botânica, Zoologia, Mineralogia e Geologia, Antropologia, cada uma com seu director, sendo Bernardino Machado o director da secção de Antropologia e director interino da mesma secção Henrique Teixeira Bastos.

A História Natural passa, desta forma, a ser ensinada por quatro professores, cada um dos quais leccionando a sua cadeira apoiada na respectiva secção do Museu de História Natural ⁽³⁾.

É neste sentido que deve ser entendida a informação de M. A. Barbosa Sueiro (1944) quando refere que Bernardino Machado «criou o Museu anexo à cadeira, em 1898» ⁽⁴⁾.

Consequente com a ideia que defendia de que a Universidade, mais do que administrar conhecimentos deve ensinar a trabalhar ⁽⁵⁾, Bernardino Machado valorizou em particular os trabalhos dos alunos, trabalhos que ele orientava e seguia cuidadosamente. Um conjunto de trabalhos osteométricos, elaborados pelos alunos entre 1884/85 e 1904, viria mesmo a ser publicado em 1904 com o título: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra — Trabalhos de alumnos».

⁽¹⁾ À data, as outras sete cadeiras eram: duas de Química, duas de Física, uma de Botânica, uma de Zoologia e a 7.^a era a de Mineralogia, Geologia e Arte de Minas.

⁽²⁾ *Anuário da Universidade de Coimbra*, 1884-1885. Os mesmos gabinetes constam ainda do *Anuário da Universidade de 1885-86*, primeiro ano de funcionamento da cadeira de Antropologia.

⁽³⁾ *Anuário da Universidade de Coimbra*, 1886-87, p. 177.

⁽⁴⁾ SUEIRO, 1944, p. 3.

⁽⁵⁾ «A Universidade é um laboratório, uma oficina modelo onde professores e discípulos, como verdadeiros operários e aprendizes, não têm por ocupação consumir ideias, mas produzi-las» in: «A Universidade e a Nação. Oração Inaugural do ano lectivo 1904-05, em 16-10-1904», *Anuário da Universidade*, 1904-05, p. XXXIV.

Esta orientação viria, mais tarde, a generalizar-se a toda a faculdade, tendo sido elaborado um «Regulamento dos Trabalhos Práticos», adoptado na Congregação de 28/7/1905 e aprovado por portaria do ministro do Reino de 24 de Novembro do mesmo ano que, entre outras coisas, estabelecia: — «Em todas as cadeiras da faculdade de Philosophia haverá cursos práticos nos respectivos laboratórios». E ainda:

«Cumpre aos demonstradores, além da regência de cursos práticos, coadjuvar os professores nas demonstrações experimentais ... e velar pela conservação do material do gabinete pelo que terão sob as suas ordens o pessoal menor respectivo» (6).

Os temas dos trabalhos práticos eram predominantemente de Antropologia Física, pois era sobretudo essa área da Antropologia que interessava aos investigadores da época, o que aliás se depreende até dos manuais recomendados para o ano lectivo de 1887/88, que enumeramos:

«Topinard — Manuel d'Anthropologie.

Broca — Instructions cranéologiques et cranéométriques.

Mortillet — Le Préhistorique» (7).

A actividade de Bernardino Machado foi intensa também noutros campos, nomeadamente como conselheiro e par do Reino, pelo que a cadeira de Antropologia foi, por diversas vezes, regida por professores substitutos, a saber:

— Henrique Teixeira Bastos: 1885/86 e 1889/90, tendo elaborado o programa deste ano lectivo, publicado sob o título: «Programa da 8.^a cadeira, Antrhopologia e Archeologia Prehistórica, para o ano lectivo de 1889 a 1890» (Anexo I).

(6) Portaria de 24 de Novembro de 1905.

(7) *Anuário da Universidade de Coimbra*, 1887-88, p. 173.

N. A. — Encontram-se na Biblioteca do Museu e Laboratório Antropológico:

BROCA, Paul — *Instructions craniologiques et craniométriques de la Société d'Anthropologie de Paris*. — Paris: Librairie Georges Masson, 1875.

MORTILLET, Gabriel — *Le Préhistorique, antiquité de l'homme*. — Paris: C. Reinwald, Librairie-Éditeur, 1883.

De TOPINARD não encontramos nenhuma obra intitulada «Manuel d'Anthropologie» mas, em requisição de Arquivo, são mencionados dois (o Topinard grande e o pequeno). As obras que o Instituto de Antropologia possui, são:

TOPINARD, Paul — *L'Anthropologie*. — Paris: C. Reinwald, Librairie-Éditeur, 1884.

TOPINARD, Paul — *Éléments d'Anthropologie Générale*. — Paris: Adrien Delahaye et Émile Lecrosnier, Ed., 1885 (esta é de maiores dimensões).

— Luis Santos Viegas: 1890/91 e 1891/92.

— Bernardo Ayres: 1893/94 e 1894/95.

Não obstante este envolvimento na actividade política, Bernardino Machado impulsionou a investigação antropológica a ponto de a sua acção extravazar da sala de aulas e mesmo da área da Universidade. Congregando alguns entusiastas da investigação antropológica funda a «Sociedade de Anthropologia», com sede em Coimbra e com o fim de «desenvolver os estudos anthropológicos em Portugal» (Art. 2.º dos estatutos) (Anexo II).

Esta acção que poderíamos chamar de extensão cultural é ainda reforçada com um curso livre de Pedagogia (Conferências de Pedagogia) que Bernardino Machado ministrava aos domingos para o público interessado (8).

A reforma dos Estudos Universitários de 1901 (Dec. n.º 4 de 24 de Dezembro) divide as cadeiras da Faculdade de «Philosophia» em duas secções, a saber, a das «Ciências Physico-Chímicas» e a das «Ciências Histórico-Naturais». Legisla ainda esta reforma, em seu art. 133, que o «Curso Geral da faculdade de philosophia é constituído por 14 cadeiras, sendo 10 teóricas e 4 práticas» (9).

A Antropologia passa, assim, a constituir a 10.ª cadeira do «Curso Geral da Faculdade de Philosophia e Ciências histórico-naturais» (10), estando a ela ligado o «Museu Anthropológico» e sendo este definido como um dos estabelecimentos anexos à Faculdade de Philosophia, e que, na sua totalidade, eram os seguintes:

- Observatório meteorológico e magnético
- Laboratório Chímico
- Jardim e Museu Botânico
- Gabinete de Physica
- Museu Geológico
- Museu Zoológico
- Museu Anthropológico (11).

(8) MACHADO, Bernardino, 1908, p. 241-297 e MARQUES, A.; COSTA, F., 1978, p. XLVII.

(9) *Anuário da Universidade de Coimbra*, 1901-1902.

(10) As outras nove cadeiras eram: Química Inorgânica, Álgebra, Química Orgânica, Física 1 e 2, Botânica, Zoologia, Mineralogia e Petrologia e ainda Geologia Física do Globo.

(11) *Anuário da Universidade de Coimbra*, 1902-1903.

De um ensino essencialmente teórico, ainda muito em voga na época, distanciam-se as aulas de Antropologia, pois que se apresentam com características teórico-práticas (Fig. 1). A fotografia apresentada é um testemunho das condições de trabalho nas instalações do Museu de História Natural.

Não são, porém, exclusivamente de Osteologia os temas propostos aos alunos, pois que a pesquisa feita no arquivo do Museu e Laboratório Antropológico mostra que as dissertações para a cadeira de Antropologia visavam também os campos da Etnografia, da Sociologia, da Antropometria e da Ecologia Humana.

A título de exemplo, apresentamos alguns temas:

GUIMARÃES, Luiz — *Evolução da percepção cromática*, 1896-1897 (manuscrito).

TAMAGNINI, Eusébio — *Esboço de um estudo etnográfico — a colónia indígena da Ilha de S. Tomé*, 1901-1902 (manuscrito).

DINIZ, José O. — *Reacção do homem sobre o meio exterior*, 1901-1902 (manuscrito).

SANTOS, Ruy H. — *Sobre a cor dos olhos e dos cabelos, ..., da população escolar portuguesa*, 1906-1907 (manuscrito).



FIGURA 1

QUEIROZ, José C. — *Observações anthropométricas feitas nos alunos da Universidade de Coimbra, 1901-1902* (manuscrito).

RIBEIRO, Baltazar A. — *Estatuta do Portuguez adulto, 1904-1905* (manuscrito).

BARRETO, Byssaia — *Notas e impressões sobre a psicologia e situação da mulher na sociedade moderna*. Coimbra. 1907-1908 (manuscrito).

LACERDA, J. C. — *Altura média dos portuguezes adultos, 1903-1904* (manuscrito).

BRAGA, C. C. — *Das degenerescências na espécie humana e das suas causas... Das condições intellectuais, moraes e physicas das operárias das fábricas, 1902-1903* (manuscrito).

EUSÉBIO TAMAGNINI (1907-1950)

Em 1907, e na sequência da resignação de Bernardino Machado, Eusébio Tamagnini torna-se lente titular da cadeira de «Anthropologia» (tendo como demonstrador J. G. Barros e Cunha, doutorado em 1887) e assume, igualmente, as funções de director da secção de «Anthropologia e Archeologia Prehistórica» do Museu de História Natural. Tanto as linhas de investigação como a orientação do ensino de Anthropologia serão profundamente influenciadas pela acção deste professor que ficará à frente da instituição quase meio século. O ensino toma duas vertentes distintas: a primeira, a que Tamagnini designa por «Anthropologia Zoológica» e que podemos considerar uma introdução geral à Primatologia; a segunda, a «Anthropologia Etnológica» voltada essencialmente para a caracterização das raças humanas. Esta dupla orientação marca o ensino da instituição, mesmo para além da orientação de Tamagnini, já que o ensino de Etnologia na Faculdade de Letras (para a licenciatura em Geografia) foi ministrado quase sempre por docentes do Museu e Laboratório Antropológico (excepto nos anos de 1952-1956 em que a cadeira foi dada por A. Jorge Dias). Esta dupla orientação no ensino da Anthropologia está bem evidenciada no «Programa de Anthropologia» publicado em 1911, que divide a matéria em dois semestres, sendo dada no 1.º a «Anthropologia Zoológica» e no 2.º, a «Anthropologia Etnológica» (Anexo III).

Outra iniciativa importante em termos de ensino, é o «Curso de Etnografia Colonial», cujo programa, assinado pelo professor adjunto J.

G. Barros e Cunha (ano lectivo de 1912-13) tem, certamente, muito a ver com a importância das colecções africanas chegadas ao Museu de História Natural, em número particularmente significativo, em fins do século anterior. Este programa, divulgado como «Curso Livre de Etnografia Colonial», pretendia abordar o conhecimento das sociedades dos povos colonizados por Portugal e partia do pressuposto da «importância para os povos colonizadores do conhecimento exacto da etnografia dos indígenas das suas colónias» (tópico da introdução ao programa). Assim, a maioria das matérias dizia respeito à África e aí se estudavam tanto as características dos povos bantos em geral (organização social, família, autoridade tradicional), como os artefactos produzidos (armas, instrumentos musicais, utensílios diversos) e, ainda, os grupos étnicos mais importantes (Zulus, Hotentotes, etc.). O programa incluía, também, referências às populações da Índia, Macau e Timor (Anexo IV).

Uma terceira componente a assinalar no ensino da Antropologia é o Curso de Antropologia Criminal. Tendo este curso sido autorizado no ano lectivo de 1908-1909 com a designação de «Curso de Antropometria» ⁽¹²⁾ e destinado essencialmente a juristas, veio a ser beneficiado com a criação do posto antropométrico, anexo ao Laboratório Antropológico (1911), evoluindo como curso essencialmente ao serviço da criminologia; essa orientação é manifesta no programa elaborado para o ano lectivo de 1912-1913 com a designação de «Curso Livre de Antropologia Criminal» o qual consta de uma parte teórica («Lições Magistrais») e uma parte prática, precisamente denominada «Práctica Laboratorial» (Anexo V). Nesta data (1912-13), a Antropologia continua a ser a 10.^a cadeira e insere-se no 2.^o grupo «Ciências Biológicas» — da 3.^a secção — Ciências Histórico-Naturais» — da Faculdade de Ciências». À data, são 38 os alunos que frequentam esta cadeira ⁽¹³⁾.

A esta primeira fase de expansão do ensino corresponde também um esforço de organização interna e regulamentação de actividades do Museu e Laboratório Antropológico, nomeadamente no que diz respeito à distribuição de tarefas por assistentes e funcionários. Aparece em 1915 o primeiro «Regulamento Interno do Instituto de Antropologia» (Anexo VI).

O Instituto de Antropologia colaborou ainda na fundação do «Institut International d'Anthropologie» (Paris, 1920) que teve um papel impor-

⁽¹²⁾ Ver *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. I, 1912, p. 202.

⁽¹³⁾ *Anuário da Universidade*, 1912-13, p. 295.

tante na preparação do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica que viria a realizar-se em Portugal (1930), tendo sido em Coimbra a sua inauguração e diversas sessões de trabalho.

De uma análise muito rápida dos sumários das aulas, infere-se, que E. Tamagnini permaneceu fiel ao esquema do programa inicial (1911) sendo de notar, no que diz respeito à «Antropologia Zoológica», nomeadamente a partir dos anos 20, uma preocupação crescente com as questões de Genética e sua aplicação ao estudo das populações humanas. A partir de 1928 os conhecimentos de Genética passam a ser ministrados na cadeira de Biologia, a qual passaria a ser dada, alternadamente, pelo grupo de Botânica e pelo grupo de Zoologia e Antropologia (14).

No ano lectivo de 1931-32 já a Antropologia aparece como a 24.^a cadeira da Faculdade de Ciências, entrando no 4.^o ano do plano de estudos da licenciatura em Ciências Biológicas e, fazendo parte, do 3.^o grupo (Zoologia e Antropologia) da 3.^a secção (Ciências Histórico-Naturais). Nesta data o quadro do Museu e Laboratório Antropológico limita-se a 4 pessoas: director, conservador, preparador e contínuo (15).

Em 1939-40 é publicado o «Programa da 24.^a cadeira — Antropologia» que, partindo ainda da definição da Antropologia como «história natural do Homem como forma animal», desenvolve aspectos gerais da Primatologia para inserir o aparecimento do Homem no grupo e referenciar as formas fósseis conhecidas da época (Anexo VII).

No que diz respeito à «Antropologia Etnológica», ela ficou uma espécie de parente pobre, tanto no ensino como na investigação, não sendo utilizadas as ricas colecções didácticas de há muito recolhidas (16). Mas a cadeira funcionou de forma regular para alunos da Faculdade de Letras mantendo-se o programa como uma introdução geral ao estudo das raças (17).

(14) Na realidade a cadeira de Biologia ficou a cargo de E. TAMAGNINI até 1950, data em que passa a efectivar-se a alternância determinada pelo Senado em 1928.

(15) *Revista da Faculdade de Ciências*, 1931, p. 210.

(16) O próprio E. TAMAGNINI fazia esta mesma constatação quando afirmava ao Congresso da Actividade Científica Portuguesa (1940) em trabalho conjunto com J. A. SERRA:

«Desde o princípio se procurou dar um certo desenvolvimento aos dois ramos (entenda-se Antropologia Física e Antropologia Cultural); contudo, a parte etnológica recebeu menos atenção» (E. TAMAGNINI; J. A. SERRA: *Subsídios para a história da Antropologia Portuguesa*, Coimbra, 1942, p. 17).

(17) No ano lectivo de 1929-30 o curso de Etnologia apresenta, entre outros, os seguintes tópicos:

São iniciados, também, estudos biodemográficos, tendo-se então constituído um importante ficheiro de famílias do concelho de Coimbra, nele se recolhendo de forma sistemática os elementos dos ficheiros relativos a casamentos, nascimentos e óbitos desde 1911, mas que se vem a interromper nos anos 40 (1943) por falta de verbas.

A necessidade de aprofundar o tratamento estatístico dos dados antropométricos, fisiológicos e demográficos, leva o director do Instituto de Antropologia a procurar os serviços de W. L. Stevens que é «contratado para, na qualidade de estatístico, orientar os trabalhos de aplicação dos métodos estatísticos modernos às Ciências Biológicas e organizar cursos de iniciação de professores e alunos nos mesmos métodos» (18). A este curso que funcionou até 1944 está ligado um conjunto de estudos publicados na série «Questões de Método».

Paralelamente aos programas ministrados, E. Tamagnini e os seus colaboradores desenvolveram linhas de investigação incidindo, principalmente, nas áreas de somatometria e osteometria, fisiologia e biodemografia.

«Promover o estudo científico de todas as questões pertencentes aos domínios da hereditariedade ...» (19) fomentar o aconselhamento genético das populações foram, entre outros, os objectivos que levaram Eusébio Tamagnini a criar a Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos, cuja sede se mantinha em Coimbra e tendo mais dois núcleos, o de Lisboa e o do Porto.

Os promotores desta Sociedade englobavam professores do Ensino Secundário, das Faculdades de Letras, Direito, Medicina e Ciências.

-
- Etnologia e Etnografia, considerações gerais.
 - Noções de espécie.
 - Noções de espécie e raças.
 - Caracteres distintivos das raças.
 - Cor da pele, melaninas, etc.
 - Os diversos índices antropométricos.
 - Classificação das raças humanas;
 - Classificação de Topinard.
 - Classificação de Deniker.
 - Classificação de Strats.
 - Classificação de Schertz, Ruggeri, Haddan.

(18) *Diário do Governo*, 11 de Dezembro de 1942.

(19) Estatutos da Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos, 1937.

Os seus estatutos (Anexo VIII) foram aprovados em 1934, mantendo-se em actividade até 1974, mas a partir de 1940 como sociedade federada da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências ⁽²⁰⁾.

JOSÉ ANTUNES SERRA (1950-1952)

O pouco tempo que José Antunes Serra esteve à frente da direcção do Museu e Laboratório Antropológico não permitiu que as suas qualidades de excepcional investigador deixassem marca também no ensino da Antropologia. Além de trabalhos diversos de osteometria, José Antunes Serra desenvolveu uma linha de investigação na área da melanogénese e interessou-se particularmente pelos trabalhos de Genética.

Relativamente ao ensino mantém-se nas linhas gerais o programa da cadeira de Antropologia, sendo de notar que os muitos progressos do conhecimento na área da Genética eram ministrados, principalmente, na cadeira de Biologia. É, aliás, no campo da Genética que este professor dará um importante contributo à ciência.

ALBERTO XAVIER DA CUNHA (1952-1963)

Um dos aspectos mais marcantes deste período é o voltar-se dos responsáveis do Museu e Laboratório Antropológico para as colecções ultramarinas, particularmente as africanas. É assim que em 1953-54 um auxiliar de naturalista viaja pela Europa a fim de contactar museus da especialidade ao mesmo tempo que se trabalha na preparação do catálogo-inventário das colecções de Angola, Moçambique, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Macau e Timor. Este catálogo-inventário que recolhe informações diversas relativas às referidas colecções viria a ser editado (1955) pela Junta de Investigações do Ultramar. É ainda institucionalizada a colaboração do Museu e Laboratório Antropológico com a referida Junta de Investigações do Ultramar, nesta área da Antropologia, com a criação em 1953 da secção de Antropologia e Etnologia no Agrupamento Cientí-

⁽²⁰⁾ Estatuto da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências.

fico de Estudos Ultramarinos, através do qual entraram na biblioteca do Museu e Laboratório Antropológico numerosas publicações, principalmente relativas à Antropologia Cultural Africana (21).

É também evidente, nesta fase, a preocupação com a montagem do «Museu Etnográfico», como se depreende das viagens feitas a diferentes países europeus «com vista a elaborar um ante-projecto de instalações» (22).

Estudos osteométricos, dermopapilares e um grande incremento dos trabalhos serológicos (estes já iniciados por Tamagnini e Serra) podem ser considerados as principais linhas de investigação que Xavier da Cunha e os seus colaboradores desenvolveram.

Quanto ao ensino da cadeira de Antropologia mantém as grandes linhas de programas anteriores conforme se pode verificar pelo programa publicado para o ano lectivo 1958-1959 (Anexo IX).

É nesta época que arrancam as obras de recuperação do antigo colégio de S. Bento de que viriam a resultar as instalações actuais com espaços adequados para as aulas teóricas (Fig. 2) e aulas práticas (Fig. 3), bem como para a instalação do conjunto dos serviços de apoio. De salientar o esmero com que foram projectados e executados os trabalhos das diferentes fases, até ao bom gosto e pormenor do aspecto decorativo.

JOSÉ DE BARROS NEVES (1963-1974)

O ensino da Antropologia que desde 1963 era assegurado pela assistente da cadeira Dr.^a Susana Almeida Santos, passa em 1965, a estar a cargo do Prof. Doutor F. X. Ferrand de Almeida uma vez que

(21) À data de 1963 o «Agrupamento Científico de Estudos Ultramarinos» contava na secção de Antropologia e Etnologia com os seguintes colaboradores:

Prof. Dr. Alberto Xavier da Cunha
Dr. Fernando Bayolo Pacheco de Amorim
Dr.^a Maria Helena Xavier de Moraes

in: Junta de Investigações do Ultramar, seus organismos. Centro de Documentação de Ciências Ultramarinas, Lisboa, 1963.

Posteriormente (1964), a secção de Antropologia e Etnologia deste organismo passou a designar-se por «Agrupamento Científico de Estudos Antropológicos».

(22) Relatório de Xavier da Cunha, Julho de 1958.



FIGURA 2

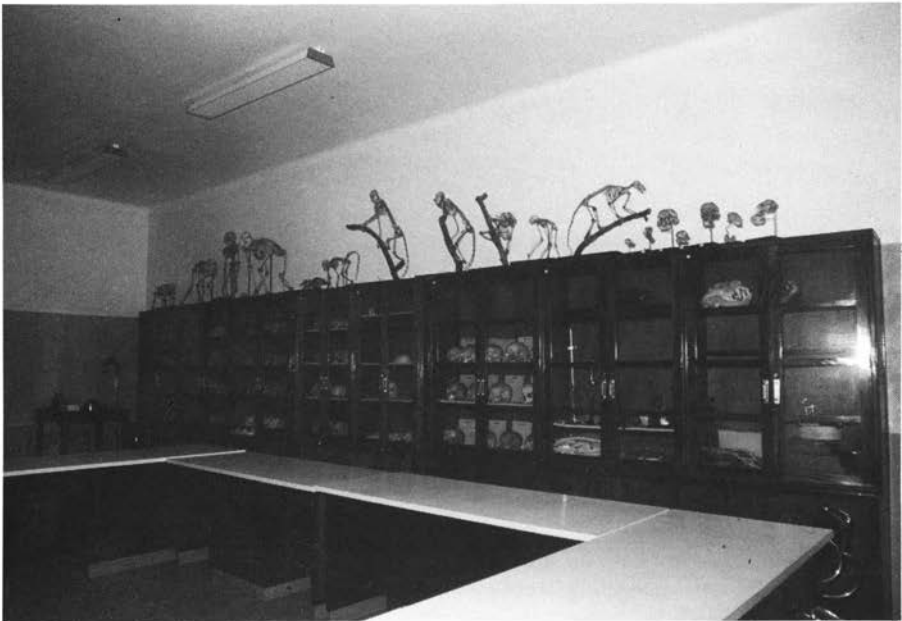


FIGURA 3

continuava a não haver no Museu e Laboratório Antropológico professor da cadeira. Esta situação mantém-se até 1972, data em que se contrata um assistente, em exclusivo, para a Antropologia. Tanto a então assistente Dr.^a Susana Almeida Santos como o Prof. Dr. Ferrand de Almeida ensinavam o programa geral de Antropologia e desenvolveram, essencialmente, a parte de paleontologia humana, fazendo entrar no programa do ensino as numerosas descobertas dos achados fósseis que surgiam cada ano, principalmente em África.

O director do Museu e Laboratório Antropológico sendo, embora, um professor de botânica, procurou dar seguimento ao plano dos predecessores, tanto na área da Antropologia Física como da Antropologia Cultural. Mantém-se a colaboração com a Junta de Investigações do Ultramar através do Agrupamento Científico de Estudos Antropológicos⁽²³⁾.

Deve-se, ainda, ao Prof. Barros Neves e colaboradores a montagem do «Museu Didáctico» de Antropologia Cultural (1966) em que as colecções foram expostas segundo um plano geográfico geral e, dentro de cada área, seguindo de preferência, critérios morfológicos para os diversos grupos de objectos. Este «Museu Didáctico» tem funcionado como uma espécie de «reservas visitáveis», principalmente para estudiosos.

No campo da investigação são de referir os trabalhos de Antropologia no quadro do Centro de Estudos de Ciências Naturais (Instituto de Alta Cultura) de que mais tarde viria a nascer o Projecto de Investigação «Ciências Biológicas» (CB3).

Referindo-se às «actividades de investigação científica do departamento de Antropologia (1972), Barros Neves enuncia:

«Antropologia física, biometria de escolares portugueses, paleoantropologia, serologia, genética humana e etnografia africana»⁽²⁴⁾.

No ano seguinte apresentando um resumo histórico da Antropologia em Coimbra, Barros Neves salienta a importância dada à Antropologia Física, refere as colecções de 505 esqueletos e de dois mil crânios identificados e destaca, ainda, duas novas linhas de investigação: a da

(23) Ao enunciar os domínios de investigação do Museu e Laboratório Antropológico, o então director Prof. Dr. Barros Neves pronuncia-se pela «necessidade de formar um elemento do pessoal investigador no domínio de Etnografia»... para estudar as ricas colecções do Museu. (Ofício 50/1970 de 26-5-1970).

(24) Ofício 121/72 de 22-10-1972.

Antropologia Fisiológica para a qual estava em vias de montagem um laboratório com o apoio do projecto de investigação CB₃ e a Antropologia Cultural para a qual se preparava um investigador no estrangeiro ⁽²⁵⁾.

EVOLUÇÃO RECENTE (1974-1985)

A nova lei de gestão universitária teve como consequência, entre outras, que o Museu e Laboratório Antropológico teve de socorrer-se dos professores de maior afinidade científica à instituição, para presidir à «comissão de gestão» primeiro, e ao «conselho directivo» em seguida. É assim que encontramos os professores Doutora Susana A. Santos e Doutor F. Ferrand de Almeida, que anteriormente regeram a cadeira de Antropologia, a presidirem, respectivamente, à «comissão de gestão» e ao «conselho directivo» tendo em 1981 a presidência da direcção voltado a um professor de Antropologia.

Nesta fase, que corresponde à última década, o ensino da Antropologia passou primeiro por uma situação de redução na medida em que a cadeira que já tinha passado a semestral (1972), passa agora (1975) a ser de opção o que permitiu que, entretanto, se formassem licenciados em Biologia sem quaisquer conhecimentos de Antropologia. Posteriormente, essa anomalia foi corrigida logo que se deu carácter obrigatório (1977) à cadeira de Antropologia Geral para todos os alunos de Biologia, deixando como opção as restantes cadeiras, entretanto, criadas ou a criar. Assim, além da Antropologia Geral, cadeira obrigatória, os alunos podem enriquecer o seu «currículo» nesta área, optando por Antropologia Cultural (desde 1975), Antropologia Biológica (1976), Genética Humana (1978), Introdução às Ciências Sociais (1980), Paleontologia Humana (1983) e Biologia Social (1983).

Quanto a linhas de investigação mantiveram-se os trabalhos de osteometria e antropometria, tendo-se criado ainda uma linha de investigação em biodemografia (projecto apoiado pelo I.N.I.C.) e outra relativa à idade da menarca e da menopausa, além de investigações temáticas sobre as colecções africanas ligadas ao Centro de Estudos Africanos, recentemente criado.

⁽²⁵⁾ Carta ao Director da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 1973.

BIBLIOGRAFIA

- Anuário da Universidade de Coimbra, 1884-1885. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1885.
- Anuário da Universidade de Coimbra, 1885-1886. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1886.
- Anuário da Universidade de Coimbra, 1886-1887. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1887.
- Anuário da Universidade de Coimbra, 1887-1888. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1888.
- Anuário da Universidade de Coimbra, 1901-1902. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1902.
- Anuário da Universidade de Coimbra, 1902-1903. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1903.
- Anuário da Universidade de Coimbra, 1904-1905. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1905.
- Anuário da Universidade de Coimbra, 1912-1913. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913.
- Curso de Antropologia Criminal*. Revista da Universidade de Coimbra, I, 1912, p. 202-203.
- Junta de Investigações do Ultramar, seus organismos* — Lisboa, Centro de Documentação de Ciências Ultramarinas, 1963.
- MACHADO, Bernardino — *Conferências de Pedagogia*, in: A Universidade de Coimbra, Coimbra, Tipografia França Amado, 1908.
- MACHADO, Bernardino — *A Universidade e a Nação: oração inaugural do anno lectivo de 1904-1905, recitada na sala grande dos actos da Universidade, no dia 16 de Outubro de 1904 pelo Ex.^{mo} Snr. Conselheiro dr. Bernardino Machado, lente da faculdade de Filosofia*. Anuário da Universidade de Coimbra, 1904, p. XXIX-XLV.
- MARQUES, A. Oliveira; COSTA, F. — *Bernardino Machado*, Lisboa, Edições Montanha, 1978.
- Projecto de Regulamento da Faculdade de Ciências de Coimbra*, in: «Revista da Faculdade de Ciências», 1931, p. 180-212.
- SUEIRO, M. A. Barbosa — *Doutor Bernardino Machado: 1851-1944*. Separata da «Imprensa Médica», 10 (9), 1944, p. 157-158.
- TAMAGNINI, E.; SERRA, J. — *Subsídios para a história da Antropologia Portuguesa*. Coimbra, 1942.

FACULDADE DE PHILOSOPHIA
PROGRAMMA DA 8.^A CADEIRA
ANTHROPOLOGIA E ARCHEOLOGIA PREHISTORICA
PARA O ANNO LECTIVO DE 1889 A 1890

REDIGIDO PELO LENTE SUBSTITUTO

DR. HENRIQUE TEIXEIRA BASTOS

COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1889

A) ANTHROPOLOGIA

Definição e divisões da anthropologia; seu logar no quadro das sciencias; transição da biologia para a sociologia. Sciencias auxiliares. Breve noção histórica dos progressos da anthropologia; applicações mais notaveis d'esta sciencia.

I Anthropologia zoologica

a) *Characteres anatomicos.*

α) *Osteologia*

Craneo propriamente dicto e face.

Capacidade craneana. Volume facial. Ideia dos methodos de determinação; resultados. Angulos e sua medida; methodos goniometrico, graphico e trigonometrico. Angulos faciaes de Camper, Jacquard, G. S.^t Hilaire e Cuvier, Cloquet, angulo orbito-facial; angulos occipitae de Daubenton e de Broca, angulo basilar de Broca, angulo orbito-occipital; angulo parietal de Quatrefages; angulos orbito-alveolo-condyliano e biorbitario.

Goniometro facial de Broca; goniometros occipitae d'arco e rectangular de Broca; goniometro parietal de Quatrefages. Orbitostato e agulhas orbitarias.

Columna vertebral. Bacia, indices da bacia. Thorax, indice thoracico. Indice scapular. Membros; mão e pé. Caracteres distinctivos dos membros thoracicos e abdominaes no homem e nos quadrupedes; comparação com os dos anthropoides.

Proporções do esqueleto, especialmente dos membros.

β) Brevissima noticia comparada da myologia, angeiologia, splanchnologia e órgãos dos sentidos. Systema nervoso; circumvoluções cerebraes. Peso do cerebro; proporções do encephalo.

b) Caracteres physiologicos.

α) Noção de desenvolvimento intra e extra-uterino no homem e nos anthropoides; diferenças de evolução mais notaveis.

Crescimento do esqueleto; craneo, ossificação das suturas. Evolução do systema dentario. Determinação da idade d'um esqueleto (craneo) no homem e nos anthropoides.

β) Phenomenos psychicos. Religiosidade, moralidade; linguagem articulada. Reino humano de Quatrefages.

c) Conclusões sobre o logar do homem na natureza. Extensão e divisões da ordem dos primatas. Origem animal do homem.

II Anthropologia geral

Seu objecto. Noção de raça em anthropologia.

a) *Characteres anatomicos.*

ã) *Osteologia.*

Composição d'uma serie. Determinação do sexo do esqueleto, especialmente do craneo. Caracteres normaes e anormaes. Deformações craneanas, pathologicas, artificiaes e posthumas; principaes typos de cada um d'estes grupos.

Caracteres cranioscopicos e craniometricos. Indice das medidas e media dos indices. Methodo da seriação. Medidas racionaes e empiricas. Correlação e subordinação de characteres.

Capacidade craneana. Methodos de Broca, Ranke, Busk e Flower e material respectivo. Casos particulares dos craneos muito frageis ou muito mutilados. Causas que influem na capacidade craneana. Capacidade craneana das raças.

Capacidade craneana dos homens de genio e dos criminosos.

Capacidade craneana, no tempo. Indice cephalo-orbitario.

Diametros do craneo. Compasso de espessura e compasso corredeça. Indice cephalico. Classificação dos craneos relativamente ao indice cephalico. Nomenclatura especial d'este indice.

Indices verticaes. Indice mixto de Topinard. Modulo craneano de Schmidt. Circumferencias do craneo.

Indice frontal. Indice stephanico.

Diametros da face. Indice facial. Indice nasal e sua importancia particular. Indice orbitario. Indice palatino. Diametros e angulos da mandibula. Goniometro mandibular.

Methodo das projecções. Planos horizontaes do craneo, especialmente o plano alveolo-condyliano de Broca, o de Munich e o de Schmidt. Instrumentos de projecção. Craniostato e craniophoro de Broca. Suspensor e fio de prumo condyliano. Stereographo e craniographo de Broca.

Prancha de projecções. Processo do duplo esquadro. Craniophoro de Topinard. Applicações do methodo das projecções.

Especies de prognathismo facial; indices e angulos do prognathismo. Angulos faciaes, occipitales, parietal, esphenoidal, dos condylos, etc.

Goniometro facial mediano de Broca. Nivel occipital. Gancho esphenoidal e sonda turcica. Gancho turcico.

Estudo summario do resto do esqueleto. Caracteres singulares — perfuração da cavidade olecraniana do humero, tibia platycnemica, femur de pilastra. Proporções do esqueleto, especialmente dos membros.

β) Estudo muito succinto da myologia, angeiologia e splanchnologia. Systema nervoso. Peso do cerebro e processos de determinação. Circumstancias que influem no peso do cerebro.

Peso do cerebro nas raças. Pesos de cerebros notaveis.

b) *Characteres anthropometricos e descriptivos.*

α) Processos anthropometricos. Proporções do corpo. Estatura. Anthropometro. Circumstancias que influem na estatura.

Distribuição geographica das estaturas. Classificação das raças pela estatura. Cartas da estatura.

Diametros da cabeça. Comparação do indice cephalometrico com o cephalico. Projecções. Angulos. Indice facial. Indice nasal. Indice do cabello.

β) Physionomia em geral. Côr da pelle, dos olhos e dos cabellos. Quadros chromaticos. Natureza dos cabellos. Formas geraes da cabeça, da fronte, do rosto, do nariz, dos labios, das orelhas, etc.

Avental, steatopygia.

c) *Charact. physiologicos.*

α) Comparação do desenvolvimento nas raças. Duração da vida.

Força muscular, pulso, capacidade da caixa thoracica, etc.

Dynamometro de Mathieu, sphygmographo, pneumometro.

β) Funções cerebraes nas raças. Phenomenos intellectuaes, moraes e religiosos.

Linguagem, sciencia, arte, faculdade de cultura, estado social, etc. Ideias de bem, de justiça, de dever, etc. Crenças religiosas, superstições. Progresso intellectual. Evolução da moral e da religião.

d) *Importancia relativa dos characteres estudados.*

Critica das diversas classificações de raças propostas. Condições de uma classificação natural em anthropologia. Typos anthropologicos considerados puros.

Valor taxonomico d'estes typos. Sua origem.

Monogenismo e polygenismo. Formação e extincção das raças. Selecção natural, acção do meio, cruzamentos.

B) ARCHEOLOGIA PREHISTORICA

Tradições dos primeiros povos sobre a sua antiguidade.

Origem da prehistoria; suas relações com a geologia e a história.

Extensão e divisão dos tempos prehistoricos.

a) *Idade da pedra*

α) Período eolithico (terciario).

Vestigios da existencia d'um ser inteligente — silices lascados. Differentes modos de lascar o silex e de o aperfeiçoar. Characteres do lascado intencional. Silices de Thenay (Bourgeois), de Cantal (Rames) e de Portugal (Carlos Ribeiro). Breve noticia sobre o clima, flora e fauna do terciario. Auctor dos silices lascados; hypotheses do *anthropopithec* (Mortillet); e do *dryopithecus Fontani* (Gaudry).

β) Período paleolithico (quaternario).

Divisão d'este periodo em quatro epochas — chelleana, mousteriana, solutreana e magdaleniana.

Industria da primeira epocha. Descripção do instrumento chelleano; seu uso. Distribuição do chelleano; chelleano portuguez (gruta da Furninha). Modos do jazigo. Noções sobre o clima, flora e fauna. Esqueleto de Neanderthal. Craneo de Canstadt; mandibula de la Naulette. Characteres geraes e estado social da raça de Neanderthal. Phenomenos atavicos na actualidade.

Industria da segunda epocha. Principaes instrumentos e seu uso — machado, raspador. Distribuição e modo de jazigo do mousteriano. Noções sobre o clima (epocha glaciaria), flora e fauna.

Craneo de Olmo.

Industria da terceira epocha. Instrumentos caracteristicos — pontas em forma de folha de loureiro, pontas farpadas.

Origem da arte. Distribuição e modo de jazigo. Clima, flora e fauna. Questão do aparecimento da domesticação nesta epocha.

Industria da quarta epocha. Decadencia do silex e apparecimento do osso. Principaes instrumentos de osso — agulhas, azagaias, farpões, bastões de comando, etc.

Objectos de adorno — conchas e dentes perfurados.

Tatuagem. Arte — esculpturas, baixos-relevos, gravuras.

Desenhos geometricos. Character geral da arte magdaleniana. Modo de jazigo e distribuição. Noções sobre o clima, flora e fauna. Esqueleto de la Laugerie-Basse. Mandibula d'Arcy. Caracteres geraes da raça e estado social.

γ) Periodo neolithico (actual).

Passagem dos tempos quaternarios para os actuaes. Epocha robenhausiana. Industria propria. Principaes instrumentos de pedra lascada (laminas, cutelos, percutores, etc.), de pedra retocada (serras, raspadores, pontas de flecha, de dardo e de lança, punhaes, etc.), de pedra polida (machados, goivas, enxós, cinzeis, etc.).

Instrumentos de osso.

Objectos de adorno (collares, anneis de pedra, etc.). Amuletos.

Apparecimento da ceramica. Ausencia de arte. Monumentos megalithicos — menhirs, alinhamentos, cromlechs e antas.

Distribuição do robenhausiano. Robenhausiano portuguez (Furninha, Murgem, Cabelo d'Arruda, etc.).

Modos de jazigo — palafittas, habitações terrestres, abrigos, grutas, kjoekkenmoeddings, antas, etc. Grutas, kjoekkenmoeddings, e antas de Portugal. Noções sobre o clima, flora e fauna.

Raças de Cro-Magnon e de Furfooz. Caracteres physicos e estado social. Apparecimento da brachycephalia. Domesticação dos animaes, agricultura e industrias agricolas. Anthropophagia. Trepanação. Modo de sepultura.

b) *Idade do bronze.*

Seu começo e duração. Principaes instrumentos.

Objectos de adorno.

Estações principaes e epochas a que correspondem (cemiterios de Morges, Larnaud, etc.). Progresso da industria.

Modo de fabrico. Origem do bronze.

c) *Idade do ferro*

Seu começo e duração. Tempos protohistoricos. Principaes objectos.

Estações principaes e epochas a que correspondem (tumulos de Hallstadt, Marne, etc.).

Desenvolvimento da industria. Modo de fabrico. Origem do ferro.

d) Duração total dos tempos prehistoricos. Antiguidade do homem. Evolução progressiva da humanidade.

SOCIEDADE DE ANTHROPOLOGIA DE COIMBRA

ESTATUTOS (*)

TITULO I

Organização da sociedade

Artigo 1.º É fundada em Coimbra uma sociedade com o titulo de SOCIEDADE DE ANTHROPOLOGIA.

Art. 2.º O seu fim é desenvolver os estudos anthropologicos em Portugal.

Art. 3.º Haverá tres categorias de socios: *effectivos*, *correspondentes* e *honorários*, nacionaes ou estrangeiros.

Art. 4.º A assembléa geral será constituída pelos socios residentes em Coimbra.

Art. 5.º A assembléa geral elegerá uma commissão central, de cinco vogais effectivos e cinco supplentes, para dirigir a Sociedade.

Art. 6.º A Sociedade será para todos os efeitos representada pela commissão central.

TITULO II

Dos socios

Art. 7.º Para ser socio efectivo é mistér:

- 1.º ter trabalhos especiaes de anthropologia;
- 2.º ser proposto por dois socios;
- 3.º obter maioria absoluta de votos na assembléa geral;
- 4.º residir em Coimbra.

Art. 8.º As mesmas condições, excepto a ultima, se exigem para os socios correspondentes. Os socios correspondentes estrangeiros poderão, porém, ser nomeados pela commissão central, quando esta o julgue conveniente.

§ unico. Os socios correspondentes serão declarados effectivos, quando residam em Coimbra por mais de seis mêses.

Art. 9.º Os individuos que tenham prestado serviços à Sociedade como socios durante dez annos, ou fazendo parte da commissão central durante cinco annos, poderão ser nomeados socios honorarios por proposta da commissão central, approvada em assemblêa geral.

Poderão egualmente ser declarados socios honorarios os sabios nacionaes e estrangeiros, bem como os individuos que tenham prestado á Sociedade relevantes serviços, quando, propostos pelo menos por quatro socios, obtenham a maioria absoluta de votos em assemblêa geral.

TITULO III

Da commissão central

Art. 10.º A commissão central terá: um presidente, um secretario geral, dois secretarios e um thesoureiro.

As suas funcções são biennaes.

Art. 11.º O mesmo socio poderá ser reconduzido em qualquer dos cargos da commissão central, devendo sempre o novo secretario geral ser escolhido entre os vogaes da commissão cessante.

TITULO IV

Da administração

Art. 12.º As receitas da Sociedade compõem-se:

- 1.º) dos bens e valores de qualquer natureza que lhe pertençam;
- 2.º) das joias, na importancia de 2\$500 réis, pagas no acto da admissão pelos socios effectivos e correspondentes nacionaes;
- 3.º) das quotas mensais de 200 réis pagas pelos sócios effectivos e das annuaes de 1\$000 réis pagas pelos correspondentes nacionaes;
- 4.º) dos donativos e legados feitos á Sociedade por particulares, bem como das subvenções que lhe forem concedidas pelo Estado ou corporações locaes.

Art. 13.º As deliberações da commissão central relativas a alienação, acquisição ou troca de immoveis, bem como a acceitação de donativos ou legados com encargos para a Sociedade, serão subordinadas ao voto da assemblêa geral.

Art. 14.º As collecções da Sociedade nunca poderão ser vendidas. Apenas é permitido á commissão central effectuar trocas com os exemplares duplicados.

TITULO V

Disposições geraes

Art. 15.º Regulamentos especiaes, approvados em assembléa geral, pro-
verão á execução d'estes Estatutos.

Art. 16.º A reforma dos Estatutos só poderá ser votada em assembléa geral
a que assistam dois terços dos socios residentes em Coimbra.

Art. 17.º Em caso de dissolução, a assembléa geral resolverá o destino que
devem ter os bens pertencentes á Sociedade, respeitando as clausulas estipuladas
pelos doadores ou legatarios que hajam previsto este caso, e, a não ser que a
Sociedade expressamente disponha de outro modo, as suas collecções passarão a
ser propriedade do Gabinete de Anthropologia da Faculdade de Philosophia da
Universidade de Coimbra.

(*) O projecto foi votado na reunião preparatoria dos socios fundadores, realizada
no Instituto no dia 4 de abril de 1896, sob a presidencia do dr. Bernardino Machado,
cathedratico de Anthropologia na Universidade de Coimbra, tomando-se para base da
discussão um ante-projecto formulado pelo dr. Antonio Affonso Maria Vellado Alves
Pereira da Fonseca; e foi approved por alvará do governador civil do districto com data
de 10 de fevereiro de 1898.

PROGRAMA DE ANTHROPOLOGIA

1.º SEMESTRE

Introdução

Sumário histórico. — Definição de Anthropologia; HUNDT (1501), KANT (séc. XVIII), etc. Os estudos de TYSON (fins do séc. XVII). A obra de LINNEU, BUFFON, CAMPER, LAMARCK e BLUMMENBACH (séc. XVIII). Fundação das Sociedades Antropológicas (princípios do séc. XIX). A obra de DARWIN, HUXLEY, MECKEL e v. BAER. Extensão dos estudos antropológicos nos meados do séc. XIX: RETZIUS, HUXLEY, VIRCHOW, FLOWER, TURNER, BROCA, etc.

Extensão actual destes estudos: A *Anthropologia Zoológica* e a *Etnológica*; o factor-raça e os problemas sociais.

ANTROPOLOGIA ZOOLÓGICA

A

Anatomia e Morfologia comparadas dos Mamíferos Eutérios

I). — *Aplicação dos princípios da Morfologia à classificação dos Mamíferos:*

Caracteres distintivos e classificação (PARKER & HASWEL) dos Mamíferos; caracteres das subclasses e secções; divisão dos Eutérios em ordens; caracteres morfológicos das diferentes ordens, suas relações recíprocas.

II). — *Os Mamíferos da Ordem Primates:*

α) Classificação de FLOWER & LYDEKER: *Lemuroides* e *Antropoides*. Caracteres gerais destas sub-ordens; divisão dos Antropoides em Famílias; seus caracteres gerais.

β) Anatomia geral dos Primatas:

1). *Lemuroides*. Estudo minucioso dos caracteres do esqueleto. Estudo sumário dos caracteres dos outros sistemas.

2). *Antropoides*. Estudo minucioso dos caracteres do esqueleto do Cercopiteco e do Gorila. Estudo sumário dos outros sistemas.

III). — *Comparação morfológica do crânio dos Simíidos*: Hilóbatas, Simia. Antropopiteco, Gorila.

α) Porção cefálica: contôrno; suturas; cristas.

1) Fossa temporal: suturas do *ptérion*; profundidade da fossa; parede post-orbital.

2) Base do crânio: Fossa glenoide; tubérculo endo-glenoide; bordos do buraco occipital; apófise estiloide.

β) Porção facial:

1) Órbita: contôrno e bordos; sutura lacrimo-etmoidal; gancho lacrimal; sutura infra-orbital.

2) Abertura nasal: contôrno geral; bordos inferiores; espinha nasal; ossos nasais.

3) Palatino: contôrno geral; espinha post-palatina; tuberosidade do maxilar; suturas palatinas.

4) Mandíbula.

5) Dentição: número e caracteres dos dentes.

IV). — *Orientação dos elementos do eixo crânio-facial*. Comparação dos Homínidos com os Simíidos e os outros Eutérios.

V). — *Sistema dentário dos Primatas*. Organização geral; variações de número, forma e posição. Origem dos dentes multituberculados; hipótese de COPE.

B

Embriologia comparada dos Primatas

I). — *Feto humano de termo e de meia gestação*.

α) Caracteres esternos. Estudo sumário dos caracteres esternos mais importantes e distintivos do feto humano; conclusões.

β) Anatomia topográfica. Topografia crânio-cerebral; relações topográficas dos principais órgãos relativamente aos elementos da coluna vertebral; comparação com os Simíidos; conclusões.

γ) Anatomia sistemática. Estudo minucioso dos caracteres do esqueleto; estudo sumário dos caracteres dos outros sistemas; comparação com os Primatas e Mamíferos inferiores; conclusões.

II). — *As primeiras fases do desenvolvimento do feto humano.*

α) Formação dos *âmnios*. Observações de GRAF vom SPEE, SELENCKA, MALL e HUBRECHT; conclusões. A vesícula vitelina; sua significação morfológica no homem; ovo de REICHERT.

β) Fixação do ovo e nutrição do embrião.

1) Modo de fixação do ovo aos tecidos maternos. Caso de LEOPOLD; ovo de PETERS; observações de SELENCKA sobre os Primatas. Opiniões de MARCHAND, ROBINSON e SELENCKA sobre as relações do ovo com os tecidos maternos.

2) A placenta. Importância tassionômica deste órgão; classificação dos Mamíferos segundo a natureza da placenta. Opiniões de HUBRECHT e ROBINSON acerca da origem dos tecidos placentários.

3) Modo de nutrição. A nutrição primária do embrião; a circulação vitelina. A placenta dos Primatas superiores; semelhança com a dos Homínidos; observações de STRAHL.

C

Morfologia comparada das raças humanas

I. — *Variações de conformação anatómica.*

α) Anomalias. Importância e significação das chamadas anomalias atávicas e hereditárias. Enumeração das anomalias mais freqüentes nos Homínidos e que constituem disposições normaes nos Primatas.

β) Divergências do tipo modal. Médias e séries; a noção de tipo e a lei da probabilidade das combinações..

Os cinco tipos de curvas de PEARSON; curvas complexas; sua significação.

A correlação dos caracteres; coeficientes de correlação; métodos de GALTON e PEARSON; teoria da regressão.

II). — *Craniologia e Craniometria comparadas.*

α) Pontos craniométricos; planos de orientação do crânio: alvéolo-condiliano de BROCA e horizontal de Frankfort.

β) Instrumentos e métodos de mensuração:

1) Medidas rectilíneas e curvilíneas. Compassos de espessura; craveiras; craniómetros e cefalómetros. Método das projecções.

2) Medidas angulares. Ângulos faciais; variações com a idade, sexo e raça. Goniómetros. Estereógrafos.

Ângulos esfeno-etmoidal, esfeno-maxilar e forâmimo-basal.

Importância do ângulo esfeno-maxilar como medida do prognatismo.

Ângulos occipitais de DAUBENTON e BROCA.

3) Medidas de capacidade. Capacidade do crânio. Métodos de BROCA, BENEDIKT e POLL. Método de TOPINARD e PEARSON (coef. de correlação). Instrumentos necessários.

Capacidade do canal vertebral.

4) Medidas ponderais. Peso do crânio; variações com a idade, sexo e raça.

Índice crânio-femural.

γ) Índices do crânio; sua significação.

Índices mais importantes: cefálico; vertical; alveolar; nasal; facial; estêfano- zigomático; orbital. Classificação e importância relativa. Variações com a idade, sexo e raça.

δ) Deformações cranianas: sinostósicas; artificiais; patológicas; pós-tumas.

III). — *Osteologia comparada*

α) Coluna vertebral. Vértébras lombares; índice das vértebras lombares; suas variações nos Simíidos e Homínidos; influência da idade, sexo e raça.

Índice lombo-vertebral; suas variações com a idade, sexo e raça; classificação das raças segundo os valores dêste índice.

Índice da curvatura lombar; comparação dos seus valores nos Simíidos e Homínidos; variações com a idade, sexo e raça.

Índice da enselagem.

β) Sacro. Seus caracteres mais importantes; índice sagrado; sua classificação. Comparação dos Homínidos com os Simíidos. Variações com a idade, sexo e raça.

Classificação das raças segundo os valores dêste índice.

γ) Pelve. Caracteres fundamentais da pelve humana; diferenças sexuais.

Índice pélvico; suas variações nos diferentes Eutérios; comparação com os Homínidos. Variações com a idade, sexo e raça.

Índice do osso innominado; comparação dos Homínidos com os Simíidos e os outros Eutérios; variações na família dos Homínidos.

Índice do estreito pélvico. Variações nos Eutérios e nos Simíidos; comparação com os Homínidos; variações nesta Família com a idade, sexo e raça. Classificação das raças segundo os valores do índice.

δ) Thorax. Caracteres gerais do torax humano. Índice torácico; variações nos Eutérios, nos Simíidos e Homínidos.

ε) Cintura escapular. Índice escapular; suas variações; ângulo escápulo-espinal.

ζ) Esterno; caracteres mais importantes.

η) Ossos dos membros.

1) Húmero. Caracteres mais importantes do corpo do osso nos Homínidos e Simíidos; torsão do húmero; ângulo de torsão; variações deste caracter na série dos Primatas e na Família dos Homínidos. Perfuração da fossa olecraniana; variações étnicas do carácter. Obliquidade do antebraço em extensão.

2) Ossos do antebraço.

3) Fémur. Caracteres gerais; anomalias; variações de curvatura da diáfise; variações do ângulo do colo do fémur. Caracteres dos fêmures humanos pre-históricos; comparação com os dos Simíidos.

Frequência do terceiro trocanter. Extensão da superfície articular dos côndilos.

Platimeria; suas diferentes espécies; comparação dos fêmures dos Eutérios. Índice de platimetria; teoria de MANOUVRIER.

4) Tibia. Principais variações morfológicas: retroversão da cabeça da tibia. Platicnemia; teoria de MANOUVRIER; índice de platicnemia; suas variações.

5) Astragalo e calcâneo. Caracteres morfológicos mais importantes.

6) Relações entre os comprimentos dos membros e dos seus segmentos.

Índice intermembral, rádio-humeral, tibio-femural, humero-femural; comparação dos Simíidos com os Homínidos; variações nesta Família, com a idade, sexo e raça.

Classificação das raças segundo os valores dos índices rádio-humeral e tibio-femural.

7) Os ossos longos e a estrutura. Coeficiente de MANOUVRIER; fórmulas de correlação de PEARSON. Reconstrução da estatura a partir dos ossos longos.

IV). — *Antropometria*. Indicação sumária das principais mensurações a efectuar no vivo; aparelhos e métodos de mensuração.

V). — *Morfologia comparada dos tecidos moles*.

α) Pele. Caracteres da pele; pigmentos; variações com a idade, sexo e raça.

Escala cromática de BLUMMENBACH, TOPINARD e BROCA. Classificação das raças segundo a cor da pele.

β) Cabelo. Comparação dos Homínidos com os Simíidos; variações na Família dos Homínidos com a idade, sexo e raça.

Classificação das raças segundo a forma do cabelo — BORY de S.^T VINCENT, HUXLEY. Tipos de forma do cabelo; índice de secção.

Υ) Olhos. Variações da cor; variações étnicas.

δ) Orelhas. Comparação dos Simíidos com os Homínidos; ângulo auriculo-temporal; índice auricular, suas variações na ordem do Primatas. Particularidades de conformação do pavilhão; caracteres de degenerescência.

ε) Nariz. Particularidades de conformação; índice nasal, suas variações na Família dos Homínidos.

ζ) Indicação sumária das particularidades dos outros sistemas de maior importância debaixo do ponto de vista da classificação morfológica das raças humanas.

VI). — *Tipos morfológicos dos Homínidos.*

Aplicação dos princípios da morfologia á classificação dos Homínidos. Critérios fundamentais empregados na classificação das variedades humanas: o índice cefálico, o índice alveolar, a capacidade do crânio. Classificação dos Homínidos em sete grupos: 1) Australiano; 2) Africano (Preto); 3) Andamanense; 4) Eurasiático; 5) Polinésio; 6) Groenlandês; 7) Sul-africano.

Caracteres típicos de cada um dos grupos indicados.

Os Pigmeus; caracteres morfológicos e classificação;

- 1) Grupo Centro-africano: Semang, Aëtas.
- 2) Vedas.
- 3) Pigmeus prèhistóricos da Europa.

D

Paleontologia dos Primatas

I). — *Importância dos estudos paleontológicos para a determinação das relações morfológicas das formas actuais.*

Estudo sumário dos caracteres mais importantes dos restos fósseis dos seguintes Primatas:

- 1) *Lemuroides*: Mègaládapis; Adapis; Anaptomorfus; Nesopitecus.
- 2) *Anthropoides*: *Cébidos*: Homumculus; *Cercopitécidos*: Oreopitecus; Mesopitecus. *Simíidos*: Pliopitecus; Paleopitecus; Pliohilobâtes; Driopitecus; Antropodus.

II). — *O Pithecanthropus erectus.* A descoberta de E. DUBOIS. Opiniões correntes acerca desta forma fossil.

α) Caracteres morfológicos dos restos fósseis do Pithecanthropus.

1) A calote. Dimensões; índice cefálico; sinostoses; arcos supra-orbitais; achatamento da abóbada craniana.

Pêso e volume do cérebro; vestígios de existência da 3.^a circunvolução frontal; posição do diâmetro transverso mássimo; ângulo do plano da nuca.

2) O Fémur. Dimensões e grao de curvatura do corpo do osso; platimeria.

3) Caracteres dos dentes.

III). — *Homínidos fósseis*. — Homo primigenius. Os restos fósseis de Neanderthal, Spy e Krapina.

α) Crânio de Neanderthal: Dimensões; curva sagital mediana; índice da altura da calote; proeminência dos arcos supra-orbitais; compressão post-orbital.

Crânios de Spy. Caracteres morfológicos; comparação com o de Neanderthal.

Crânio de Krapina.

β) Sumário dos caracteres mais importantes dos outros restos fósseis dos mesmos depósitos.

γ) Sumário morfológico dos diferentes esemplares: dimensões dos crânios; índice fronto-parietal; índice da altura da calote; desenvolvimento dos arcos supra-orbitais; ângulo bregmático.

1) Caracteres compreendidos na extensão das variações humanas actuais.

2) Caracteres distintamente simianos.

3) Caracteres intermediários aos dos Simíidos e Homínidos.

δ) Opiniões de vários autores àcerca dos restos fósseis em questão. Opinião de KING, COPE e SCHWALBE: *uma espécie diferente*.

2.º SEMESTRE

ANTROPOLOGIA ETNOLÓGICA

A

O grupo Eurasiático; sua extensão e variabilidade; sub-divisão de Kolmann

I). — *Traços, tipos e raças*. Constituição dos tipos a partir dos traços: o processo antropológico e o processo geográfico.

As raças ou tipos Europeus; classificações de DENIKER, RIPPLEY e SERGI. O índice cefálico, a pigmentação e a estatura considerados critérios morfológicos para a classificação das populações Europeas.

II). — *Estudo sumário da distribuição dos três tipos de RIPPLEY.*

α) França e Bélgica. Variabilidade da população francesa. Zonas de fertilidade e áreas de isolamento. A Saboia, o Auvergne e a Bretanha.

Identidade entre a França septentrional e a Bélgica; Flamengos e Walões.

A Aquitânia: dolococéfalos de Limoges e Perigueux. O tipo de Cro-Magnon, sua sobrevivência na Dordogne.

β) Os Vascos. A questão vasca. Vascos franceses e Vascos espanhóis: tipos morfológicos e afinidades lingüísticas.

γ) O tipo Teutónico: Escandinávia e Germânia.

1) A população norueguesa do sudoeste; suas relações com o tipo alpino; comparação com a população da Dinamarca. Homogeneidade relativa da população sueca.

2) Alemães do norte e Alemães do sul. Teutonização da Francónia; a Baviera e o Wurtemberg; a Áustria e o Salzburgo. A expansão histórica dos germanos.

A acção dos factores mesológicos: Alsácia-Lorena, Vosges, Floresta Negra. O factor económico e a expansão teutónica.

A expansão eslava; suas conseqüências morfológicas. Turingia e Saxónia.

δ) O tipo mediterrânico.

1) Itália. O vale do Pó e o resto da península italiana; o tipo alpino (Piemonte); vestígios teutónicos (Lombardia).

A população de Lucca.

A Calábria; influência das colónias estrangeiras — Albanêses e Gregos.

A Sardenha e a Córsega.

Os Lígures, os Umbros e os Etruscos; suas origens; As provas da arqueologia.

2) Ibéria. Homogeneidade da península. Os Iberos; influências dos Mouros e Sarracenos.

Influência dos Bárbaros do norte.

3) África septentrional. O tipo bérbere; os loiros da Lybia; origens.

ε) O tipo alpino. Suíça, Tirol e Holanda.

Condições geográficas especiais. Burguinhões e Helvetas; estratificação das populações do Tirol.

Frisóis, Francos, Holandêses e Walões.

A questão de Neanderthal. O typo alpino em Zeeland, na Dinamarca e nas Ilhas Británicas.

ζ) As Ilhas Británicas. Valor da posição insular como factor étnico. Distribuição actual dos caracteres morfológicos. Estratos pre-históricos da população britânica. As invasões romanas e teutónicas. Os Anglosaxões, os Norueguêses e os Normandos. A questão da sua origem ibérica — Pictos, Vascos, Silures.

η) Russos e Eslavos. Uniformidade e relativa fertilidade do meio físico. Distribuição da população: Grandes Russos, Russos Brancos e Pequenos Russos; Leto-Lituánios e Finlandêses.

Dualidade do tipo físico na Europa oriental; prioridade da dolicocefalia — os *Kurgans*. As populações aborígenes da Rússia.

θ) Judeus e Semitas. Distribuição geográfica dos Judeus; sua concentração nas cidades. Relações dos Judeus com os Semitas. Os caracteres morfológicos dos Judeus; sua aproximação do tipo das populações entre as quais vivem. Impossibilidade da conservação do tipo puro; provas históricas de cruzamento. Pureza do seu tipo facial; importância da selecção artificial.

Comparação dos Judeus com os Arménios.

ι) O Oriente europeu: Gregos, Turcos e Eslavos; Magiares e Rumanos.

Geografia da península Balkânica; comparação com a Itália e a Ibéria. Importância numérica relativa dos Eslavos, Gregos e Turcos.

1) Grécia. O tipo da antiguidade clássica; cruzamento com as populações do norte — Albanêses e Eslavos. Caracteres do Grêgos actuais.

2) Eslavos. Ilírios e Albanêses, Bósnios e Sérvios. Individualidade física das populações balkánicas.

3) Turcos Osmanlis. Suas afinidades lingüísticas; características alpinas.

4) Rumanos. Distribuição geográfica.

Comparação entre os tipos físicos dos Búlgaros e dos Rumanos. Dolicocefalia característica das populações do vale inferior do Danúbio; sua significação especial.

5) Húngaros. Distribuição geográfica. Origem dos Magiares; caracteres físicos; dificuldades da sua identificação.

κ) O Ocidente asiático. Caucásia, Asia Menor, Pérsia e Índia.

1) Caucásia. Diversidades lingüísticas e morfológicas. Prática das deformações cranianas. Absurdo da teoria da origem caucásica das populações Europeas.

Os diferentes tipos da população caucásica: Lesguianos, Circassianos, Ossetes, Tártaros.

2) Ásia Menor e Mesopotâmia. Dificuldades do estudo. Dualidade do tipo físico: Iranianos e Armenoides. Prática da deformação craniana. Kurdos e Arménios; importância do tipo armenoide.

3) Pérsia. O meio; ausência de segregação forte. Três sub-variedades de persas: os Semitas, os Tártaros Azeibeidjian e os Turcomános, e os Suzianos.

4) Índia. O Pamir e a sua importância na separação dos tipos étnicos. Hindus e Galchas. Afinidades dos Turcomános com a raça alpina.

B

Origens Europeas

A confusão entre as noções de raça, linguagem e cultura; suas consequências. A questão Áriana.

I). — *Origens físicas*. Caráter secundario das populações Europeas; a forma do cabelo.

Composição morfológica do estrato étnico mais antigo.

O tipo teutonico considerado como uma variedade nova produzida pela acção combinada do meio e da selecção. Aparecimento posterior do tipo alpino; suas origens.

II). — *Origens lingüísticas*. Noção sumaria dos resultados a que se tem chegado acerca das afinidades morfológicas das linguagens Europeas.

III). — *Origens da cultura*.

α) Noções sumarias acerca da evolução da industria Europea indigena — ocidental e meridional: instrumentos, gravuras e desenhos em pedra, osso, marfim e cobre; construção de dolmens e habitações de pedra; fabrico de louça; sistemas de escrita e numeração, etc.

β) A civilização de Hallstatt; suas afinidades orientais — as *situlae*.

As idades do bronze e do ferro; Kaban no Caucaso, Olympia e Mycanas.

Afinidades étnicas das populações Hallstattianas; comparação com os Umbros e os habitantes dos lagos.

γ) As civilizações primitivas da Itália. Terramare e palaffitae. Umbros e Etruscos.

δ) Estado da cultura na Europa Norte ocidental; seu atraso relativo. Prolongamento da sua idade da pedra.

C

Os Problemas sociais

I). — *Importância relativa das forças hereditarias e do meio ambiente.*

Resultado dos estudos efectuados no Laboratório Galton, de Londres.
Importância e objecto da *Eugénica*.

II). — *A mobilidade das populações Europeas.*

α) Correntes da emigração interna e esterna. As correntes como centros de atracção.

β) Processos de selecção social; morfologia comparada das populações rurais e urbanas.

III). — *O futuro geografico das raças Europeas.*

α) O problema da aclimação; predisposições étnicas para certas doenças. Efeitos do cruzamento.

β) Efeitos fisiológicos da mudança de clima.

γ) Aptidões comparadas das populações Europeas; vantagens de tipo teutónico.

Imp. da Univ., 1911. — R. 6620

CURSO DE ETNOGRAFIA COLONIAL

A) 1. Importância para os povos colonizadores do conhecimento exacto da etnografia dos indígenas das suas colónias.

2. Dificuldades que oferece este estudo. Cuidados necessários na observação e interpretação dos factos.

B) África

1. Elementos constitutivos da população da África em geral e especialmente das colónias portuguesas.

2. Os povos Bantus:

a) Constituição da família e organização social.

b) Autoridade dos régulos e dos feiticeiros, ideias religiosas, modificações que estas sofrem pelo contacto do Cristianismo e do Islamismo.

c) Tradições. Folklore. Linguística.

d) Artefactos: armas, utensílios, instrumentos musicais.

3. As populações Bantus do norte e centro de Angola.

4. Os Hottentotes — mistura destes com os Bantus no sul de Angola.

5. As populações Bantus da Zambézia e norte de Moçambique: Sua mistura no norte com elementos de outras origens, importância de cada um desses elementos.

6. Os Zulus. Diferenças dos outros Bantus. Origem provavelmente mixta de Bantus e Hottentotes. Carateres especiais destes povos sob os pontos de vista já enumerados; importância deste elemento da população.

7. As populações mixtas de Cabo Verde, Guiné e S. Tomé.

C) Índia

1. Civilização da Índia. Elementos diversos em que é formada a sua população.

2. População da Índia portuguesa em especial.

a) Organização social.

b) Religiões.

c) Linguística; folklore.

d) Indústria e arte.

D) Macau

A população chinesa de Macau considerada sob os pontos de vista enumerados para a Índia.

E) Timor

1. Elementos constitutivos da população desta ilha.
2. Estudo desta população sob os pontos de vista enumerados para os Bantus.

200 — Imp. da Univ. — 912-913

PROGRAMA DO CURSO LIVRE DE ANTROPOLOGIA CRIMINAL

(1912-1913)

1.º semestre

A) Lições magistrais

- I. *Introdução histórica.* — Essencia e extensão da antropologia criminal.
- II. *Embriologia do delito.* — Equivalente do delito nos animais, nas sociedades selvagens e primitivas, nas creanças.
O atavismo do delito. Causas mórbidas do delito.
- III. *Caracteres antropológicos dos delinquentes.* — Caracteres anatómicos, funcionais e psíquicos.
O tipo criminal.
- IV. *Factores físicos e sociais do delito.* — Factores pessoais, sociais, físicos e climáticos, psíquicos.
- V. *Classificação dos criminosos.* — Criminosos natos, habituais, ocasionais, loucos.

B) Prática laboratorial

Instrumentos e métodos.

Organização e serviços dos postos antropométricos

- I. — Conhecimento, descrição e mensuração do crânio e dos ossos mais importantes do esqueleto humano.
- II. — Conhecimento dos métodos empregados na mensuração do vivo.
- III. — Estatística antropológica. Coeficientes de correlação. Avaliação da estatura a partir do comprimento dos ossos longos, do pé, da mão, dos dedos, etc.
Erros prováveis destas determinações.
- IV. — Exame e estudo das pégadas, impressões das mãos, dedos, unhas, dentes, etc.
Processos práticos de recolher e conservar estes vestígios.

V. — Importância das impressões digitais. Os diferentes sistemas de classificação destas impressões.

(Galton, Vucetich, Daae, etc.).

Fixas dactiloscópicas.

VI. — Processos de revelação das impressões latentes deixadas no papel, vidro, louça, madeira, etc.

VII. — Sistemas de identificação. Bertilhonagem e dactiloscopia.

Vantagens das fixas completas.

VIII. — Organização dos arquivos dos postos antropométricos.

REGULAMENTO INTERNO DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA

Art. 1.º O Instituto está aberto todos os dias úteis das 8 horas da manhã às 5 da tarde.

Art. 2.º Os assistentes são obrigados a permanecer no Instituto o mínimo de 4 horas por dia.

Art. 3.º Além dos serviços docentes o Director, pôde distribuir aos assistentes quaisquer trabalhos de investigação sciêntífica.

§ 1.º Ao 1.º assistente compete ainda o serviço de catalogação da Biblioteca.

§ 2.º O 2.º assistente tem a seu cargo todo o serviço de Fotografia.

Art. 4.º O Preparador e Conservador, bem como o restante pessoal, é obrigado a permanecer no Instituto das 8 da manhã às 5 da tarde, não podendo ausentar-se durante este tempo sem licença do Director.

§ único. Ao Preparador e Conservador compete: a preparação, montagem, arranjo e conservação dos exemplares das colecções; os serviços de mensuração e dactiloscopia do posto antropométrico; o arranjo e conservação do instrumental e a organização do respectivo inventário; a organização das folhas de pagamento aos fornecedores e do serviço do pessoal.

Art. 5.º Os trabalhos práticos dos alunos terão lugar nos dias e horas marcadas pelo professor.

§ 1.º Os alunos são responsáveis pelas avarias causadas no material e pelos extravios a que derem motivo.

§ 2.º Não sendo conhecidos os autores das avarias ou extravios serão solidariamente responsáveis os alunos da respectiva turma, que não provarem ser estranhos a tais prejuizos.

Art. 6.º Os alunos podem consultar os livros da Biblioteca, das 8 da manhã às 5 da tarde, mediante uma requisição escrita.

§ único. O Director pôde autorizar a saída de livros por empréstimo durante um prazo determinado.

Art. 7.º É proibido fumar nas salas de trabalho e conspurcar os pavimentos e paredes por qualquer forma.

Coimbra, 29 de Novembro de 1915.

O DIRECTOR DO INSTITUTO,

Dr. Eusébio Tamagnini

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS

1939 - 1940

PROGRAMA

DA

24.^a cadeira — Antropologia

Definição e objecto da Antropologia: História natural do Homem como forma animal.

I — Aplicação dos princípios da Morfologia à classificação dos Mamíferos. Os Mamíferos da ordem Primates: *Lemuroides* e *Antropoides*.

Sistemática dos Antropoides: *Hilobatidos* e *Antropomorfos*. Divisão dos Antropomorfos em géneros: *Simia*, *Anthropopithecus*, *Homo*.

II — *Morfologia comparada dos Hominidos actuais*. Os métodos da antropologia. Antropometria; morfologia comparada dos tecidos moles. Osteometria; craniometria.

Os tipos morfológicos dos Hominidos actuais.

III — A evolução dos Primatas; Primatas fósseis. Antropomorfos de Plioceno; *Drypithecus germanicus*.

O estádio Anthropus da filogênese humana: *Pithecanthropus*; *Sinanthropus*; *Africanthropus*.

Os homens primitivos do período glacial: A mandíbula de Mauer. Os neandertalenses. O *Homo soloensis* e o *Homo rhodesiensis*. O *Eoanthropus de Piltdown*.

Os tempos glaciares e a evolução da cultura humana. Os homens do paleolítico recente: *Homo sapiens fossilis* — *Predmost*; *Combe-Capelle*; *Cro-Magnon*; as raças de *Grimaldi*. Importância filética dos homens do paleolítico antigo para o estudo da evolução da humanidade actual.

Os Homens do mesolítico e do neolítico.

As noções de espécie e de raça à luz dos princípios da Genética. A unidade específica da Humanidade actual.

MINISTÉRIO DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

SECRETARIA GERAL

Portaria n.º 7:948

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que sejam aprovados os estatutos da Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos, que fazem parte da presente portaria e vão assinados pelo mesmo Ministro.

Ministério da Instrução Pública, 14 de Dezembro de 1934. — O Ministro da Instrução Pública, *Eusébio Tamagnini de Matos Encarnação*.

Estatutos da Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos

CAPÍTULO I

Objecto, sede e duração da Sociedade

Artigo 1.º É fundada em Coimbra uma sociedade denominada Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos, que se regerá pelas disposições destes estatutos.

Art. 2.º A Sociedade propõe-se os fins seguintes:

a) Promover o estudo científico de todas as questões pertencentes aos domínios da hereditariedade e eugenia que possam contribuir para a conservação e progresso da espécie humana e, em especial, para o aperfeiçoamento físico, intelectual e moral da população portuguesa;

b) Fazer a mais larga difusão dos conhecimentos adquiridos em matéria de hereditariedade e eugenia e dos resultados obtidos nos países estrangeiros, por forma a criar-se em Portugal uma forte corrente de opinião a favor da adopção de medidas razoáveis de profilaxia social e a desenvolver-se em cada indivíduo o sentimento das suas responsabilidades para com a prole;

c) Sugerir e apoiar as medidas que sejam praticamente conducentes à constituição eugénica da família e à defesa eugénica da população portuguesa;

d) Fomentar o ensino eugénico na família, nas escolas e nas várias corporações e associações portuguesas;

e) Publicar regularmente um arquivo de estudos eugénicos, onde serão insertos os resultados das investigações e estudos effectuados em matéria de hereditariedade e eugenia e se dará notícia resumida do movimento eugénico internacional;

f) Promover a criação do Instituto de Eugenia.

Art. 3.º A Sociedade abster-se-á de qualquer actividade política ou religiosa.

Art. 4.º A Sociedade tem a sua sede em Coimbra, mas podem constituir-se secções locais.

§ único. Ficam desde já constituídas as secções de Lisboa e Pôrto.

Art. 5.º A duração da Sociedade é por tempo ilimitado.

CAPÍTULO II

Dos sócios

Art. 6.º Haverá cinco classes de sócios: fundadores, efectivos, correspondentes, beneméritos e honorários.

§ 1.º São sócios fundadores os indivíduos que assinarem estes estatutos.

§ 2.º São sócios efectivos as pessoas que, como tais, forem admitidas pelo conselho de direcção.

§ 3.º São sócios correspondentes os indivíduos, nacionais ou estrangeiros, que residirem fora de Coimbra, Lisboa e Pôrto, ou de localidade onde não funcione uma secção, e que, como tais, sejam aprovados pela direcção.

§ 4.º São sócios beneméritos os indivíduos que tenham contribuído para o progresso da Sociedade e que a assembleia geral, sob proposta do conselho de direcção, julgue dignos dessa distinção.

§ 5.º São sócios honorários os indivíduos que durante dez anos tenham prestado à Sociedade serviços relevantes como sócios fundadores ou efectivos, os indivíduos, nacionais ou estrangeiros, que tenham publicado trabalhos notáveis sobre assuntos de eugenia ou com ela directamente relacionados, e quaisquer outros indivíduos que tenham prestado à Sociedade serviços de excepcional relêvo.

O diploma de sócio honorário será conferido pela assembleia geral, sob proposta da direcção.

Art. 7.º Os sócios efectivos são admitidos pelo conselho de direcção mediante proposta escrita e assinada por dois sócios fundadores ou efectivos.

Art. 8.º Os sócios fundadores e efectivos pagarão a cota semestral que fôr fixada pela assembleia geral. As secções podem elevar esta cota até aonde fôr

necessário para a sua manutenção, sendo êste aumento receita exclusiva da secção.

§ único. Podem ser admitidos como sócios efectivos as corporações, que pagarão uma quota semestral mais elevada do que a dos sócios individuais, fixada pela assembleia geral.

Art. 9.º Os sócios fundadores e efectivos são obrigados a desempenhar os cargos para que tiverem sido eleitos, salvo caso de alegarem escusa que a mesa da assembleia geral considere legítima.

Art. 10.º Os sócios fundadores e efectivos gozam dos seguintes direitos:

- a) Eleger os ser eleitos para os cargos da Sociedade;
- b) Tomar parte nos trabalhos da assemblea geral, discutir e votar sôbre todas as questões nela ventiladas;
- c) Fazer propostas e consultas ao conselho de direcção, solicitar dêle informações e esclarecimentos sôbre assuntos eugénicos;
- d) Servir-se das instalações e material da Sociedade, em conformidade dos regulamentos estabelecidos da direcção.

§ único. Quando o sócio seja uma colectividade, os direitos serão exercidos por intermédio do presidente da sua direcção ou administração ou da pessoa que o respectivo conselho designar.

Art. 11.º Os sócios correspondentes são admitidos pelo conselho de direcção sob proposta escrita, assinada por dois sócios fundadores ou efectivos.

Art. 12.º Os sócios correspondentes pagarão uma cota semestral igual a metade da cota fixada para os sócios fundadores e efectivos e gozarão dos direitos consignados nas alíneas c) e d) do artigo 10.º. Terão, além disso, o direito de receber as publicações oficiais da Sociedade com desconto de 50 por cento sôbre o preço de venda.

Art. 13.º Os sócios beneméritos e honorários são propostos pelo conselho de direcção e aprovados pela assemblea geral; mas, para que seja válida a aprovação, é necessário que à sessão da assemblea assista a maioria absoluta dos sócios efectivos e fundadores.

Art. 14.º Os sócios beneméritos e honorários são isentos do pagamento de cotas e gozam dos direitos mencionados nas alíneas c) e d) do artigo 10.º.

Art. 15.º Perdem a qualidade de sócios:

1.º Os que declararem, por comunicação escrita feita à direcção, que querem deixar de ser sócios;

2.º Os que deixarem de pagar as quotas de dois semestres sucessivos ou de quatro interpolados, depois de avisados pela direcção, com a antecipação de trinta dias, para efectuarem o pagamento.

3.º Os que se recusarem a exercer os cargos para que tiverem sido eleitos, quando não tenham alegado escusa ou quando tenha sido julgada improcedente a escusa alegada;

4.º Os que, por qualquer forma, prejudicarem os interesses da Sociedade.

CAPÍTULO III

Da direcção

Art. 16.º A direcção e administração da Sociedade incumbe a um conselho composto de cinco membros, dos quais um será o presidente, outro o secretário e outro o tesoureiro.

Art. 17.º O presidente do conselho de direcção será o representante da Sociedade em juízo e fora dêle.

§ único. Na falta ou impedimento do presidente as suas funções serão exercidas pelo mais velho dos vogais do conselho.

Art. 18.º Compete ao conselho de direcção:

1.º Admitir os sócios efectivos e correspondentes e propor à assemblea geral os sócios beneméritos e honorários.

2.º Declarar a perda da qualidade de sócios, nos termos dos n.ºs 2.º, 3.º e 4.º do artigo 15.º;

3.º Propor à assembleia geral a fixação da cota dos sócios fundadores, efectivos e correspondentes;

4.º Preencher as vagas que ocorram no seu quadro antes de terminado o período de gerência;

5.º Administrar todos os negócios e interesses da Sociedade;

6.º Prestar contas à assemblea geral no que respeita à gestão financeira da sociedade;

7.º Apresentar à assemblea geral um relatório em que se registem os factos relativos à vida científica da sociedade e à sua influência no meio social;

8.º Prover a tudo o que diga respeito à actividade científica e social da Sociedade.

§ único. Da decisão de excluir um sócio com fundamento no n.º 4 do artigo 15.º cabe recurso para a assemblea geral.

Art. 19.º O conselho pode deliberar desde que esteja presente a maioria absoluta dos seus vogais. Para haver vencimento são necessários três votos. Em caso de empate, o presidente, ou quem o substituir, tem voto de qualidade.

Art. 20.º De cada sessão do conselho o secretário lavrará, em livro especial, uma acta em que regista as decisões tomadas e, em resumo, os fundamentos que as justificaram. As actas serão lidas, aprovadas e subscritas na sessão imediata, salvo caso de urgência, em que poderão ser logo redigidas e aprovadas.

§ único. A assinatura do presidente e dos secretários certifica que a acta foi aprovada.

Art. 21.º O conselho é eleito por três anos. Qualquer vogal pode ser reeleito sem restrições.

§ único. A votação é feita por escrutínio secreto. As listas conterão a indicação do presidente, do secretário e do tesoureiro.

CAPÍTULO IV

Das secções

Art. 22.º Para promover a expansão da Sociedade e facilitar a realização dos seus objectivos podem constituir-se secções nas localidades em que haja elementos úteis de trabalho e propaganda.

Art. 23.º A constituição de qualquer secção será requerida, pelo menos, por dez sócios fundadores, efectivos ou correspondentes, e depende de aprovação do conselho de direcção.

§ único. Da recusa do conselho de direcção cabe recurso para a assemblea geral.

Art. 24.º As secções serão dirigidas por um conselho de três membros: presidente, secretário e tesoureiro.

Art. 25.º As secções exercerão a sua actividade em harmonia com estes estatutos e sob a superintendência do conselho central de direcção.

Art. 26.º As secções podem ter regulamentos privativos que não contrariem estes estatutos. Êsses regulamentos serão aprovados pelo conselho central.

CAPÍTULO V

Da assemblea geral

Art. 27.º A assemblea geral é o órgão supremo da Sociedade. Exerce superintendência sobre a actividade do conselho de direcção e resolve em última instância todos os assuntos que interessem à vida da Sociedade.

Art. 28.º A assemblea geral pode ser ordinária e extraordinária. A assemblea ordinária reúne-se de três em três anos, no mês de Novembro. A assemblea extraordinária reunir-se-á quando fôr convocada, mediante solicitação do conselho de direcção ou de dez sócios fundadores ou efectivos.

Art. 29.º Compete à assemblea ordinária:

- 1.º Aprovar o relatório e contas da direcção;
- 2.º Eleger os membros do conselho de direcção e da mesa da assemblea geral;
- 3.º Aprovar as propostas de sócios beneméritos e honorários;
- 4.º Fixar as cotas dos sócios fundadores, efectivos e correspondentes;
- 5.º Deliberar sobre todos os assuntos incluídos na ordem do dia.

Art. 30.º As assembleas serão convocadas pelo presidente da assemblea geral, com a antecedência de quinze dias, por meio de carta dirigida a todos os sócios fundadores e efectivos na secção, e devem também convidar estes sócios para uma reunião, que terá lugar até cinco dias antes da data fixada para a assemblea geral.

Art. 31.º Recebido o aviso de convocação da assemblea geral, os presidentes das secções devem transmiti-lo imediatamente a todos os sócios fundadores e efectivos inscritos na secção e devem também convidar estes sócios para uma reunião, que terá lugar até cinco dias antes da data fixada para a assemblea geral.

Art. 32.º Os sócios fundadores e efectivos inscritos numa secção podem tomar parte directa na assemblea geral ou fazer-se representar. Os que quiserem assistir à assemblea devem declará-lo ao presidente da secção até ao momento da reunião a que se refere o artigo anterior. Nesta reunião escolher-se-á o representante dos sócios que não tenham declarado querer tomar parte directa nos trabalhos da assemblea geral e poderá deliberar-se sobre a atitude que o mesmo representante deva assumir.

§ único. Se não fôr possível realizar-se a reunião, o representante da secção será o seu presidente.

Art. 33.º O representante de cada secção disporá do número de votos equivalente ao cociente da divisão por 20 do número de sócios fundadores e efectivos inscritos na secção, excluídos aqueles que tenham feito a declaração mencionada no artigo anterior.

Se o número não fôr divisível por 20, acrescerá um voto quando a fracção restante seja de 10 ou mais de 10.

§ único. O presidente da secção deve comunicar ao presidente da assemblea geral, até ao momento de esta começar, o nome do representante da secção, o número de votos de que dispõe e os nomes dos sócios que fizeram a declaração a que alude o artigo 32.º.

Art. 34.º A mesa da assembleia geral será constituída por um presidente e dois secretários, eleitos por um triénio.

Art. 35.º A assembleia geral pode funcionar, em primeira convocação, desde que esteja presente a maioria dos sócios fundadores e efectivos residentes na sede, e em segunda convocação por qualquer número.

§ único. Para a alteração dos estatutos, a dissolução da Sociedade ou a extinção de qualquer secção local é necessária a presença de dois terços de todos os sócios fundadores e efectivos.

CAPÍTULO VI

Da dissolução da Sociedade

Art. 36.º A iniciativa da dissolução da Sociedade pode partir:

- a) Do conselho de direcção;
- b) Dos corpos gerentes de todas as secções;
- c) Da quarta parte dos sócios fundadores e efectivos inscritos na sede e nas secções.

A proposta de dissolução deve ser dirigida ao presidente da assemblea geral e indicar com precisão as razões que a justificam.

Art. 37.º Quando a proposta satisfaça o disposto no artigo anterior, o presidente da assemblea geral deve convocar, dentro de trinta dias, uma assemblea extraordinária para deliberar sobre o assunto.

Se votar a dissolução, a assembleia resolverá sobre o destino a dar aos haveres da Sociedade, que só poderão ser aplicados a fins eugénicos.

Ministério da Instrução Pública, 14 de Dezembro de 1934. — O Ministro da Instrução Pública, *Eusébio Tamagnini de Matos Encarnação*.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE CIÊNCIAS

1958 - 1959

PROGRAMA

DE

Antropologia

Definição e objecto da Antropologia. Antropologia cultural e antropologia física. Os mamíferos da ordem *Primates*; classificação dos Primatas. Morfologia comparada dos Hominídeos actuais: os métodos da antropologia física; antropometria; morfologia comparada dos tecidos moles; osteometria; craniometria; métodos estatísticos; métodos genéricos. Os tipos morfológicos dos Hominídeos actuais. A evolução dos Primatas: noções de paleontologia humana; os homens do paleolítico, mesolítico e neolítico e a evolução da cultura humana. As noções de espécie e de raça à luz dos princípios da genética; a unidade específica da humanidade actual.



Biblioteca

Isilda Figueiras

Para descrever a Biblioteca do Museu e Laboratório Antropológico, vamos procurar fazê-lo dividindo a exposição em três etapas: o que foi, o que é o que deve ou pretende ser.

Ao começar pelo primeiro ponto, o que foi, temos que remontar a 1852. Na obra de Joaquim Augusto Simões de Carvalho, *Memória Histórica da Faculdade de Philosophia*, 1872, na p. 130 pode ler-se: «Em 4 de Março (1852) approvou-se a proposta da fundação da uma bibliotheca especial da Faculdade de Philosophia, aproveitando do deposito de livros das extintas ordens religiosas, actualmente existentes no edificio do Collegio das Artes, as obras de que houver exemplares em duplicado, e preferindo as que mais convierem ao estudo das sciencias physicas e naturaes». Na p. 134, e ainda referente ao mesmo ano: «Em Conselho de 15 de Dezembro foi auctorisada a despesa necessaria para a fundação da bibliotheca da Faculdade no museu». Respeitante ao ano de 1853, na p. 135 da obra supracitada, verificamos que «A bibliotheca da Faculdade appareceu organizada nas salas do pavimento terreo do museu, e recebeu a primeira visita do Conselho, votando-se louvores ao dr. Marques e vice-reitor da Universidade pela fundação de tão util estabelecimento» ⁽¹⁾

Esta biblioteca facilitou a consulta das obras necessárias ao ensino e investigação das Ciências Físicas e Naturais, mas nunca foi dotada com

⁽¹⁾ Existe nesta Biblioteca um catálogo manuscrito das obras que, do depósito geral da Biblioteca da Universidade, no Colégio das Artes, foram para a Biblioteca da Faculdade de Filosofia. Na parte final deste catálogo há uma declaração assinada, das obras que a Biblioteca recebeu, por Manuel Marques de Figueiredo, Manuel dos Santos Pereira Jardim e Joaquim Augusto Simões de Carvalho e datada de Julho de 1853.

orçamento e funcionários próprios. Talvez por isso, apenas teve uma existência de 60 anos.

Os diferentes ramos da ciência desenvolvem-se e ramificam-se. As instalações tornam-se apertadas. Há deslocções de secções e museus para outros edifícios, sendo acompanhadas pelos livros e publicações periódicas mais dentro dos seus âmbitos científicos. A primeira biblioteca especializada a individualizar-se dentro desta faculdade, deve ter sido a do Instituto Botânico (1870) seguindo-se outras. Em Novembro de 1890 verificamos que a Biblioteca Especial da Faculdade de Filosofia, conhecida já por Biblioteca do Museu, está ligada aos Gabinetes de Zoologia, Mineralogia e Antropologia, mantendo-se assim ainda em 1901 como se pode verificar pelo decreto de 24 de Dezembro deste ano. Por este decreto, o preparador do Museu e Laboratório Antropológico tem também como funções a guarda da Biblioteca Geral do Museu, que antes pertencia ao conservador e preparador para a cadeira de Mineralogia e respectivo gabinete, por Carta de Lei de 7 de Maio de 1878.

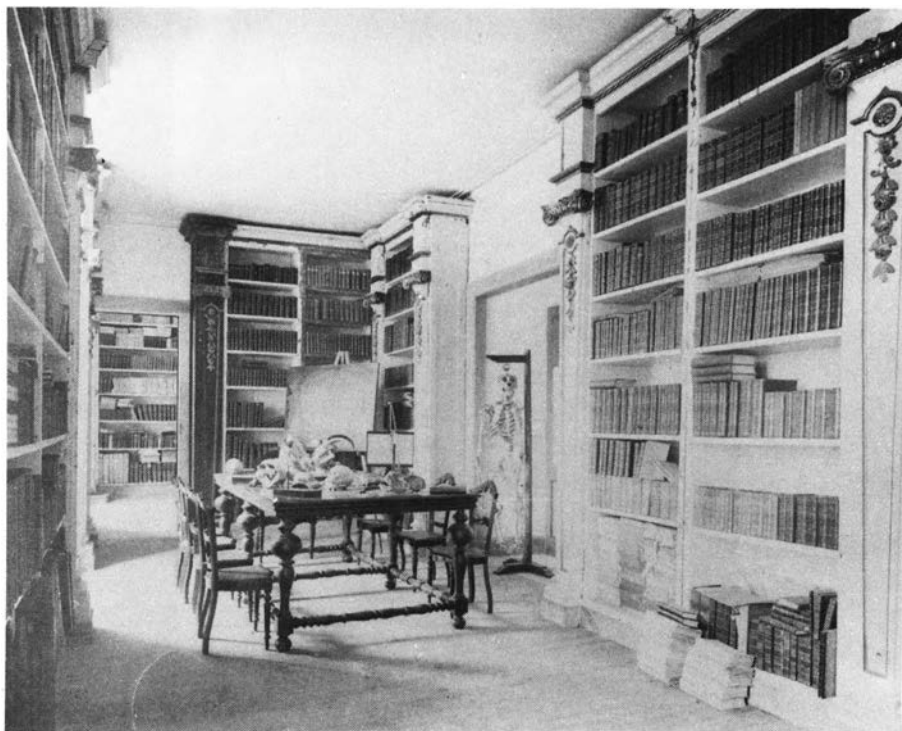


FIGURA 4

Data de 1902 uma colecção de fotografias da autoria de A. Bobone, Lisboa, em duas das quais se reproduz o Gabinete de Antropologia e respectiva biblioteca ainda integrada na Biblioteca do Museu (Fig. 4).

De 1911 há relações de livros que desta biblioteca central foram para diversas bibliotecas especializadas.

O último volume do «Anuário da Universidade», que pertence à Biblioteca do Instituto de Antropologia (Museu e Laboratório Antropológico) e que na encadernação tem a indicação de «Museu de História Natural» é datado de 1913-14.

Em 1919 o Museu e Laboratório Antropológico ocupa edifício próprio, o Colégio de S. Boaventura à Feira, no local onde se encontra presentemente a Faculdade de Medicina.

Neste edifício a Biblioteca ocupa duas salas: uma, a secção dos livros, com orientação leste-oeste, situava-se na zona ocidental do edifício, no 2.º pavimento, que correspondia ao rés-do-chão (Fig. 5). A outra sala correspondia à secção das publicações periódicas, situada por cima da primeira, no 3.º pavimento (Fig. 6).

O director do Instituto de Antropologia, Eusébio Tamagnini (1907-1950) deu uma atenção especial a certos aspectos técnicos da Biblioteca



FIGURA 5



FIGURA 6

preparando-a para ser «um instrumento efectivo de trabalho científico sério» (Tamagnini, 1941).

No *Regulamento Interno do Instituto de Antropologia*, 1915, no artigo 3.º, «parágrafo 1.º — Ao 1.º assistente compete ainda o serviço de catalogação da Biblioteca» (2). Foi realmente dada uma atenção especial à catalogação. Em 1942, existem 114 títulos de publicações periódicas, aproximadamente 5000 monografias (livros e separatas) e organizados os catálogos onomástico e ideográfico com 100 000 fichas aproximadamente (E. Tamagnini e J. A. Serra — *Subsídios para a história da Antropologia Portuguesa*). Por volta de 1930, há pessoal que é pago através do Comissariado do Desemprego que tem como função a dactilografia de fichas.

(2) Nesta altura não há em Portugal técnicos especializados em Biblioteconomia. O 1.º Curso de Bibliotecário-Arquivista é criado pelo Decreto-Lei n.º 26 026, de 7 de Novembro de 1935, e substituído pelo Curso de especialização em Ciências Documentais pelo Decreto n.º 87/82, de 13 de Julho. O primeiro curso-estagiário de habilitações para pessoal médio das bibliotecas universitárias é ministrado em 1973, tendo continuidade apenas a partir de 1980, em Coimbra, e sendo para todos os técnicos auxiliares de Biblioteca e Serviços de Documentação.

Em 1949, o Museu e Laboratório Antropológico é transferido para o edifício do antigo Colégio de S. Bento e aqui tem permanecido a biblioteca, mesmo durante os quatro anos (1960-1964) de trabalhos de restauração do edifício, ocupando as actuais instalações a partir de 1965, aproximadamente.

Nem sempre as condições foram óptimas, pois houve períodos em que o preparador, que tinha a seu cargo as funções administrativas, era também o responsável pelo registo das obras, catalogação, arrumação e empréstimo, só a indexação é que era feita por um professor ou um investigador.

Alguns problemas acumularam-se e arrastaram-se até hoje.

Em 1944, nota-se a falta de um catalogador, mas só passados doze anos (1956) é que a biblioteca passa a ter um catalogador, pessoal contratado além do quadro, que tem como principal função a reprodução dactilográfica das fichas de entradas bibliográficas. São precisos mais vinte e seis anos, para ter um bibliotecário.

Verifica-se que há pedidos de alargamento dos quadros de pessoal por volta de 1960, altura em que há um aumento significativo da frequência de alunos nas Escolas Superiores. Os problemas verificam-se também nas dotações orçamentais para compra de livros e assinatura das publicações periódicas. Algumas obras foram compradas através de subsídios da Fundação Sá Pinto, do Agrupamento Científico de Estudos Ultramarinos da J.I.U. (I.I.C.T.) e do Centro de Estudos de Ciências Naturais, mas a maior parte é obtida através de permutas e ofertas.

Presentemente, e assim entramos na segunda etapa que nos propusemos, as instalações da biblioteca ocupam a área de 325 metros quadrados, divididos pela sala de leitura com obras de referência, catálogos e 12 mesas, pela sala dos serviços técnicos com os catálogos mais antigos e estantes expositoras e por uma divisão grande onde se encontram as estantes com livros e as publicações periódicas e mesas de trabalho (Figs. 7, 8, 9 e 10); além destas três divisões há o gabinete do bibliotecário.

Sendo uma biblioteca especializada de um estabelecimento de ensino superior, tem como principais utilizadores docentes, investigadores, alunos e ainda técnicos especializados.

A colecção de monografias, livros e separatas, ultrapassa os 11 000 volumes, ocupando aproximadamente 230 metros lineares de prateleiras e os periódicos 500 metros, aproximadamente com 10 000 volumes, sendo 1400 títulos dos quais 280 ainda vivos.



FIGURA 7



FIGURA 8



FIGURA 9



FIGURA 10

Para registo das publicações seriadas é utilizado, a partir de 1980, um ficheiro horizontal de tipo «Kardex».

Pertencem a esta instituição colecções de material não livro que ainda não está catalogado. Mas, pensamos que isso será possível, a partir de 1986, logo que estejam efectuados os inventários dos livros, separatas e publicações periódicas.

No acervo desta biblioteca existem obras antigas e raras, algumas das quais com marca de posse de alguns dos extintos Colégios Universitários, como por exemplo: Livraria do Colégio de Santa Cruz de Coimbra, Colégio de Santa Rita dos Agostinhos Descalços de Coimbra e do Colégio dos Cónegos Regulares. Algumas apresentam também o carimbo da Biblioteca da Faculdade de Filosofia; quando da extinção desta, passaram para a Biblioteca do Museu e Laboratório Antropológico (Figs. 11, 12, 13, 14 e 15).

Com o decorrer dos anos, verifica-se que a investigação no campo antropológico tem influenciado a compra de documentação dentro do ramo que mais se sobreleva no momento, e assim dentro da especificidade é bastante diversificada.

O bibliotecário e três técnicos auxiliares de BAD, com a colaboração de um outro técnico auxiliar, têm também acumulado o serviço

HISTORIA NATURAL DE CAYO PLINIO SEGUNDO.

TRADUCIDA

POR EL LICENCIADO GERONIMO DE HVERTA,
MEDICO Y FAMILIAR DEL SANTO
OFICIO DE LA INQUISICION.

Y AMPLIADA

POR EL MISMO, CON ESCOLIOS Y ANOTACIONES,
en que aclara lo escuro y dudoso, y añade lo no sabido hasta estos tiempos.

DEDICADA

Al Catolico Rey de las Españas y Indias don FILIPE IIII. nuestro señor.



Año

1624.

Dedicada

de las Indias.

*Singula dum illustrat, defecaros reddidit orbes:
Percutit, illuminat, his nocet illa fouet.*

CON PRIVILEGIO.

En Madrid, Por Luis Sanchez Impressor del Rey N. S.

FIGURA 11



SUPPLEMENT
à l'Asie du Sud
VOYAGE
AUTOUR
DU MONDE

Contenant une description d'Achin, ville de Sumatra, du Royaume de Tonquin, & autres Places des Indes, & de la Baye de Campèche. *Enrichi de Cartes & Tableaux.*

Par **GUILLAUME DAMPIER**,
 TROISIÈME.



A ROUEN,
 Chez **JEAN-BAPTISTE MACHUEL**, rue Ecuopée,
 M. DCC. LXXVII.
Avec Approbation & Privilège du Roi.

FIGURA 12

LE
JOURNAL
DES
SCAVANS,
POUR

L'ANNEE M. DC LXXV.

Nouvelle Edition, dans laquelle on a exactement retabli les Figures
en Taille-douce.



A PARIS,

Chez PIERRE WITTE, rue Saint Jacques, vis-à-vis de la
rue de la Parcheminerie, à l'Ange Gardien.

M. DCCXXIV.

AVEC PRIVILEGE DU ROY.

FIGURA 13

St. Guard Coimbra

ENCYCLOPÉDIE,
OU
DICTIONNAIRE RAISONNÉ
DES SCIENCES,
DES ARTS ET DES MÉTIERS.

PAR UNE SOCIÉTÉ DE GENS DE LETTRES.

Mis en ordre & publié par M. *DIDEROT*, de l'Académie Royale des Sciences & des Belles-Lettres de Prusse; & quant à la *PARTIE MATHÉMATIQUE*, par M. *D'ALEMBERT*, de l'Académie Royale des Sciences de Paris, de celle de Prusse, & de la Société Royale de Londres.

*Tantum series juncturaque pallet,
Tantum de medio sumptis accedit honoris! HORAT.*

TOME SECOND.

Seconde Edition enrichie de notes, & donnée au Public
PAR M. OCTAVIEN DIODATI NOBLE LUCQUOIS.



A LUCQUES
Chez VINCENT GIUNTINI Imprimeur

M. D C C. L V I I I.
A V E C A P P R O B A T I O N .

FIGURA 14

COMPENDIO
HISTORICO
DO ESTADO
DA UNIVERSIDADE

DE
COIMBRA

NO TEMPO DA INVASÃO DOS DENOMINADOS

Padre Leopoldo de JESUITAS *António de*
Coimbra E
DOS ESTRAGOS

FEITOS NAS SCIENCIAS
E NOS PROFESSORES, E DIRECTORES

QUE A REGIAM
PELAS MAQUINAÇÕES, E PUBLICAÇÕES
DOS NOVOS ESTATUTOS

POR ELLES FABRICADOS.



LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXI
POR ORDEM DE SUA Magestade.

FIGURA 15

de publicações (ficheiro de permutas, correspondência, controlo de «stock», etc.).

O Instituto de Antropologia editou a partir de 1914 a publicação «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», sendo os artigos, até ao 6.º volume (1959), publicados como separatas da «Revista da Universidade de Coimbra» e da «Revista da Faculdade de Ciências da Faculdade de Coimbra». Tinha periodicidade irregular, e terminou a sua publicação com o volume 11, n.º 1 de 1982. É continuada por «Antropologia Portuguesa», publicada anualmente, cujo primeiro volume saiu em 1984, mas referente ao ano de 1983. Em 1933 começa a série «Questões de Método», que termina em 1952, tendo sido publicados 14 números. É também editado pelo Instituto de Antropologia, a partir de 1983, a série monográfica «Publicações do Centro de Estudos Africanos», já publicados três números.

Além destas, outras obras têm sido editadas, quer de carácter monográfico quer obras de referência como bibliografias e catálogos.

As obras editadas por esta instituição são permutadas com obras congéneres de centenas de instituições, nacionais e estrangeiras, tendo dado deste modo um grande contributo para a actualização da colecção das obras da biblioteca.

Tendo sempre em vista divulgar a informação sobre a documentação existente, e facilitar a sua consulta, foi dada grande atenção aos catálogos: o mais antigo, dividido em catálogo de autores com aproximadamente 127 100 fichas e catálogo de assuntos com 177 700 fichas. A partir de 1980, começou-se a organizar o novo catálogo dividido em: catálogo de autores ou onomástico — 19 750 fichas, catálogo ideográfico — 12.350 fichas, catálogo didascálico ou de títulos — 3950 fichas e catálogo de séries — 600 fichas. A partir de 1983, ao mesmo tempo que se fez um estudo para arrumação das espécies por classificação, criou-se um catálogo sistemático baseado na CDU, presentemente com 1300 fichas ⁽³⁾.

Ainda dentro deste âmbito de acção, em 1974 a Biblioteca edita um «Boletim Bibliográfico» que, a partir de 1981, é continuado por um «Boletim Informativo» mais rico de conteúdo, apresentando as últimas aquisições monográficas e sumários das publicações periódicas de maior interesse para a Antropologia. Apesar do seu aspecto modesto, reproduzido por meios reprográficos, parece cumprir os fins a que se destina,

⁽³⁾ A contagem das fichas fez-se através da proporção de 1 cm para 50 fichas.

pois bibliotecas congêneres e investigadores têm demonstrado a sua importância.

Existe um serviço de leitura de presença e de leitura domiciliária, conforme estabelecido no regulamento interno da biblioteca e são também fornecidos documentos copiados em vez dos originais não só a utilizadores nacionais como a estrangeiros.

Material de equipamento foi adquirido ultimamente facilitando a realização dos serviços técnicos.

Não podemos deixar de focar a colaboração prestada aos serviços da Biblioteca pelos investigadores e o apoio dado pelos responsáveis do Instituto de Antropologia nomeadamente o Prof. Director da Biblioteca.

Não é sem razão que a Biblioteca do Museu e Laboratório Antropológico é considerada a melhor biblioteca portuguesa especializada em Antropologia sendo comprovado pela frequência de utilizadores de diversas zonas do país e das várias instituições universitárias assim como pelos pedidos de informação e de documentação recebidos. Mas se no contexto nacional, comparando-a com outras bibliotecas especializadas, se encontra no primeiro nível, infelizmente não podemos dizer o mesmo quando a comparamos com bibliotecas e centros de documentação internacionais. Esta será a terceira etapa, a fase da informatização dos serviços que permitirá um rápido acesso à informação e quebrará as barreiras de distância, se integrada numa rede de informação automatizada.

BIBLIOGRAFIA

Actas da Faculdade de Ciências, 1911-1927 (Manuscrito).

Actas da Faculdade de Philosophia, 1874-1911 (Manuscrito).

Anuário da Universidade, Coimbra, 1875-1983.

CARVALHO, J. Augusto Simões de — *Memória histórica da Faculdade de Philosophia*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872.

CUNHA, A. Xavier da — *Contribution à l'histoire de l'Anthropologie Physique au Portugal*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», Coimbra, 11 (1) 1982.

Desenvolvimento do orçamento da despesa fixada para o ano económico de ... Lisboa, Ministério da Educação Nacional, 1956.

Diário do Gabinete de Anthropologia. Material e despesas, 1889-1909. Coimbra (Manuscrito).

Revista da Faculdade de Ciências, Coimbra, 1-45, 1931-1971.

Revista da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1-24, 1912-1973.

TAMAGNINI, E. — *Serviço de inventariação de bibliografia científica existente em Portugal*. In: *Vida da Faculdade: 1940-1941*. «*Revista da Faculdade de Ciências*», Coimbra, 9, 1941, p. 291-301.

TAMAGNINI, E.; SERRA, J. A. — *Subsídios para a história da antropologia portuguesa*. Coimbra, 1942.

Colecções Osteológicas

Maria Teresa Matos Fernandes

Possui o Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra três colecções osteológicas em bom estado de conservação e que são de grande valor, pois há sobre cada um dos seus elementos informações bastante detalhadas, a saber: naturalidade do indivíduo (com indicações da localidade, freguesia, concelho e distrito); filiação; idade; profissão; estado civil; nome do cônjuge; data, causa e local do falecimento; e ainda local de proveniência dos restos esqueléticos.

São estas três as colecções identificadas. Duas são só compostas de crânios e mandíbulas, sendo a restante de esqueletos completos.

Uma vez que é conhecido o sexo, a idade e a proveniência de cada indivíduo, estas colecções constituem o material ideal para trabalhos de investigação em Antropologia Física, nomeadamente craniométricos e osteométricos.

Dentro desta perspectiva torna-se importante salientar a possibilidade de realizar sub-amostras homogéneas, atendendo a que se podem agrupar os indivíduos com rigor, segundo a idade, proveniência e sexo, o que assume particular relevo se considerarmos a existência, entre outros factores, do dimorfismo sexual.

Como é sabido a Antropometria, que quantifica a forma corporal, é um dos capítulos básicos da Antropologia Física e suporte fundamental para a Anatomia Comparada, entre o Homem, os outros Primatas e os Pré-humanos, pois a necessidade de ligar os homens actuais aos seus ancestrais fósseis obriga a dar grande importância à Osteologia.

É também uma técnica fundamental no estudo da diversidade humana, tendo sido num passado não muito distante um dos mais importantes suportes da raciologia.

COLECÇÃO DE ESQUELETOS IDENTIFICADOS (COLECÇÃO 01)

Esta colecção é constituída por uma série de 504 esqueletos completos, provenientes do Cemitério da Conchada e adquirida pelo Museu e Laboratório Antropológico entre 1931 e 1942, período em que era director o Dr. E. Tamagnini.

Destes 504 esqueletos 265 são de indivíduos do sexo masculino e os restantes 239 do feminino. No entanto só são utilizados 425 esqueletos pois foram excluídos todos os que pertenciam a indivíduos não caucásides europeus e que não tivessem nascido em Portugal continental.

Estão publicados os seguintes trabalhos, nos quais se utilizou material desta colecção:

- Bocquet, J.-P.; Neto, M. A.; Rocha, M. A. e Morais, M. H. (1978)
- Cunha, A. e Morais, M. H. (1961)
- Lopes, A. e Serra, J. (1944)
- Matos, R. (1951, 1952)
- Morais, M. H. (1966, 1968)
- Neto, M. A. (1956, 1957, 1959, 1973, 1974)
- Serra, J. (1938, 1940, 1941)
- Serra, J. e Lopes, A. (1943)

COLECÇÃO DAS ESCOLAS MÉDICAS (COLECÇÃO 02)

É esta a mais antiga colecção de crânios identificados que o Museu e Laboratório Antropológico possui, tendo sido adquirida às Escolas Médicas de Lisboa e Porto e ao Museu Anatómico da Universidade de Coimbra entre 1896 e 1903.

Foi o Professor Bernardino Machado o responsável pela sua aquisição, tendo como objectivo a obtenção de amostras numericamente semelhantes, de todos os concelhos do País.

Dos 575 crânios e mandíbulas que a compõem 366 são de indivíduos do sexo masculino e 219 de indivíduos do sexo feminino, todos eles pertencentes a indivíduos caucásides com origem em Portugal continental.

Sobre esta colecção estão publicados os seguintes trabalhos:

- Basto, A. (1897)
Cunha, J. (1914, 1924, 1931, 1948)
Ferreira, A. (1902)
Gomes, F. (1948)
Lucas, A. (1902)
Melo, J. (1902)
Menezes, J. (1902)
Morais, L. e Serra, J. (1941)
Oliveira, V. (1902)
Pinto, A. (1902)
Serra, J. (1951)
Tamagnini, E. (1933)
Themido, A. (1930, 1931)

COLECÇÃO DE TROCAS INTERNACIONAIS (COLECÇÃO 03)

Quando esta colecção foi adquirida, o que ocorreu entre 1932 e 1942, era intenção do então director Dr. Tamagnini, com ela estabelecer permutas com investigadores de outros países.

Os crânios e mandíbulas que compõem esta colecção, provenientes do cemitério da Conchada, são 1075 dos quais 524 pertenceram a indivíduos do sexo masculino e 551 a indivíduos do sexo feminino.

Sobres ela está para publicação:

Fernandes, M.T.; Abade, A.; Antunes, M. A. e Mota, P. — *Analysis of craniometric variables correlated with the cephalic index.*

Os crânios das três colecções identificadas foram alvo de um estudo conjunto estando já em publicação um dos artigos:

Bocquet-Appel, J. P. e Morais, M. H. — *Une analyse de la variation morphologique à l'aide de variables alimentaires et démographiques: le Portugal ao XIX siècle.*

Além destas três colecções, o Museu e Laboratório Antropológico possui ainda um conjunto de outras colecções osteológicas não identificadas. Entre elas citamos:

COLECÇÃO DE CRÂNIOS DE TIMOR

Colecção de 35 crânios de indígenas da Ilha de Timor oferecida em 1883 ao Museu da Universidade de Coimbra pelo então Governador da Província de Macau e Timor. Dos 35 crânios 28 são masculinos, 1 é feminino e 6 de sexo incerto.

Sobre eles estão publicados os seguintes textos:

Cunha, J. (1898, 1937, 1943)

Cunha, J.; Lacerda, A. e Silva, D. (1894)

COLECÇÃO DA SILVEIRONA

Colecção osteológica adquirida em 1937 e proveniente de 32 sepulturas da época visigótica. Este conjunto de sepulturas foi encontrado no Alto Alentejo, perto de Estremoz. Nalgumas sepulturas existiam restos esqueléticos de mais do que um indivíduo.

Os esqueletos não estavam completos e aqueles que se encontravam em melhor estado ficaram no Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos, em Lisboa. Neste Museu e Laboratório Antropológico ficaram 28 esqueletos, dos quais 1 infantil.

A atribuição do sexo foi feita pelos caracteres antropológicos.

Sobre esta colecção existem publicados os seguintes trabalhos:

Cunha, J. (1940, 1942, 1953, 1955)

Serra, J.; Albuquerque, R. e Neto, M. A. (1952)

COLECÇÃO DE S. JOÃO DE ALMEDINA

Possui o Museu e Laboratório Antropológico uma pequena colecção osteológica proveniente de sepulturas de algumas dezenas de indivíduos da igreja antiga de S. João de Almedina. Estas sepulturas foram postas a

descoberto nas obras efectuadas no Museu Machado de Castro, em Coimbra.

A sua cronologia é difícil, mas tem sido atribuída aos fins do século XII e fins do século XV.

Sobre esta colecção existem dois trabalhos publicados:

Barreiro, A. (1904)

Cunha, A. (1963).

COLECÇÃO DOS CEMITÉRIOS VELHOS DE CASCAIS

Colecção de material esquelético, sobretudo de crânios, proveniente dos antigos cemitérios de Cascais e provavelmente datando da época romana.

A série masculina é composta de 26 crânios e 19 mandíbulas, sendo a série feminina formada de 23 crânios e 12 mandíbulas.

Existem ainda alguns crânios infantis e outros de sexo indeterminado.

Sobre esta colecção estão publicados:

Cunha, J. (1927)

Oliveira, F. (1888, 1892)

Rocha, M. A. (1970).

Antropologia Criminal

M. A. Tavares da Rocha

A Antropologia Criminal foi criada por Cesare Lombroso (1836-1909), médico e professor em Turim e o inspirador da escola positivista da criminologia e do direito criminal. Na sua concepção do criminoso nato, o crime era um fenómeno natural que estava ligado à constituição atávica do criminoso (Lombroso, 1887).

Apesar da sua controversa teoria, pois já na sua época teve acérrimos opositores, ele abriu caminho a um campo de investigação aplicada, «lançou na pesquisa e na interpretação da etiologia dos fenómenos ... que preocupam os legisladores, os homens de ciências, o foro, a medicina legal, a psiquiatria e a antropologia» (Ferreira, 1937).

É a Alphonse Bertillon que, criando em 1879 um sistema de identificação, partindo da aplicação da anatomia antropológica para os problemas de identificação judiciária ⁽¹⁾, se deve uma metodologia de trabalho, a qual é apresentada ao Congresso Penitenciário Internacional de Roma (1885).

Adoptada já em Paris, a sua metodologia não consistia somente em dados antropométricos, mas nos descritivos, nas «marcas particulares» e no «retrato falado», é apenas em 1888 que, definitivamente, é legislada para ser aceite em toda a França ⁽²⁾.

Outros países praticam a bertillonagem, mas algo mais preciso e infalível deveria complementá-la ou mesmo substituí-la — são Galton e

⁽¹⁾ A. BERTILLON, 1893, p. 1.

⁽²⁾ *Ob. cit.*, p. LXXIX.

Vucetich que, após pesquisas apuradas introduzem a dactiloscopia nos processos de identificação ⁽³⁾.

Portugal não fica alheio às inovações europeias da identificação judiciária e legislações sucessivas são adoptadas; do trabalho sobre «Identificação humana em Portugal», de Luís de Pina (1936), fizemos um breve resumo cronológico das principais:

1896 — Pela primeira vez, discutindo um projecto sobre organização dos serviços prisionais, é ventilada a criação de postos antropométricos;

1899 — É institucionalizada a Antropologia Criminal — reorganizam-se os serviços medico-legais e criam-se os postos antropométricos nas cadeias de Lisboa, Porto e Coimbra.

1901 — Um novo Regulamento das cadeias que no seu art. 77 preconiza «Haverá nas cadeias um Posto Antropométrico a auxiliar os serviços policial e dos tribunais ...»

1906 — É aprovado o Regulamento dos Postos Antropométricos «Considerando a importância dos serviços anthropométricos para o estudo e identificação dos criminosos...» ⁽⁴⁾.

A Universidade de Coimbra aguarda o seu Posto e nessa expectativa, atento às linhas de investigação seguidas na Europa e na América e à legislação portuguesa já em vigor, Bernardino Machado vai, a pouco e pouco, apetrechando a secção de Antropologia do Museu de História Natural com instrumentos do sistema Bertillon e enriquecendo a Biblioteca com obras específicas. Assim, e por curiosidade, passaremos a citar algumas das primeiras aquisições das constantes no arquivo do Museu e Laboratório Antropológico:

1894 — Lombroso — *L'homme criminel...*

1895 — Corre — *L'ethnographie criminelle...*

1901 — O compasso de Bertillon e um dinamómetro de Colin.

⁽³⁾ LUIS DE PINA, 1936, p. 4 — «Mas foi João de Barros o primeiro a indicar, em livro impresso, a importância das cristas papilares da mão e do pé como inconfundíveis marcas de identidade pessoal (in Década III, de Asia, 1563).

⁽⁴⁾ Decreto de 18 de Janeiro de 1906.

1902 — Lombroso — *L'antisemitisme...*

Outros livros ⁽⁵⁾

1904 — Lombroso — *Applications d'Anthropologie criminelle...*

Apesar da impossibilidade de praticar a «bertillonagem» na sua totalidade por falta de instrumentos e, embora não havendo posto antropométrico oficializado, o «Laboratório Antropológico» não deixou de prestar a sua colaboração ao poder judicial.

Assim o confirmam ofícios da época ⁽⁶⁾ e, de forma inequívoca, os dois volumes encadernados que agregam os «Boletins de Identificação», fornecidos pela Delegação da Procuradoria Régia da Comarca de Coimbra e cujo modelo reproduzimos (Fig. 16).

A primeira identificação é datada de 6 de Julho de 1903 (boletim n.º 1) e a última foi feita a 29 de Janeiro de 1907.

Da amostragem global de 238 indivíduos (202 do sexo masculino e 36 do sexo feminino) fizemos tabelas de dispersão, relacionando a variável grupo etário com as outras variáveis sócio-económicas; a partir delas passaremos a fazer uma breve análise, mencionando sempre por ordem decrescente as frequências de cada uma:

1 — *Grupo etário*

No sexo masculino constatamos que os quatro grupos mais afectados eram: 21-25 anos (68 indivíduos), 16-20 anos (46), 26-30 anos (34) e 31-35 anos (12)

Para o sexo feminino, a idade predominante era mais avançada (46-50 anos, com 8 indivíduos), seguindo-se os grupos etários de 21 a 35 anos (4 mulheres por cada intervalo de 5 anos) e com igual frequência o grupo etário dos 51-55 anos.

⁽⁵⁾ Arquivo do Museu e Laboratório Antropológico — 23-4-1902 — «Compra de vários livros sobre Criminologia».

⁽⁶⁾ Ofício n.º 81 (21-7-1904) ao Juiz de Direito da Comarca de Porto de Mós. Ofícios n.ºs 82 e 88 (2-8-1904 e 4-5-1906, respectivamente) dirigidos ao Delegado do Procurador Régio da Comarca de Coimbra.

INDICAÇÕES PESSOAES		OBSERVAÇÕES ANTHROPOMETRICAS																	
Diz chamar-se		Estatura	1.ª																
Nome verdadeiro		Braça	1.ª																
Alcunha		Busto	0.																
Edade		<table border="0"> <tr> <td rowspan="3"> <table border="0"> <tr><td>comp.</td><td>0.</td></tr> <tr><td>larg.</td><td>0.</td></tr> <tr><td>bizyg.</td><td>0.</td></tr> </table> </td> <td>Comp or dr.</td> <td>0.</td> </tr> <tr> <td colspan="2">• dd Mesq</td> <td>0.</td> </tr> <tr> <td colspan="2">• Mn esq</td> <td>0.</td> </tr> </table>	<table border="0"> <tr><td>comp.</td><td>0.</td></tr> <tr><td>larg.</td><td>0.</td></tr> <tr><td>bizyg.</td><td>0.</td></tr> </table>	comp.	0.	larg.	0.	bizyg.	0.	Comp or dr.	0.	• dd Mesq		0.	• Mn esq		0.	Antb. esq	0.
<table border="0"> <tr><td>comp.</td><td>0.</td></tr> <tr><td>larg.</td><td>0.</td></tr> <tr><td>bizyg.</td><td>0.</td></tr> </table>	comp.			0.	larg.	0.	bizyg.	0.	Comp or dr.	0.									
	comp.			0.															
	larg.	0.																	
bizyg.	0.																		
• dd Mesq		0.																	
• Mn esq		0.																	
Nascido a .. de .. de ..		Comp pé esq	0.																
Naturalidade		OBSERVAÇÕES CHROMATICAS																	
Filho de		Côr do cabelo																	
Estado	ultima residencia	• da barba																	
Profissão		• - pelle																	
Instrução		• dos olhos																	
Nota de identidade																			
Serviços militares																			
Numero de condemnações anteriores																			
Causa e logar da ultima detenção																			
Detenção actual																			
SIGNAES PARTICULARES																			
.....																			
.....																			
.....																			

Coimbra, de de 190..... O Delegado do Procurador Regio,

FIGURA 16

2 — Estado civil

No sexo masculino, os solteiros encontram-se mais representados (141), seguindo-se os casados (55), para somente 4 viúvos.

Quanto ao sexo feminino, aparecem com predominância as casadas (15), quase com igual frequência as solteiras (14) e menos representado o grupo das viúvas (5).

3 — Profissão

Para o sexo masculino encontramos as seguintes frequências: operário (83), trabalhador (79), padeiro (9), proprietário (8), cocheiro e criado de servir (4), empregado de comércio e proprietário (3), as restantes com 1 só indivíduo.

No sexo feminino citaremos apenas as 3 profissões mais representadas: doméstica (16), seguida da de jornaleira (6) e trabalhadora (4).

4 — *Grau de instrução*

Enquanto que no sexo masculino aparecem 116 indivíduos analfabetos e 83 de baixo grau de instrução, no sexo feminino toda a população estudada é analfabeta.

5 — *Causa da detenção*

Para ambos os sexos a agressão aparece como a causa determinante de prisão (122 homens e 15 mulheres, aqueles com idades essencialmente compreendidas entre os 21 e 25 anos e estas entre os 21 e 30 anos).

No sexo masculino o furto (28), o atentado ao pudor (14), a burla (8), o homicídio (6) e a transgressão (4) são os delitos mais frequentes.

Quanto ao sexo feminino a transgressão (6), o furto (5), o atentado ao pudor (3), ofensa à moral pública (3) foram algumas das motivações de detenção.

Não nos debruçamos sobre as variáveis antropométricas recolhidas (7), tendo apenas dos dados sócio-económicos feito uma breve análise, na intenção de poderem ser comparados com os do trabalho de António Themido, transcrito na sequência deste artigo e com a amostragem de 1927.

Gostaríamos, também, de referenciar, talvez a mais antiga colaboração do Instituto de Antropologia, citando Ferreira (1906) «... em 1897, o falecido professor Vellado de Fonseca, talentoso lente que foi da Faculdade de Philosophia na Universidade de Coimbra, auxiliado pelo hábil preparador de Anthropologia ... o Sr. José António Domingos dos Santos, também procedeu a observações anthropométricas numa série de 41 prostitutas portuguesas profissionais».

(7) AZEVEDO, A. A. — *Subsídio para o estudo do criminoso portuguez*, 1904 (manuscrito). O autor, aluno do 5.º ano de filosofia, analisa parte da nossa amostra, os primeiros 95 registos antropométricos (observações realizadas pelo preparador conservador José Domingos dos Santos).

Na expectativa de legislação que oficializasse o posto de antropometria da Universidade de Coimbra, Eusébio Tamagnini prossegue as diligências para que, num futuro próximo, nele pudessem ser cabalmente feitas as identificações dos detidos.

Assim, continuaram as aquisições de material (em 1908 é comprada a caixa de madeira para conter pedra mármore e o respectivo rolo tipográfico) e de bibliografia (8). A formação e aperfeiçoamento do preparador conservador também não foi descurada, pois era de primordial importância:

- Em 1907 vai a Lisboa «inteirar-se da técnicas dactiloscópicas (9).
- Em Junho de 1911 desloca-se ao «Limoeiro» para fazer observações antropométricas e dactiloscópicas de 17 chins de Macau e de quatro timorenses (10). Destas observações conservamos, ainda, os originais.

Finalmente surge a oficialização do Posto Antropométrico da Universidade de Coimbra — para a sua criação e actividade até 1925-1926 remetemos o leitor para o texto que se segue em itálico, artigo de António Armando Themido, encontrado em arquivo e com a indicação de não publicado (11).

O POSTO ANTROPOMÉTRICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

I

CRIAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

No decreto de 12 de maio de 1911, que estabelece o plano de estudos nas Faculdades de Ciências, o legislador anuindo ao que muito judiciosamente lhe foi solicitado como uma lacuna a preencher, dispõe o

(8) Arquivo do Museu e Laboratório Antropológico.

(9) Arquivo do Museu e Laboratório Antropológico.

(10) *O Século e Notícias de Coimbra*, de 21 de Junho de 1911.

(11) Ainda que incompleto, o artigo é transcrito na íntegra, excepção feita para as tabelas de dispersão manuscritas, das quais fazemos breve análise.

seguinte no art.º 46.º «Nos laboratórios antropológicos haverá um Posto Antropométrico, especialmente destinado à aquisição de dados estatísticos sobre antropologia criminal.»

Realizada assim uma antiga e legítima aspiração do Instituto de Antropologia de Coimbra, iniciaram-se desde logo os trabalhos para a organização do seu Posto Antropométrico e, com feliz êxito, decorridos breves meses, encontrava-se instalado e apto a funcionar segundo os modernos ensinamentos da Antropologia Criminal.

Esquecera-se, todavia, o legislador de lhe assegurar a existência, estabelecendo-lhe a frequência, sem a qual não poderia ser observado a fim científico que originára a sua criação.

Essa omissão foi, porém, reparada pelo seguinte decreto publicado no Diário do Governo N.º 280 de 12 de Dezembro de 1911.

«Sob proposta dos Ministros do Interior e da Justiça e para os fins determinados no art.º 46.º do decreto com força de lei de 12 de maio de 1911, aquisição de dados estatísticos sobre Antropologia Criminal: Hei por bem decretar que todos os detidos nas prisões, esquadras e cadeias da cidade de Coimbra passem pelo laboratório do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, a fim de serem mensurados e arquivadas as respectivas fixas.

Os Ministros do Interior e da Justiça assim o tenham entendido e façam executar. Paços do Governo da República, em 9 de Dezembro de 1911. — Manuel de Arriaga — Silvestre Falcão — António Macieira.»

E, em 13 de Março de 1912, depois de concertadas com a Inspecção da Polícia de Coimbra as bases financeiras em que o Posto Antropométrico do Instituto de Antropologia lhe prestava os seus serviços, foi feita a primeira identificação segundo o método de Bertillon.

Vem a propósito dizer que a exigência feita pelo Instituto de Antropologia á Polícia de Coimbra, foi de 20 centavos por cada pessoa identificada, o suficiente para indemnizar do dispendio feito com o material fotográfico.

Regulamentando os serviços do Posto Antropométrico entendeu muito justamente o Director do Instituto de Antropologia, que não devia ficar limitada à prestação do serviço oficial a acção do Posto, e que de justiça seria facilitar ao público os seus serviços, facultando-lhe a obtenção da Carteira de Identidade, que tantas vantagens oferece e que até então não era possível conseguir-se em Coimbra.

Nesse regulamento que a seguir transcrevemos, constam as condições em que essa Carteira é fornecida e bem assim a maneira como os serviços estão organizados e regulados ⁽¹²⁾.

Actualmente o Posto Antropométrico ocupa no novo edifício do Instituto de Antropologia á rua Cândido dos Reis, duas espaçosas salas — numa das quais se fazem as identificações e na outra se encontra o arquivo — e ainda uma galeria fotográfica com a respectiva câmara escura.

O material utilizado para a identificação antropométrica e fotográfica é o de Bertillon e a classificação dactiloscópica é feita pelo sistema Daae.

Reproduzimos a seguir os modelos das fichas utilizadas no Posto.

1 — Ficha dactiloscópica ⁽¹³⁾ (Figs. 17 e 17a).

2 — Carteira de Identidade ⁽¹⁴⁾ (Fig. 18).

«Anexo ao Posto Antropométrico criou o director do Instituto de Antropologia, Prof. Dr. Eusébio Tamagnini, no ano lectivo de 1911 a 1912, como consequência do curso livre de Antropometria Criminal e Judiciária inaugurado no ano lectivo de 1907 a 1908 ⁽¹⁵⁾, um curso livre de Antropologia Criminal, destinado a ministrar e difundir conhecimentos sobre os modernos processos scientificos de investigação e identificação criminaes e especialmente reservado a diplomados nas Faculdades de Direito e Medicina e a estudantes das mesmas Faculdades.

O programa que a seguir transcrevemos ⁽¹⁶⁾ mostra-nos a valiosa importância e o largo alcance social de tal empreendimento.

⁽¹²⁾ Permitimo-nos passá-lo para Anexo.

⁽¹³⁾ Esta ficha era complemento da grande ficha do Registo Geral, a qual não reproduzimos por as suas dimensões serem de 65,5 × 30,5 cm.

⁽¹⁴⁾ Documento de identificação pessoal e intransmissível, de 11,5 × 7,6 cm, com a capa de cartolina de cor variada (cf. art. 3.º do Regulamento do Posto Antropométrico) e um interior de 8 páginas.

⁽¹⁵⁾ A *Revista da Universidade de Coimbra* (1912) situa-o em 1908-1909 e, infelizmente, nenhuns indícios conseguimos encontrar relativamente ao seu programa.

⁽¹⁶⁾ Remetemos o leitor para o Anexo V do artigo «Ensino e Investigação».

Na *Revista da Universidade de Coimbra* de 1912 e no jornal *O Século* de 12 de Março do mesmo ano, encontra-se o programa de 1911-1912 intitulado «Curso livre de antropologia judiciária e criminal», não sendo nele mencionadas as «Aulas Magistraes».

Registo geral n.º _____

Nome _____ Residência _____
 Idade _____ Naturalidade _____
 Pae _____ Mãe _____ Estado civil _____
 Profissão _____ Instrução _____
 Observações _____

Coimbra de _____ de 191 _____

Assignatuta da pessoa identificada,

O director,

POSTO ANTROPOMÉTRICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Sistema DAAE

Classificação: _____

SECÇÃO		SÉRIE	
Mão esquerda		Mão direita	
	INDICADOR		FUNDAMENTAL
	MÉDIO		
	ANULAR		
	MÍNIMO		
	POLEGAR		

FIGURA 17

FIGURA 17a

Universidade de Coimbra
POSTO ANTROPOMÉTRICO

CARTEIRA DE **IDENTIDADE**

DE

* * * **COÍMBRA** * * *
Imprensa da Universidade
* * * **1912** * * *

UNIVERSIDADE DE COÍMBRA
POSTO ANTROPOMÉTRICO

CARTEIRA DE IDENTIDADE

--

COÍMBRA
IMPRESSÃO DA UNIVERSIDADE
1912

Caracteres pessoais

Filho de _____

e de _____

Natural de _____

Nascido a _____ de _____ de 1 _____

Estado civil _____

Profissão _____

Instrução _____

Medidas antropométricas

Estatura _____ 1.º _____

Extrapolado _____ 1.º _____

Braço _____ 0.º _____

(D) ant. post. máx. _____ 0.º _____

(D) tranv. máx. _____ 0.º _____

(D) bisagmática _____ 0.º _____

Comp. orelha dir. _____ 0.º _____

Dedo med. sup. _____ 0.º _____

Dedo máx. sup. _____ 0.º _____

Comp. pé sup. _____ 0.º _____

Comp. ant. sup. _____ 0.º _____

Fotografia de perfil

Caracteres

Iris _____ Pele _____

_____ perfilho _____

Fotografia de frente

Cromáticos

Cabelo _____ Olhos _____ Pigmento _____

Sinaes particulares

Cicatrices _____

Tatuagens _____

Caracteres profissionais

Anomalias

Registo geral n.º _____

Flem. Ant. (D)ant) _____

Indicador digital _____

Assinatura do portador, _____

Coimbra, _____ de _____ de 191 _____

O Director,

FIGURA 18

[...]

[..falta de recursos materiais desistiu de requisitar os serviços do Posto, e que este, igualmente, por escassez de verba lhe não podia prestar gratuitamente.

De então para cá o Posto tem tido uma vida muito precária e hesitante, limitando-se a fazer a identificação das pessoas que pretendem obter carteira de identidade.

Para se fazer a ideia do movimento do Posto nos últimos 9 anos, basta assinalar que somente se fizeram em todo este espaço de tempo, 25 identificações!!

Os dados estatísticos que apresentamos referem-se, pois, ao período de 4 anos que vai de 1912 a 1916 o que corresponde á maior vitalidade do Posto Antropométrico.

Tem interesse, porem, apreciar o seu movimento nesse período, pois elle traduz com exactidão a criminalidade no concelho de Coimbra durante essa epocha, sabido como é que os processos crimes são organizados inicialmente na Inspeção da Polícia, antes dos arguidos serem entregues ao Poder Judicial.

REGULAMENTO DO POSTO ANTROPOMÉTRICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ARTIGO 1.º

Além do seu objectivo principal, que é o da aquisição de dados estatísticos sobre a antropologia criminal, o posto destina-se também:

- a) A fornecer provas de identidade às pessoas quer as solicitarem.*
- b) A efectuar a identificação dos presos que lhe forem remetidos pelas autoridades competentes, e a de quaesquer outras pessoas, sempre que o Director não veja nisso inconveniente.*
- c) A organizar um arquivo criminal de sorte a poder habilitar a Polícia, o Ministério Público e Justiça em geral com todos os elementos de informação relativos aos delinquentes sujeitos a processo.*

d) *A auxiliar, no que lhe couber e quando lhe for solicitado, o serviço médico-legal na identificação de cadáveres desconhecidos, confrontação e exame de manchas e impressões latentes reveladas, fotografia dos locais de crimes, etc.*

e) *A divulgar o conhecimento dos processos de filiação morfológica, exame descritivo e dactiloscopia entre os agentes de segurança pública.*

f) *A trocar com os postos semelhantes dos pais, que o desejarem, as fixas individuais.*

ARTIGO 2.º

A identificação constará do seguinte:

a) *Filiação morfológica e exame descritivo, notas cromáticas, traços característicos e sinais particulares, cicatrizes, tatuagens, anomalias congénitas, acidentais ou adquiridas, etc.*

b) *Fotografia de frente e perfil, na escala conveniente.*

c) *Impressão digital.*

ARTIGO 3.º

O documento a que se refere a alínea a) do art. 1.º consta duma carteira de identidade, que será de côr vermelha para os agentes de segurança, polícias civis e autoridades judiciais e administrativas; amarela pãra os outros funcionários públicos; verde pãra as demais pessoas.

§ único. — *Para os funcionários públicos o preço da caderneta será o do custo; pãra os outros indivíduos custará 1\$000 reis.*

ARTIGO 4.º

O serviço de identificação efectuar-se-ha, em todos os dias úteis, das 11 às 12 horas, sem prejuízo do ensino.

As tabelas de dispersão, masculina (N = 278) e feminina (N = 166), relacionando a idade com o estado civil, a profissão, o grau de instrução e o motivo de identificação servir-nos-ão para uma sucinta análise das diferentes variáveis (17).

1) — *Grupo etário*

Apresentamos, apenas, os cinco grupos etários com maiores frequências:

<i>Sexo masculino</i>	<i>Sexo feminino</i>
16-20 anos (75)	21-25 anos (58)
21-25 anos (72)	16-20 anos (55)
26-30 anos (35)	26-30 anos (28)
31-35 anos (27)	31-35 anos (13)
10-15 anos (20)	36-40 anos (6)

As variáveis analisadas, de imediato, são consideradas independentemente da variável grupo etário.

2 — *Estado civil*

Constata-se para o sexo masculino um predomínio dos *solteiros* (220), seguido dos *casados* (51) e *viúvos* (7), enquanto que no sexo feminino são maioritárias as *casadas* (149), logo após as *solteiras* (11) e, por fim, as *viúvas* (6).

3 — *Profissão*

Do leque das vinte profissões consideradas para o sexo masculino, aparecem: 94 *operários*, 61 *jornaleiros*, 30 *estudantes*, 16 *vendedores*

(17) Permitimo-nos não reproduzir os manuscritos das matrizes de dados de A. Themido, por acharmos descabido num artigo inserido no contexto do catálogo de uma exposição, apresentando, apenas, um mínimo das tabelas-resumos, que a partir delas fizemos.

ambulantes, 12 empregados de comércio, 10 criados de servir, 9 vadios, 8 cocheiros, 6 lentes, 5 empregados civis, etc.

No sexo feminino encontrámos *112 meretrizes, 14 domésticas, 14 criadas de servir, 9 tecedeiras, 5 jornaleiras, 1 professora e 1 fiandeira.*

4 — *Grau de instrução*

Escalonados *cinco graus para o sexo masculino e quatro para o feminino* as frequências encontradas foram as seguintes:

<i>Sexo masculino</i>	<i>Sexo feminino</i>
Nula — 118	Nula — 128
Baixa — 86	Baixa — 32
Superior — 39	Média — 5
Média — 28	Superior — 1
Secundária — 7	

5 — *Motivo de identificação*

As frequências encontradas foram:

<i>Sexo masculino</i>	<i>Sexo feminino</i>
Furto — 126	Medida preventiva — 127
Medida preventiva — 56	Furto — 27
Pelo próprio — 52	Infanticídio — 6
Agressão — 18	Pelo próprio — 3
Burla — 9	Homicídio — 1
Homicídio — 7	Passagem de moeda falsa — 1
Conselho médico legal — 5	Conselho médico-legal — 1
Atentado ao pudor — 3	
Fogo posto — 2	

A designação «*pelo próprio*», como motivo de identificação, corresponde à decisão voluntária de se deixarem observar para obtenção da Carteira de Identidade.

NOTAS SUPLEMENTARES

1 — Funcionamento e instalações do posto antropométrico

Em artigo assinado por A. C. do *Diário de Coimbra* de 1 de Maio de 1913 — «Uma visita ao posto anthropométrico» — à data, ainda instalado no edifício do Museu de História Natural, Eusébio Tamagnini dá-nos uma ideia sequencial dos trabalhos nele realizados.

Iniciava-se a identificação por duas fotografias, uma de perfil e outra de frente, feitas com máquina «modelo Bertillon usado no posto anthropométrico da perfeitura de Paris. Esta lente, a dois metros de distância do ponto de mira, dá a figura com a redução de um sétimo; d'este modo e com esta percentagem fixa, podem determinar-se com uma absoluta certeza as physionomias dos indivíduos identificados».

Seguiam-se as identificações dactiloscópica e morfológica, não sendo esquecidas as cicatrizes, as tatuagens, as anomalias congénitas ou acidentais, etc., etc.

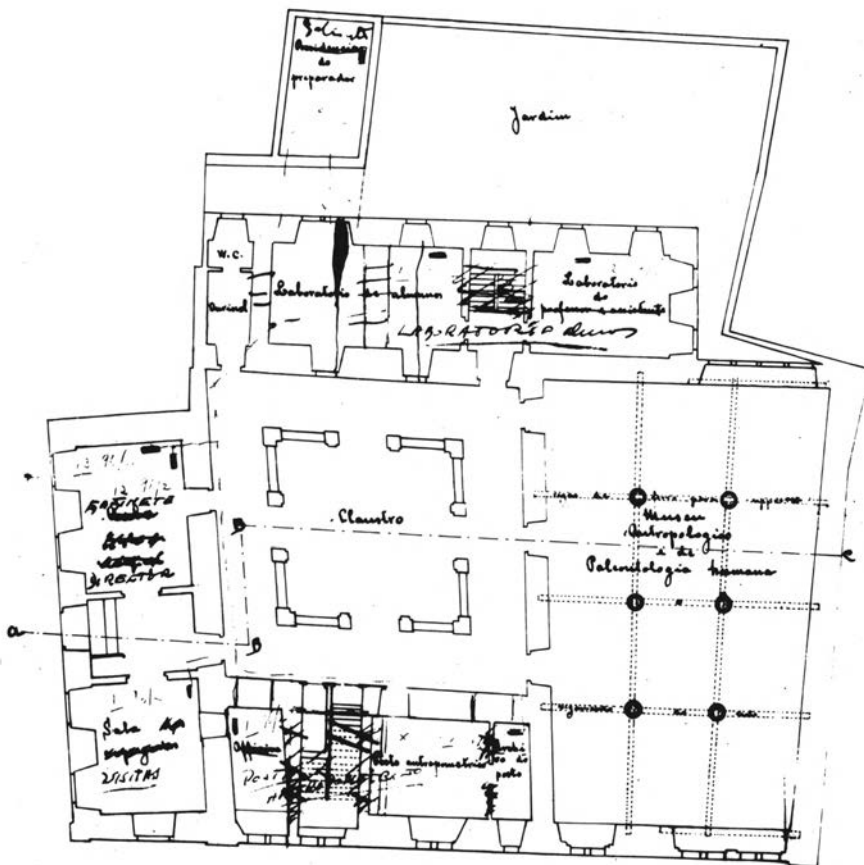
As fichas de identificação eram depois catalogadas e guardadas no «Arquivo», em que «a parte fundamental» consistia em «um armário com trezentas e sessenta gavetas».

Para manuseamento fácil e pesquisa da ficha de identificação do Registo Geral existia um «registo alfabético».

E, finalmente, para complementar os processos havia «o promptuário» onde se arquivavam «todos os documentos relativos» a cada identificado.

Ainda instalado no edifício do Museu, como frisa o visitante A. C., ao posto antropométrico estavam-lhe já destinadas salas mais amplas, como o comprovam as plantas dos segundo e terceiro pavimentos, datadas de 20 de Agosto de 1912, mostrando os esquemas de remodelação e de distribuição das futuras instalações do Instituto de Antropologia no Colégio de S. Boaventura.

À existência de um posto anthropométrico no segundo piso (Fig. 19) acrescia, no terceiro piso, a de um Museu de Antropologia Criminal (Fig. 20).

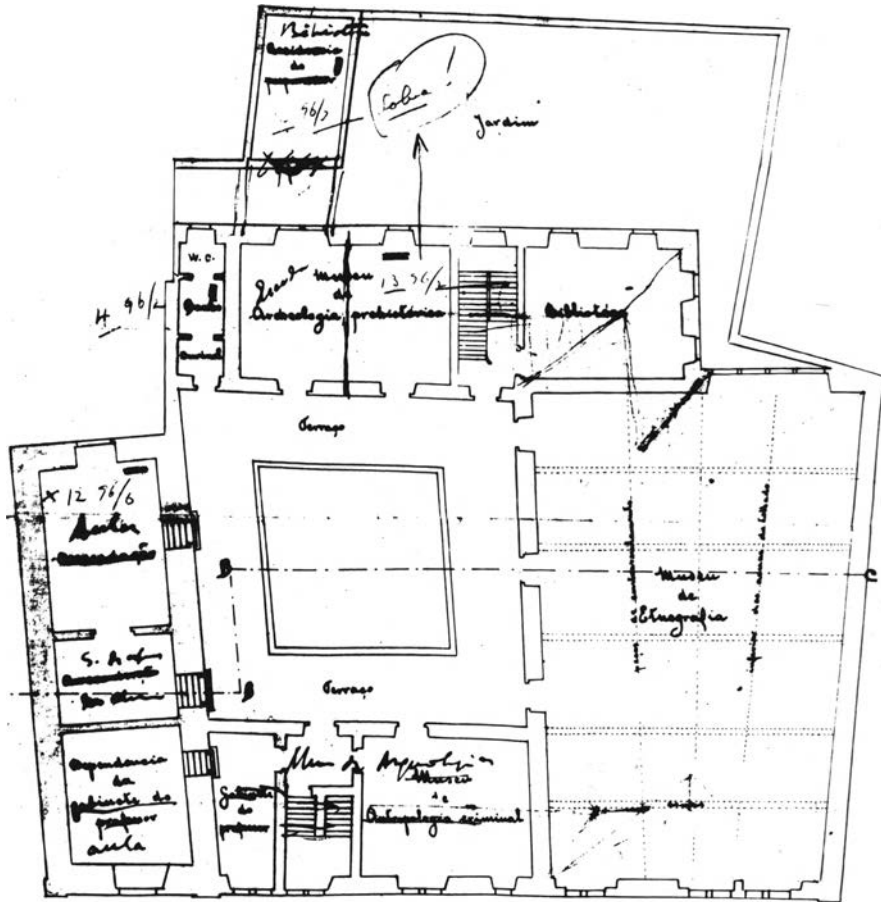


Planta do 2.º pavimento

Coimbra, 20 de Agosto de 1912

José Augusto Pereira Barata

FIGURA 19



-Planta do 3.º pavimento

FIGURA 20

Foram feitas modificações às plantas originais podendo, porém, afirmar-se que o posto ficou instalado, na Rua Cândido dos Reis, dele se reproduzindo duas fotografias complementares que nos mostram parte do seu material, segundo modelo de Bertillon, o qual ainda hoje se encontra em óptimo estado de conservação (Figs. 21 e 22).

Por curiosidade, mencionaremos que também eram requisitadas ao «atelier» fotográfico, para além das fotos dos detidos (1 a 12 por

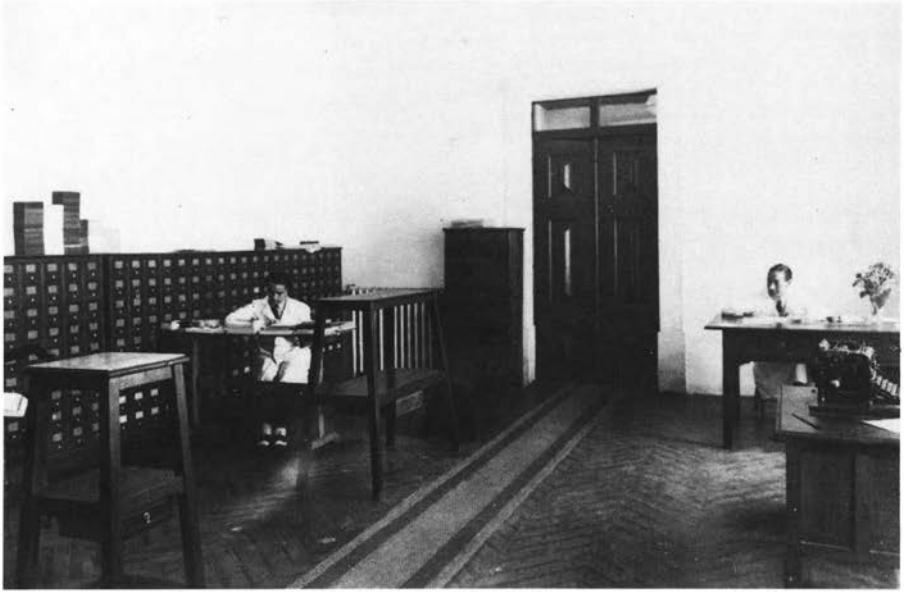


FIGURA 21

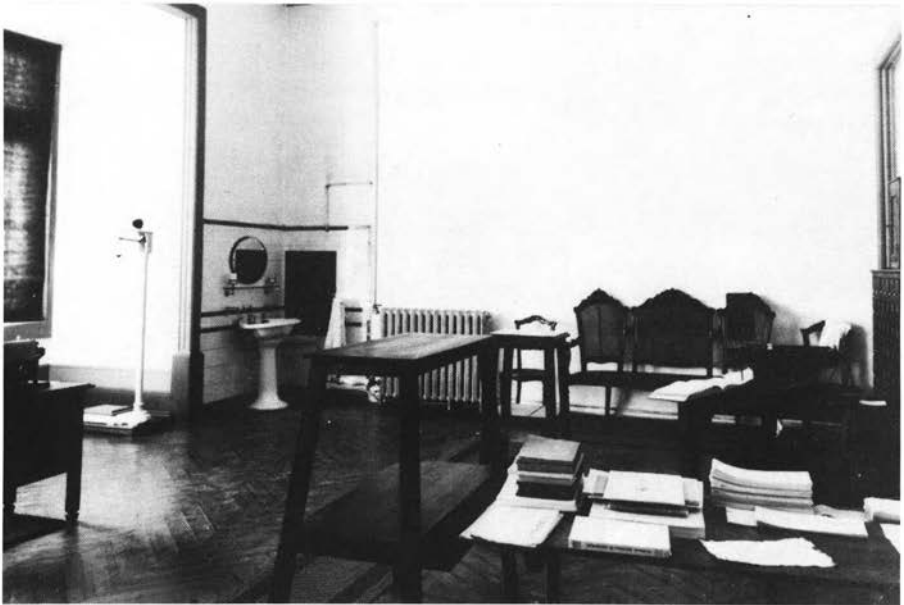


FIGURA 22

indivíduo), provas fotográficas de letras de câmbio (18). O Posto Antropométrico prestava, assim, toda a colaboração possível ao Comissariado de Polícia Civil de Coimbra.

2 — A tatuagem

A tatuagem (palavra de origem polinésia, derivada do dialecto da ilha de Tahiti) é praticada, desde tempos imemoriais, supondo-se mesmo que já pelo homem pré-histórico (19).

Inicialmente utilizada como simples ornamento evoluiu com funções de comunicabilidade muito diversificadas, praticada por aristocratas e/ou plebeus em muitas sociedades; passa, no mundo ocidental do século XIX, nos países «ditos civilizados», a ser imputada quase que exclusivamente aos delinquentes.

É estudada por Lombroso em 1877 e considerada um dos estigmas sociais, «como um sinal de criminalidade inata, mostrando a insensibilidade dos criminosos à dor e o seu gosto atávico pelo ornamento» (Lombroso, 1877, *in* Gould, 1983). A tatuagem foi motivo de trabalhos subsequentes, mesmo se os seus autores não partilhavam totalmente da mesma teoria. Certo é, ela era relevada dos presos, por decalque ou desenho à vista, como o eram os sinais particulares, as anomalias congénitas e, em particular, as cicatrizes consideradas como elementos primordiais de identificação.

Os detidos que passavam no Posto Antropométrico não foram excepção aos estudos da época, tendo sido reproduzidos os seus ornamentos. No relembrar de uma actividade passada, escolhemos como exemplo as tatuagens de um detido (20), aquele que maior número representava (indivíduo do sexo masculino, de 19 anos, natural de Lisboa (Figs. 23, 23a e 23b).

(18) Arquivo do Museu e Laboratório Antropológico — caderno manuscrito cosido à mão e designado por *Posto Antropométrico — Fotografias fornecidas ao Comissariado de Polícia Civil de Coimbra*, 1914-1916.

(19) SILVA, J. R. — *A tatuagem*, 1907-1908, p. 6. Dissertação da cadeira de Antropologia — Arquivo do Museu e Laboratório Antropológico.

(20) Arquivo do Museu e Laboratório Antropológico — Desenhos das tatuagens do detido com o n.º 390, do Registo geral.



FIGURA 23



FIGURA 23a



E. R. 1.

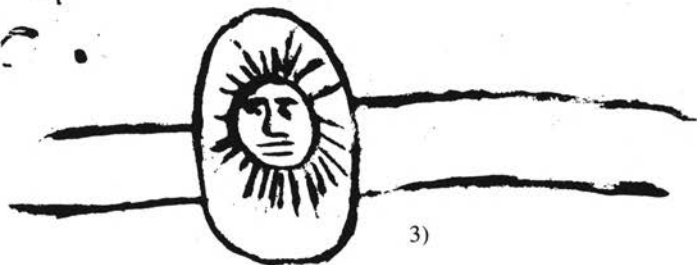


FIGURA 23b

Será interessante assinalar que alguns dos desenhos estão também representados no trabalho de Bastos (1903), talvez porque uma tendência socio-cultural predominava e que certos padrões eram adoptados nessa época. Do sexo feminino não reproduzimos nenhuma, por serem muito simples e em menor quantidade.

3 — Actividade do Posto Antropométrico em 1927

A um lapso de tempo de 3 anos (1924, 1925 e 1926) sem qualquer identificação, seguem-se 290 observações (ainda que incompletas) realizadas entre 1 de Fevereiro e 13 de Maio de 1927.

Seguindo a mesma linha directriz, apresentaremos os resumos da análise das variáveis sócio-económicas desta amostragem, composto somente por homens.

1 — *Grupo etário*

De um leque de idades que se estendia dos 16 aos 65 anos, apresentaremos apenas os quatro primeiros grupos representados:

69 indivíduos de grupo etário dos 26-30 anos, 64 com 21-25 anos, 46 com idades compreendidas entre os 31-35 anos e 41 com 36-40 anos.

2 — *Estado civil*

Nos solteiros em número de 161, predominavam as idades compreendidas entre os 21 a 30 anos; os casados (108) distribuíam-se com maiores frequências pelos grupos etários dos 26 aos 45 anos; quanto aos viúvos, estavam representados, apenas, por 14 indivíduos.

3 — *Profissão*

As maiores frequências incidiam sobre os trabalhadores (101), logo seguidos dos operários (83), indo de imediato os jornaleiros (29) e em 4.º lugar os proprietários (25). As outras profissões apresentavam-se com menos frequências.

4 — *Grau de instrução*

Predominavam os indivíduos de instrução baixa (142), ocupando os analfabetos a segunda posição (126). De grau médio havia 5 indivíduos e um com instrução secundária.

Havia, porém, detidos que não tinham na sua ficha qualquer indicação sobre esta variável.

5 — *Motivo da prisão*

O homicídio aparece como uma causa mais predominante (179 indivíduos) e em segundo lugar vem o furto (82), a violação está em terceiro plano com uma frequência de 7 indivíduos.

Foram de 1927 as últimas observações constantes nos grandes livros do Registo Geral do Posto Antropométrico (acaba com o n.º 750).

A um período de grande actividade, segue-se o declínio, pois ao auge dos estudos criminais, seguiram-se novas linhas de investigação mais consentâneas com os problemas de índole múltipla inerentes aos delinquentes de qualquer sociedade e com a legislação sobre a identificação civil não criminal ⁽²¹⁾ e sobre a separação dos Registos Criminal e Policial ⁽²²⁾.

Achamos oportuno citar Tamagnini e Serra (1942) para esquematizar este ramo de investigação do Museu e Laboratório Antropológico:

«A Antropologia Criminal era talvez o ramo prático das Ciências Antropológicas que tinha nessa época o maior desenvolvimento, depois de trabalhos realizados em vários países, de carácter nem sempre acentuadamente objectivo, mas antes um tanto especulativo.

O contacto estreito entre a Antropologia e a Criminologia perdeu-se depois, pelo menos no que se refere a Coimbra, criando-se serviços autónomos que utilizavam médicos e juristas, como se tratasse simplesmente de problemas de ordem jurídica e higiénica. Certamente a Antro-

(21) PINA, Luís, 1936, p. 18. «Em 1918 inicia-se a Identificação Civil não criminal e em 1919 é criado o Bilhete de Identidade».

(22) PINA, Luís — *Ob. cit.*, p. 24.

pologia poderia ter continuado a ser útil à Criminologia, como o é actualmente (e ainda mais o virá a ser no futuro) à Sociologia em geral.

(...) O contacto de Criminologia com a Antropologia destinava-se principalmente a fornecer material para estudos antropométricos; agora já não é necessário recorrer-se aos criminosos para os estudos antropológicos, mas certamente seria vantajosa a associação dos dois ramos».

Independentemente das ideias subjacentes às teorias que criaram a Antropologia Criminal, as directrizes de colaboração consignadas no artigo 1.º, alíneas *c*) e *d*) do Regulamento do Posto Antropométrico da Universidade de Coimbra (1912) têm sido, efectivamente, concretizadas até ao momento presente⁽²³⁾. Assim o comprovam os relatórios enviados ao Instituto de Medicina Legal da Faculdade de Medicina de Coimbra, nos quais se fazem identificações osteométricas e antropométricas a pedido dos Serviços de Investigação Criminal da Polícia Judiciária.

BIBLIOGRAFIA

- A. C. — *Uma visita ao posto anthropométrico*, in «Diário de Coimbra», de 1 de Maio de 1913.
- AZEVEDO, A. A. — *Subsídio para o estudo do criminoso portuguez*, Coimbra. 1903-1904. (Manuscrito).
- BASTOS, A. Teixeira — *A tatuagem nos criminosos*, Porto, Typ. a vapor de Arthur José de Sousa & Irmão, 1903.
- BERTILLON, A. — *Instructions signalétiques*. Melun, Imprimerie administratif, 1893. *Curso de Antropologia Criminal*, in: Revista da Universidade de Coimbra, 1, 1912, p. 202-203.
- FERREIRA, A. Costa — *O estudo anthropométrico das prostitutas*, in: Galeria dos Criminosos Célebres, 1906, p. 116-126.
- FERREIRA, J. Bettencourt — *Antropologia Paracriminal. A literatura e as obras de arte de inspiração criminalista — Dostoievsky*. Porto, 1938, 15 p. (Extracto de «trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 8 (3)).

(23) Gostaríamos de salientar algumas das últimas solicitações:

1) Relatório de 26 de Janeiro de 1973 (12 p.) a qual mereceu da Interpol a seguinte alusão «... foi de uma valiosa colaboração para a identificação do crime».

2) Relatório solicitado pelo poder judicial tendo como intermediário o Instituto de Medicina Legal (ofício n.º 1524 de 8-8-1983) e respeitante a material osteológico.

3) A colaboração do Museu e Laboratório Antropológico estende-se também a mensurações no vivo (cf. ofício n.º 349 S/84).

- GOULD, S. Jay — *La mal-mésure de l'homme*. Paris: Éditions Ramsay, 1983.
- LOMBROSO, Cesare — *L'homme criminel — Etude Anthropologique et Medico-Légale*. Paris, Felix Alcan, 1887.
- «Notícias de Coimbra», de 21 de Junho de 1911.
- «O Século» de 21 de Junho de 1911.
- PINA, Luís — *Identificação humana em Portugal. História e realizações*. Porto, 1936, 28 p. (Extracto de «Arquivo da Repartição de Antropologia Criminal, Psicologia Experimental e Identificação Civil do Porto», 4 (1-2).
- PINA, Luís — *Uma prioridade portuguesa do séc. XVI. — João de Barros e a Dactiloscopia oriental*, in: Arquivo do Instituto de Criminologia do Porto, 4 (1-2), 1936.
- Programa do Curso Livre de Antropologia Criminal (1912-1913) — 1.º Semestre*. Coimbra, Imprensa da Universidade, Folheto 2 p.
- Regulamento dos Postos Anthropométricos*, aprovado por Decreto de 18 de Janeiro de 1906. Lisboa, Imprensa Nacional, 1906.
- Regulamento do Posto Anthropométrico da Universidade de Coimbra*. Imprensa da Universidade, 1912. Folheto 2 p.
- SILVA, J. R. — *A tatuagem*, Coimbra. 1907-1908. (Manuscrito).
- TAMAGNINI, E.; SERRA, J. A. — *Subsídios para a História da Antropologia Portuguesa*, apresentado ao Congresso da Actividade Científica Portuguesa, Coimbra, 1942.

Grupos Sanguíneos

M. H. Xavier de Moraes

Karl Landsteiner (1868-1943) — consagrou a sua vida de investigador ao estudo dos grupos sanguíneos e da bioquímica da imunidade —.

Fez a importante descoberta de que certos indivíduos possuíam nos seus góbulos vermelhos os aglutinogéneos A e B. Os resultados dos seus trabalhos foram publicados em 1901. Só posteriormente Jansky (1906) e Moss (1910) independentemente um do outro, reconheceram o grupo AB.

Os quatro grupos A, B, O e AB só foram portanto reconhecidos a partir de 1910.

É em 1907 que o professor titular da cadeira de Antropologia se tornou também director do Gabinete de Antropologia que mais tarde se denominou Museu e Laboratório Antropológico ou Instituto de Antropologia.

Enquanto a maioria dos antropologistas tinham uma formação médica, este professor possuía uma formação biológica que o levou a orientar quer a investigação quer o ensino numa forma muito actualizada.

As primeiras observações serológicas conhecidas em Portugal datam de 1926 com o trabalho «Grupos hemáticos dos portugueses» realizado no Porto.

Posteriormente (1932-1936) foram publicados outros trabalhos, mas é em 1937 que o Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra inicia o estudo serológico da população portuguesa.

Para isso efectuaram-se 2968 determinações grupais de indivíduos dos dois sexos, de Liceus e Escolas Técnicas Secundárias de vários concelhos de Portugal. Destas determinações foram não só apresentadas comunicações, uma ao «Congresso das Ciências Antropológicas e Etnológicas» (Copenhague-1938), outra ao 1.º Congresso Nacional das Ciên-

cias das Populações (Porto-1940), como três importantes trabalhos denominados «Os grupos sanguíneos dos Portugueses» e publicados em 1940, 1945 e 1946.

O descobrimento dos grupos sanguíneos além do interesse prático em Medicina, teve também um grande interesse na análise étnica das populações, como adiante veremos. Enquanto até aí, esta análise era baseada em características morfológicas, as quais não são senão o reflexo parcial do «stock» genético humano, com o estudo destes grupos, a Antropologia Física foi profundamente modificada. Assim, tornou-se possível conhecer a composição génica de grupos humanos, seguir a sua evolução, miscigenação, migração, etc.

Pensou-se que a descoberta dos grupos sanguíneos vinha resolver o problema tão importante, nessa data, das classificações «raciais».

Houve mesmo um autor, W. C. Boyd, que propôs uma classificação racial fazendo coincidir raças morfológicas com raças serológicas. Cedo se verificou o fracasso da nova classificação. Actualmente as classificações raciais foram um pouco abandonadas já que o «conceito de raça» apresenta uma rigidez que contrasta com o carácter dinâmico da evolução humana.

Foram publicados neste Instituto durante dez anos (até 1950) uma série de trabalhos em que a parte estatística se deve a W. L. Stevens ⁽¹⁾.

No primeiro trabalho já citado «Os Grupos Sanguíneos dos Portugueses», publicado em 1940, o autor não só compara as suas determinações com as de outros autores, como com determinações feitas na Península Ibérica e também em Itália.

Em Portugal faz o estudo por distritos depois por províncias e, por último, condensa estas em regiões.

Todos estes dados são trabalhados exaustivamente por métodos estatísticos ainda actualmente válidos. Conclui que há heterogeneidade entre as três regiões de Portugal, Norte, Centro e Sul.

Em 1942 é feito o estudo do polialelismo dos grupos sanguíneos (s.ABO) com a hipótese de Dungen e Hirschfeld, a de Bernstein, de Furuich e Kiri-hara-Haku-Bauer e por último analisadas as consequências genealógico-estatísticas.

⁽¹⁾ Professor estagiário que foi convidado pelo director não só para colaborar na investigação como para dar cursos livres a alunos de «Ciencias Exactas e Naturais».

Com as tabelas para investigação sobre os grupos sanguíneos (1945) são ensinados os testes de significância da heterogeneidade das proporções génicas e a determinação da matriz de informação.

Caracterizadas hematicamente três zonas em Portugal e outras três em Espanha aproximadamente com a mesma latitude, chega-se à conclusão que é necessário efectuar um maior número de determinações grupais para tirar alguma conclusão do ponto de vista etnológico.

Em «Comptes Rendus des Scéances de la Société de Biologie» é publicado um artigo em que o autor pensava ter demonstrado uma relação entre a pigmentação clara e o grupo A. Por intermédio de análise estatística rigorosa, é publicado o trabalho «Les groupes sanguins (s.ABO) et la pigmentation», em que Tamagnini conclui que não há qualquer relação entre grupos sanguíneos e pigmentação, o que está em completo desacordo com a conclusão precedente. Em 1950 é publicado «Standardizzazina dei metodi per lo studio della distribuzioni dei gruppi sanguigni» onde são indicadas quais as condições a que devem obedecer os dados serológicos para poderem ser utilizados em comparações etnológicas e é também estudada a serologia da Itália Septentrional.

Como resultado do trabalho «Groupes Sanguins et position anthropologique des Portugais» (1952) os portugueses são colocados dentro do tronco Caucasóide e sub-tronco Atlanto-Mediterrâneo. Não temos qualquer semelhança com os mediterrâneos do Norte de África dos quais diferimos quer nos grupos sanguíneos quer na estatura quer noutras características. «Ce n'est que dans les caractères adaptatifs plus immédiats, la taille et la pigmentation qu'il y a un parallélisme étroit», conclui o autor.

J. Serra elaborou o tipo de ficha que podemos observar na figura 24.

Porque os dados relativos aos sistemas sanguíneos, se exceptuarmos o sistema ABO, eram pouco numerosos e nalguns casos mesmo ausentes, de 1956 a 1966 foram estudados os sistemas ABO, MNSs, Rh, P, Kell-Cellano e Duffy nos portugueses.

O Instituto não possuía, no entanto, instalações laboratoriais necessárias. O seu apetrechamento foi possível com uma dotação extraordinária nas verbas orçamentais e com o auxílio do Instituto de Alta Cultura por intermédio do Centro de Estudos de Ciências Naturais.

Foram colhidas amostras de Norte a Sul de Portugal: pequenos tubos com soro anticoagulante eram enviados aos médicos escolares das Escolas Secundárias a quem tinha sido pedida a prévia colaboração; no dia da colheita, o médico remetia ao Instituto, pelo correio, as amostras de

Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra

<p><i>Instruções para o preenchimento deste registo.</i></p> <p>O n.º de ordem à frente de N.º (minúscula) corresponde a um número no Inst. de Antropologia.</p> <p>O n.º (minúscula) é que corresponde a um número que devem pôr os ex. médicos, igual ao número da tomada de sangue (ao que se põe no respectivo tubo).</p> <p>A preencher apenas a parte respeitante à identificação do indivíduo e do pai e da mãe e, eventualmente, se tem doenças notórias, sobretudo a sífilis.</p>	N.º _____ Grupo _____						
	n.º _____ Data ____/____/____						
	Nome _____						
	Naturalidade { lugar _____ distrito _____ concelho _____						
	Data do nascimento ____ (Dia) ____ (Mes) ____ (Ano)						
Nome do pai _____		Reacção muito forte forte média fraca muito fraca					
Naturalidade * * { lugar _____ distrito _____ concelho _____							
Nome da mãe _____							
Naturalidade * * { lugar _____ distrito _____ concelho _____							
Observações							
Método <table border="1" style="margin: auto; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="padding: 2px;">Soro</td> <td style="padding: 2px;">Hemac.</td> </tr> <tr> <td style="padding: 2px;">Anti-B _____</td> <td style="padding: 2px;">A _____</td> </tr> <tr> <td style="padding: 2px;">Anti-A _____</td> <td style="padding: 2px;">B _____</td> </tr> </table> Prov. dos s. p. _____	Soro	Hemac.	Anti-B _____	A _____	Anti-A _____	B _____	
Soro	Hemac.						
Anti-B _____	A _____						
Anti-A _____	B _____						

FIGURA 24

sangue; as determinações eram feitas com a maior brevidade possível, o que obrigava o laboratório a funcionar mesmo que o Instituto se encontrasse encerrado.

Dos primeiros trabalhos efectuados os autores encontraram uma maior frequência no grupo B na região Sul, mas esta diferença não é significativa, portanto não há heterogeneidade serológica entre as três regiões, contrariamente ao que se tinha concluído em trabalhos da década de quarenta.

Destes trabalhos foi apresentada uma comunicação no XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências — Coimbra 1956.

Devido a uma maior frequência de B na região Sul os autores propõem-se estudar a distribuição do sistema ABO no Alentejo e Algarve. Assim, em «Os grupos do sistema A₁A₂BO no Alentejo e no Algarve» (1963) concluem que a maior incidência de B se deve aos distritos de Évora e Setúbal. Verificado este facto, uma possível influência de elementos mediterrâneos vindos do Norte de África (que têm B elevado)

deveria fazer-se sentir no Algarve. Por isso, pode dizer-se que nos afastamos muito das características serológicas das «raças negróides», contrariamente ao que admitiam e admitem os autores anglo-saxónicos. Os resultados encontrados estão de acordo com os de outras populações europeias, pois factos semelhantes foram observados em Espanha e a isso não deve ser estranha a longa dominação Árabe na Península.

É de salientar que o laboratório de serologia do Instituto a partir de 1956 tem grande actividade. Os soros anti-A e anti-B, empregues nas determinações eram todos preparados no próprio laboratório com o sangue de dadores do Hospital da Universidade de Coimbra. O Instituto determinava os grupos sanguíneos dos dadores e o Hospital fornecia o sangue para a preparação dos soros. Resultava daí uma grande economia e uniformização de tipo de soros. A princípio anti-M e anti-N também eram preparados no Instituto, mas como a técnica de preparação é muito laboriosa e dispendiosa, optou-se por comprá-los à Alemanha se bem que não totalmente preparados. Esta preparação dos soros no Instituto foi aconselhada pelo Dr. A. E. Mourant, Director do Medical Research Council Blood Group Reference Laboratory de Londres. A ele se devem, além de valiosos conselhos, as determinações grupais dos vários sistemas sanguíneos do pessoal do Instituto e dos Serviços de Transusão do Hospital, os quais foram frequentemente utilizadas como padrões.

É também em 1956, que muitos alunos, voluntariamente, enviam por intermédio da Caritas, sangue para a Hungria; foram feitas centenas dessas determinações grupais no Laboratório (ABO e Rh).

Eram também preparados soros anti-O a partir do soro de enguia (*Anguilla anguilla L.*) e soro anti-A₂, utilizando sementes de tojo (*Ulex europeus L.*). Estes dois soros serviam de contraprova, que por vezes é absolutamente indispensável, para uma rigorosa determinação grupal.

Foi estudado o sistema P e para além das reacções P₊ e P₋ foi verificada a intensidade de P₊ em três graus se bem que, por vezes, esta distinção fosse pouco segura. Deste modo foi publicado um pequeno trabalho «Os grupos sanguíneos dos Portugueses. Contribuição para estudo dos grupos P» (1956) em homenagem ao Professor Arthur Ricardo Jorge.

Foram feitas determinações do sistema Rh apenas no Centro do país. Do trabalho efectuado foi apresentada uma comunicação ao XXV Congresso Luso Espanhol para o Progresso das Ciências (Sevilha-1960). Do mesmo modo que se tinha verificado para os sistemas ABO, MN e P, em

Rh não se encontraram quaisquer influências estranhas extra-europeias na nossa população.

Nessa data o problema da imunização feto-placentaria não estava resolvido, daí a necessidade de, não só determinar os grupos sanguíneos dos pais, como estar preparado para uma possível transfusão ex-sanguínea total do recém-nascido.

A pedido de vários médicos obstetras de Coimbra determinaram-se no laboratório vários casos de incompatibilidade Rh e qual o grau de imunização da mãe.

Dada a grande actividade e aperfeiçoamento das técnicas, o laboratório de serologia passou a ter um certo renome pois, ainda a pedido dum médico do Hospital de Santa Maria (Lisboa), que efectuava o estudo de hemoglobinas numa colónia «negróide» de Alcácer do Sal, foram-nos solicitadas determinações grupais.

No trabalho «Relações Seroantropológicas Lusobrasileiras» (1964) estabelece-se a posição seroantropológica dos dois países e suas relações.

Enquanto Portugal, como se viu, apresenta uma relativa homogeneidade de Norte a Sul, o mesmo não acontece no Brasil. Senão vejamos: além do elemento aborígene ameríndeo mongolóide, há o elemento lusitano caucasóide e ainda o negróide que apareceu com o comércio de escravos. É ainda de frisar que as proporções destes elementos variam de local para local. Do elemento caucasóide, a maioria é de origem portuguesa.

Em 1966 é publicado um trabalho sobre os sistemas Duffy, MNS e Kell-Cellano, cujas determinações tiveram o mérito de serem as primeiras feitas em Portugal. O local de recolha de amostras de sangue foi apenas a Zona Centro. As frequências génicas mostraram grande concordância com outras populações europeias.

Embora o laboratório continuasse ainda com uma grande actividade, sobretudo no aspecto didáctico (foram ministradas aulas práticas de determinações grupais a muitas Escolas Secundárias de Coimbra e arredores), o trabalho citado anteriormente, fecha a fase de publicações sobre grupos sanguíneos.

É a este período de actividade que se reporta a figura 25, a qual nos mostra o laboratório após as obras de restauro nas suas instalações do edifício de S. Bento.



FIGURA 25

BIBLIOGRAFIA

- CUNHA, A. Xavier da; MORAIS, M. H. Xavier de — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses. Contribuição para o estudo dos sistemas A_1A_2BO e MN.* «Contr. para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 6 (2) 1956, p. 69-79.
- CUNHA, A. Xavier da — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses. Contribuição para o estudo dos grupos P.* «Arquivos do Museu Bocage», Lisboa, 27, 1956, p. 161-165.
- CUNHA, A. Xavier da; MORAIS, M. H. Xavier de — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses. Distribuição regional dos sistemas A_1A_2BO e MN.* «Contr. para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (2), 1959, p. 17-36.
- CUNHA, A. Xavier da; MORAIS, M. H. Xavier de — *Os génotipos Rh em Portugueses.* «Contr. para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (4), 1960, p. 53-59.
- CUNHA, A. Xavier da; MORAIS, M. H. Xavier de; CUNHA, F. A. F. Xavier da — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses. Os grupos do sistema A_1A_2BO no Alentejo e no Algarve.* «Contr. para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (7), 1963, p. 159-170.

- CUNHA, A. Xavier da — *Relações seroantropológicas Luso-Brasileiras*. «Contr. para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (9), 1964, p. 195-218.
- CUNHA, A. Xavier da; MORAIS, M. H. Xavier de — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses. Grupos Kell-Cellano, Duffy e MNSs*. «Contr. para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 8 (1) 1966, p. 5-15.
- SERRA, J. A. — *Groupes sanguins et position anthropologique des Portugais*. «Questões de método», 13, 1952, p. 5-18.
- STEVENS, W. L. — *Tabelas para investigação sobre os grupos sanguíneos*. «Questões de método», 8, 1945, p. 5-10.
- TAMAGNINI, E. — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses. I parte*. «Contr. para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 3 (2) 1940; in «Revista da Faculdade de Ciências da Univ. de Coimbra», 8 (2) 1940, p. 179-347.
- TAMAGNINI, E. — *O polialelismo dos grupos sanguíneos (sistema ABO)*. «Contr. para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 4 (3) 1942, p. 165-225.
- TAMAGNINI, E. — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses. II parte*. «Revista da Faculdade de Ciências da Univ. de Coimbra», 13 (1), 1945, p. 113-140.
- TAMAGNINI, E. — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses. III parte*. Revista da Faculdade de Ciências da Univ. de Coimbra», 15, 1946, p. 83-149.
- TAMAGNINI, E. — *A distribuição dos grupos sanguíneos na Península Ibérica*, in «Act. y Mem. Soc. Espan. de Antrop. Etnol. y Prehist.», 23, 1948, p. 157-185.
- TAMAGNINI, E. — *Les groupes sanguins (système ABO) et la pigmentation (couleur des yeux et des cheveux)*. «Questões de método», 10, 1948, p. 5-19.
- TAMAGNINI, E. — *Standardizzazione dei metodi per lo studio della distribuzione dei gruppi sanguigni (sistema ABO)*. «Questões de método», 12, 1950, p. 1-38.

As Colecções Etnográficas

Maria do Rosário Martins

Ao comemorarmos o centenário da criação da cadeira de Antropologia, não podia deixar de fazer referência à história bi-centenária de que fazem parte algumas colecções deste Museu.

É na segunda metade do século XVIII que, acompanhando o movimento de renovação intelectual da época, introduzido pelo cultivo das ciências de observação e experimentais, chega até nós um importante núcleo etnográfico proveniente da «Viagem Philosophica», efectuada pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira ao «Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá», entre 1783 e 1792.

Sabe-se que este conjunto de objectos etnográficos dos índios brasileiros, só veio a ser incorporado no Museu da Universidade em 1806, remetido pelo Real Museu da Ajuda (França, 1922).

Não existindo no decurso dos anos seguintes, documentos comprovativos relativamente à entrada de objectos etnográficos no Museu surgenos, em 1829, a primeira relação de inventário deste Museu, intitulada, «*Espingardas antigas. Armas e utensilios dos Índios. Madeiras, cascas, raízes e outros productos vegetaes*», arrolamento enviado em 14 de Outubro de 1829 a José Joaquim Barbosa (1).

Tal como o título deste inventário nos sugere, foi através dos trabalhos de pesquisa relativos aos diversos sectores da história natural, nomeadamente dos naturalistas exploradores do mundo vegetal e suas aplicações práticas que, hoje possuímos informações de interesse etnográfico.

(1) Documento manuscrito existente no Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra.

Supõe-se que esta colecção já incorporaria diversos objectos africanos, pelo que, no referido inventário se encontra, entre outros, «*um remo dos negros Benguellas; uma faca embainhada dos negros Benguellas; três pulseiras circulares de cobre das negras d'Angola*».

Em 30 de Julho de 1850, é elaborada uma nova relação, intitulada «*Inventário do Gabinete de História Natural*», assinada pelo director, Fortunato Rafael Pereira de Sousa. É discriminado neste inventário, o conteúdo das dez salas que então constituíam o Museu, cabendo à colecção etnográfica a ocupação da 8.^a sala, reservada a *Antiguidades. Objectos raros e curiosos, tanto da Arte, como da Natureza. Produccções vegetaes da América e da África*» ⁽²⁾ (Fig. 26).

Em «appendice» a este inventário, encontra-se uma listagem de objectos, alguns deles com a indicação da sua proveniência: Moçambique, Zanzibar, Angola e Macau, oferecidos por João Pedro da Costa Coimbra.

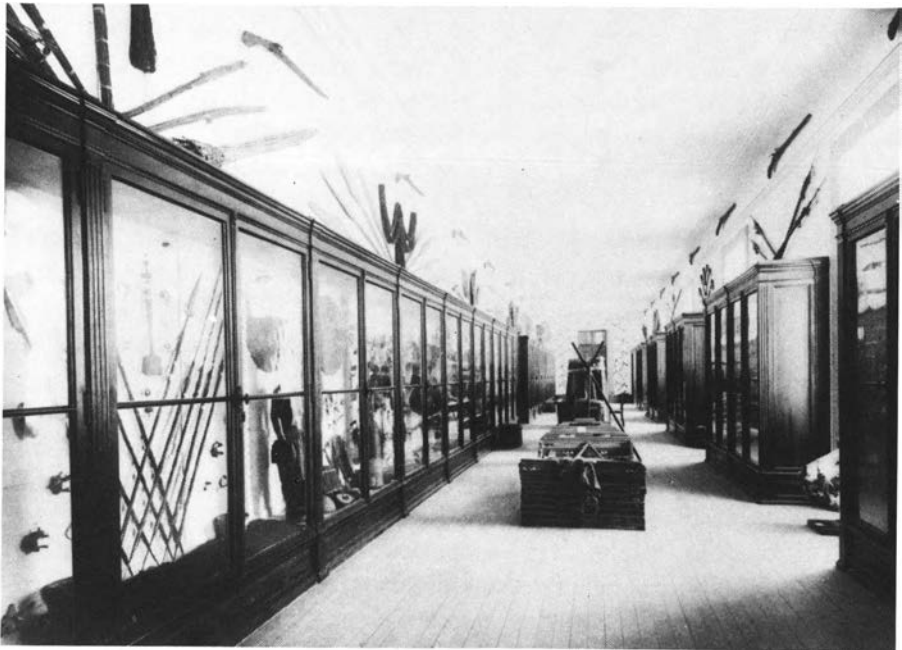


FIGURA 26

⁽²⁾ Documento manuscrito existente no Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra.

Com o título de «*Inventário dos objectos existentes na colecção ethnographica do Museu em Novembro de 1881*» (3), dispõe agora o Museu, pela primeira vez, de uma relação em que os objectos são numerados tanto individualmente, como colectivamente, citando em alguns casos a sua proveniência, o ano e o seu doador, não possuindo contudo quaisquer elementos informativos sobre a sua forma de apresentação.

Fazem parte deste inventário, duas importantes colecções, remetidas pelo Governador de Macau, José Alberto H. Cunha Corte-Real e pelo governador de Benguela, Alfredo Pereira de Melo, que vindo significativamente aumentar o acervo, são dignas de referência sobretudo pelo seu valor etnográfico.

Do núcleo representativo que possuímos vindo do oriente, cifrado em 411 objectos, 376 advêm da oferta de José Alberto H. Cunha Corte-Real. Da mesma forma, contribuindo para um maior enriquecimento das nossas colecções, salienta-se a colecção oferecida por Alfredo Pereira de Melo e o valor de alguns exemplares como, caixas de rapé, bastões, punhais e machados (Figs. 27 e 28).

NOTA: Os inventários de 1829, 1850 e 1881, atrás referenciados, contêm objectos repetidos, destrinça quase impossível de realizar, por falta de elementos descritivos e designações abstractas como «muito antigo no Museu», e ainda objectos de que nunca se teve conhecimento, facto que dificulta qualquer tipo de esquematização correcta, relativamente à evolução das colecções nestas décadas.

COLECÇÕES ETNOGRÁFICAS: 1885 a 1897

Passando, em 1885, o Museu de História Natural da Universidade de Coimbra a ser constituído por secções de Zoologia, Botânica, Mineiologia e Antropologia, Bernardino Machado torna-se responsável pela respectiva Secção, função que desempenha a partir de 1886.

Júlio Henriques (1896), menciona que: «Completa o Museu de História Natural o Gabinete de Anthropologia de recentíssima criação, pois data de 1890, época em que pode ser organizado n'uma das partes

(3) Documento manuscrito existente no Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra.



FIGURA 27

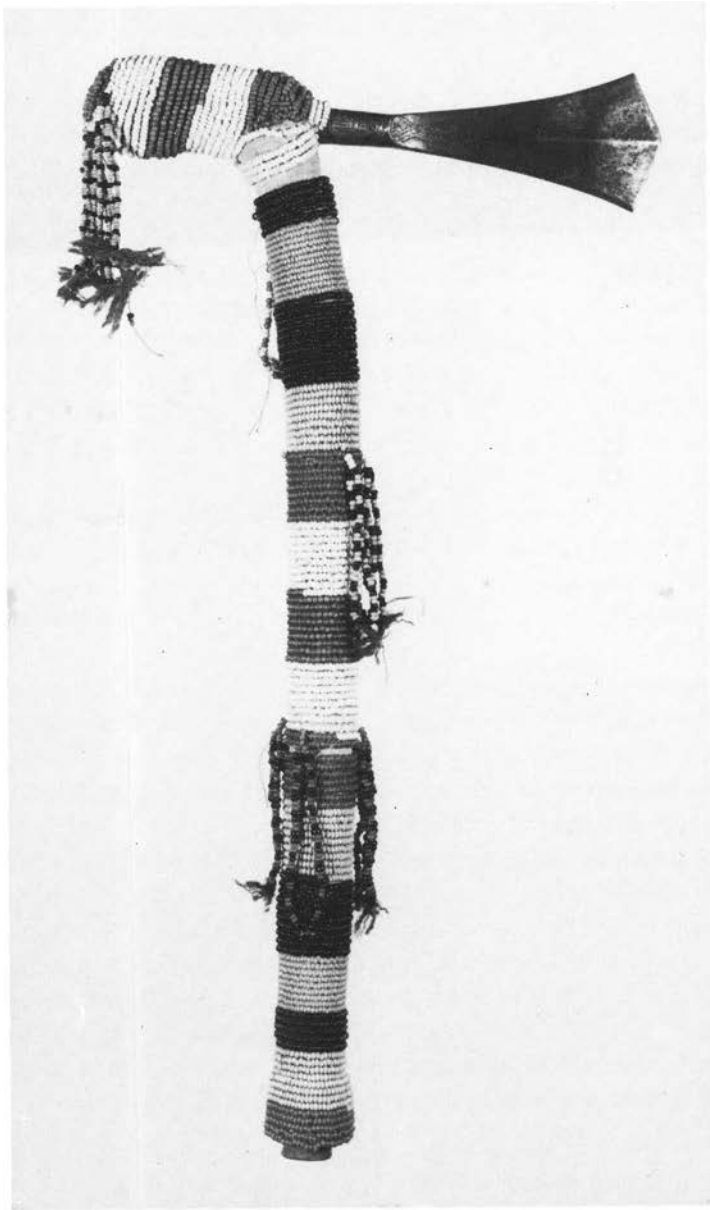


FIGURA 28

do edifício do Museu restaurado pelas obras geraes ... Anteriormente a esta época todos os objectos referentes à Anthropologia e sciencias correlativas estavam dispostos em salas hoje destinadas à secção Zoológica».

É nos finais do século passado que, acompanhando o desenvolvimento científico e tecnológico, surgem as exposições públicas que, de certa forma, vieram contribuir para o crescimento do património etnográfico.

Neste âmbito é realizada no Porto, no Palácio de Cristal, em 1894, a «Exposição Insular Colonial Portuguesa», que através de vários núcleos ali representados, tinha como finalidade patentear um vasto bazar dos produtos insulares e coloniais e dos que a metrópole podia fornecer a essas regiões. (Catálogo da Exposição, 1895). Apesar desta iniciativa se enquadrar nos sectores comercial, industrial e agrícola, de acordo com as perspectivas da época, pretendia mostrar ao público em geral o desenvolvimento em que se encontravam as nossas colónias e as ilhas adjacentes. Inerente a estes sectores, foram também expostos significativos conjuntos de objectos etnográficos de que provêm algumas das principais colecções ultramarinas do Museu Antropológico nomeadamente a pertencente a Alberto Correia, relativa a Angola. (Museu e Laboratório, 1978). (Fig. 29).

Através de uma carta de Alberto Correia, dirigida a Bernardino Machado, em 20 de Junho de 1897, são adquiridos por compra, num montante de 412.540 Réis, cerca de 517 objectos, a maior parte deles expostos na Exposição Insular e Colonial Portuguesa e outros ainda em substituição dos que se tinham degradado (4).

Provenientes deste certame, verifica-se que até 1897, foram incorporadas outras colecções no Museu de Anthropologia, colecções que vieram substancialmente enriquecer e ampliar o acervo etnográfico.

A corroborar o que foi dito, em correspondência endereçada por António E. Ferreira de Mesquita a Bernardino Machado, em 1896, constata-se que lhe foram adquiridas pela quantia de 105.000 Réis, duas colecções constituídas essencialmente por «armas gentílicas», relativamente a Angola e Guiné, procedentes da aludida exposição (5). Em lista

(4) Documento manuscrito existente no Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra.

(5) Documento manuscrito existente no Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra.

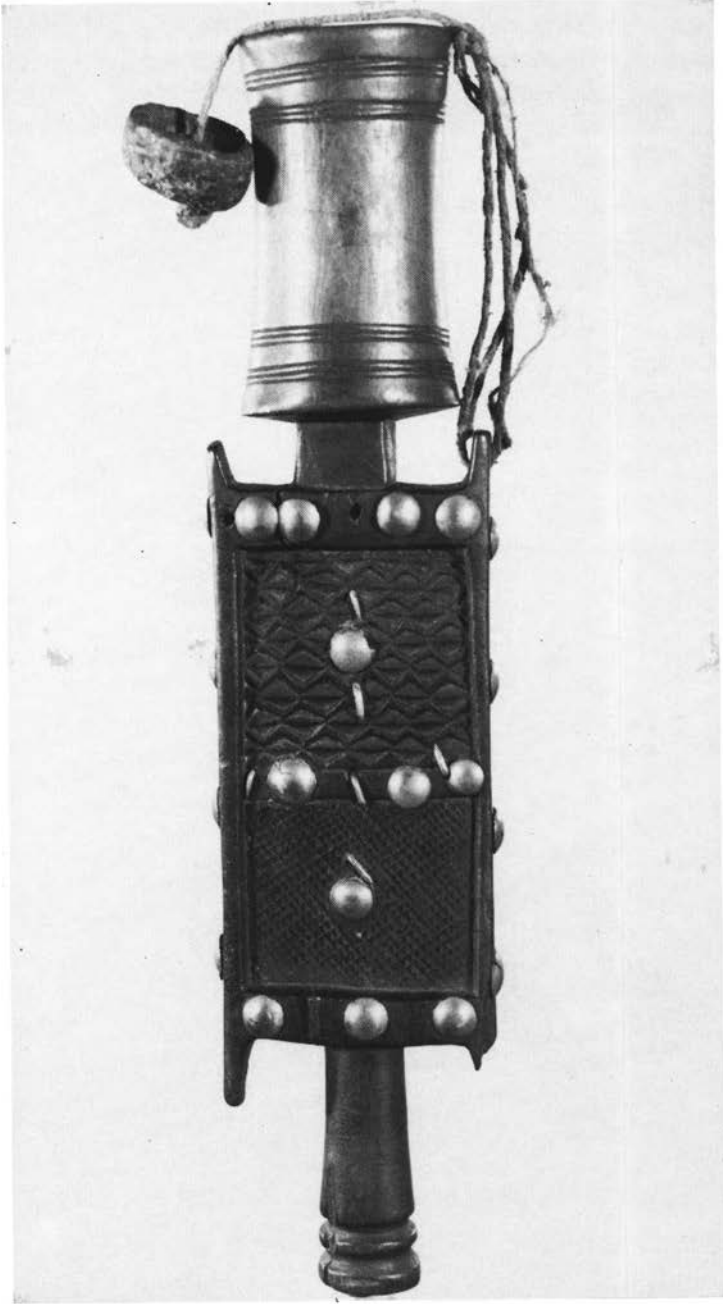


FIGURA 29

anexa a esta carta, são sumariamente descritos e desenhados alguns objectos que acompanharam a remessa, cujo conteúdo, originalidade e interesse etnográfico divulgamos (Figs. 30, 31 e 32).

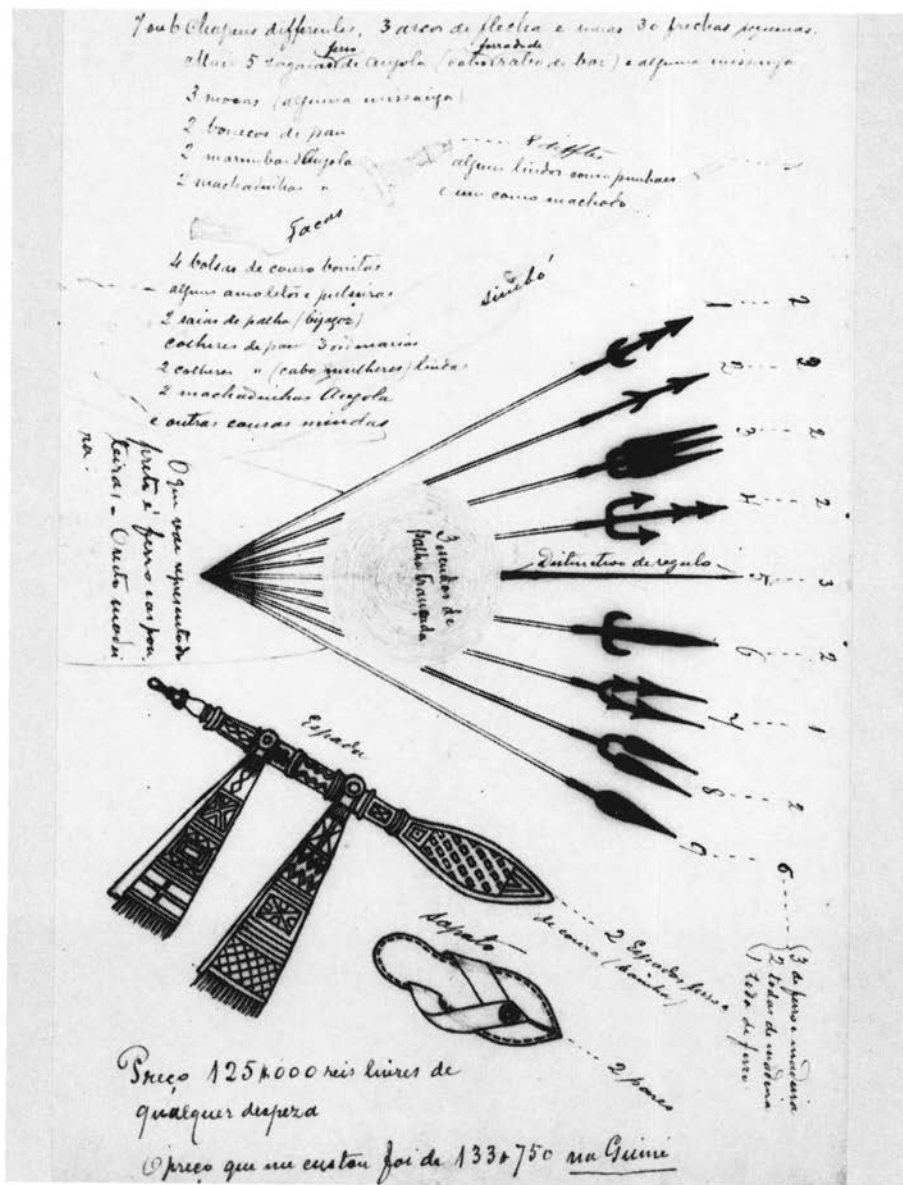


FIGURA 30

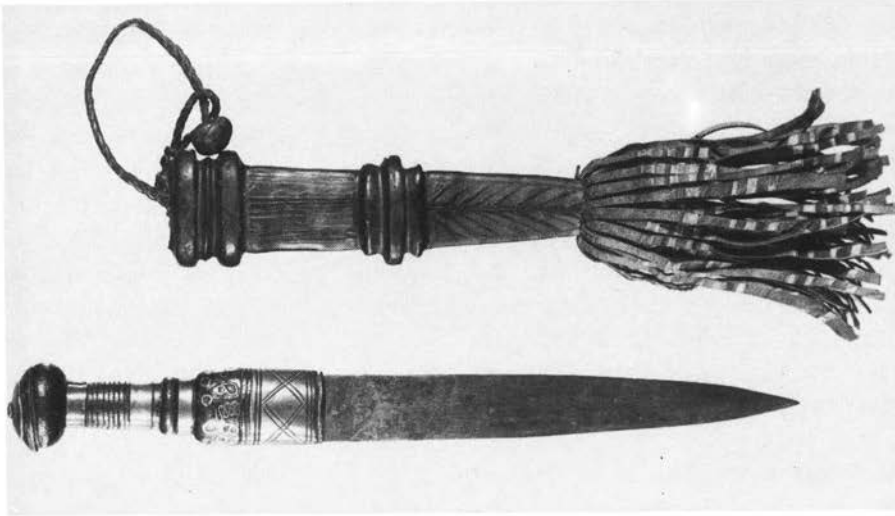


FIGURA 31

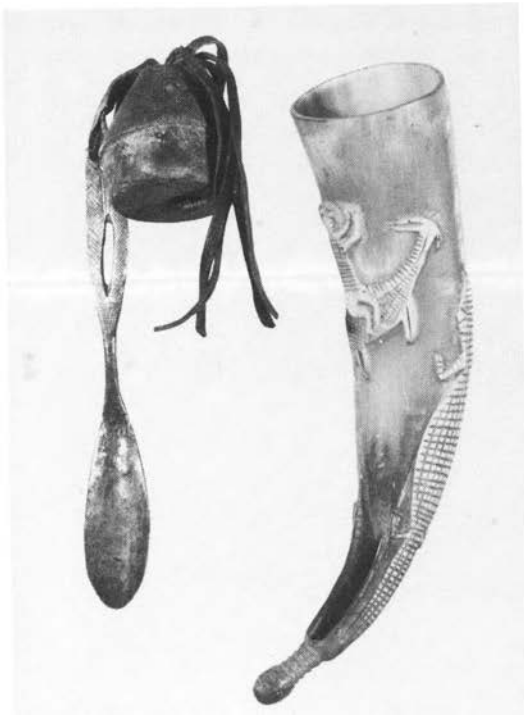


FIGURA 32

O Museu vê assim entre 1894 e 1897 valorizado o seu espólio, que quase na totalidade é adquirido aos participantes da exposição portuense. Coleccionadores como, Barão de Cabinda, Visconde de Cacongo, Bensaúde e Companhia, João Francisco França, Jerónimo José Carneiro, Jacinto Carneiro Sousa Almeida, Francisco Quintas e tantos outros, contribuíram para que a última década de oitocentos fosse coroada por um acentuado crescimento do acervo etnográfico (Figs. 33, 34 e 35).

Apesar deste incremento, as colecções permaneciam em perfeito anonimato, sem que houvesse a preocupação de um registo de inventário ou a publicação de um catálogo.

Iniciando esta tarefa, Adolpho Frederico Moller, jardineiro chefe interino do Jardim Botânico (Anuário da Universidade, 1896), inicia a publicação de uma relação detalhada dos objectos então existentes no Museu, reportando-se não só aos entrados entre 1885 e 1897, mas a todos os objectos que tinham dado entrada até 1885, relação que é editada na Revista «O Instituto», sob o título de «Catálogo do Museu Etnográfico da Universidade de Coimbra», em 1897.

Não tendo completado a sua obra conseguiu, no entanto, seguindo um critério geográfico e agrupando os objectos segundo as suas caracte-

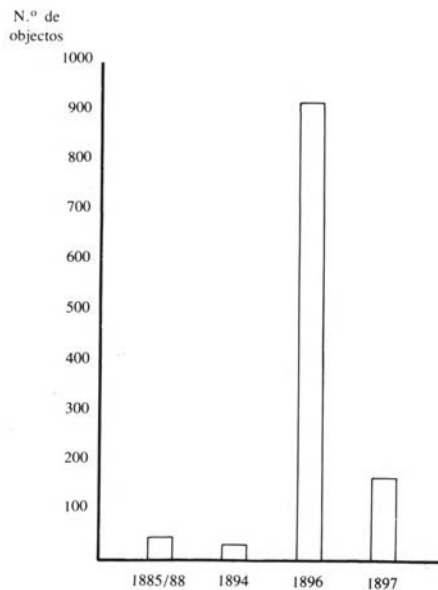


FIGURA 33



FIGURA 34

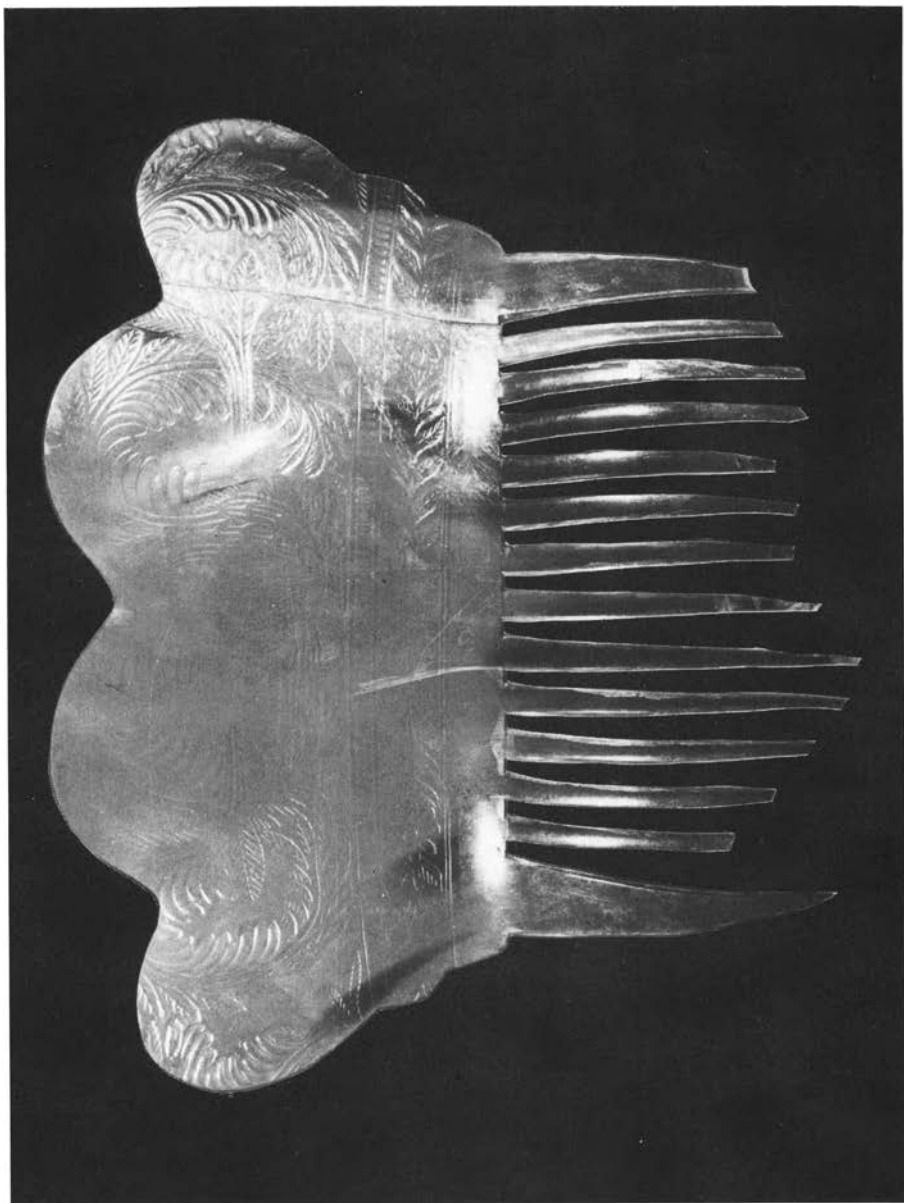


FIGURA 35

rísticas funcionais, catalogar as colecções de Cabo Verde, Guiné, Dahomé, Ajudá, Ilha do Príncipe e de S. Tomé, Congo Francês e ainda parte da colecção de Angola, perfazendo um total de 1221 objectos. (Amorim; Morais, 1955). Para que esta classificação não tivesse uma ordem arbitrária, Adolpho Frederico Moller atribuiu aos objectos um número individual, a sua designação, dimensões, grupo étnico, proveniência e, ainda, o ano de aquisição e o nome do seu ex-proprietário, quando possuía elementos.

Ao analisar cronologicamente o número de objectos entrados no Museu entre 1885 e 1897, verifica-se, que no decorrer destes anos as colecções ampliam-se, dando entrada a cerca de 1166 objectos (Fig. 33), facto que vai contrastar, como veremos, com as entradas registadas nos anos seguintes. Este quadro elucida-nos sobre o que atrás foi dito, evidenciando os resultados dos contactos havidos aquando da Exposição Insular.

COLECCÕES ETNOGRÁFICAS: 1899 a 1947

Com a saída de Bernardino Machado em 1907, Eusébio Tamagnini fica como responsável pelo Gabinete de Antropologia, mais tarde Museu e Laboratório Antropológico, Instituto de Antropologia (Cunha, 1982) (Figs. 36 e 37).

Iniciado em 1911 o «Curso Livre de Etnografia Colonial», leccionado por Barros e Cunha, foram estudadas as populações das colónias da África, Índia, Macau e Timor quanto à sua composição étnica e etnografia propriamente dita: costumes, religiões, artes, folclore, linguística, etc., iniciativa de sobremaneira interessante, dado que no Instituto de Antropologia existia um Museu Etnográfico com valioso material proveniente do vasto domínio colonial que então possuíamos (Tamagnini; Serra, 1942).

Já anteriormente, em 1902, nota-se que a existência de peças etnográficas do Museu, não se destinava apenas aos especialistas e estudiosos na matéria. Eram também utilizadas com fins didácticos, uma vez que foram objecto de trabalhos de iniciação à investigação na cadeira de Antropologia, como comprovam as fotografias apresentadas pelos alunos nas «Dissertações para a cadeira de Anthropologia» (Figs. 38, 39, 40, 41 e 42).

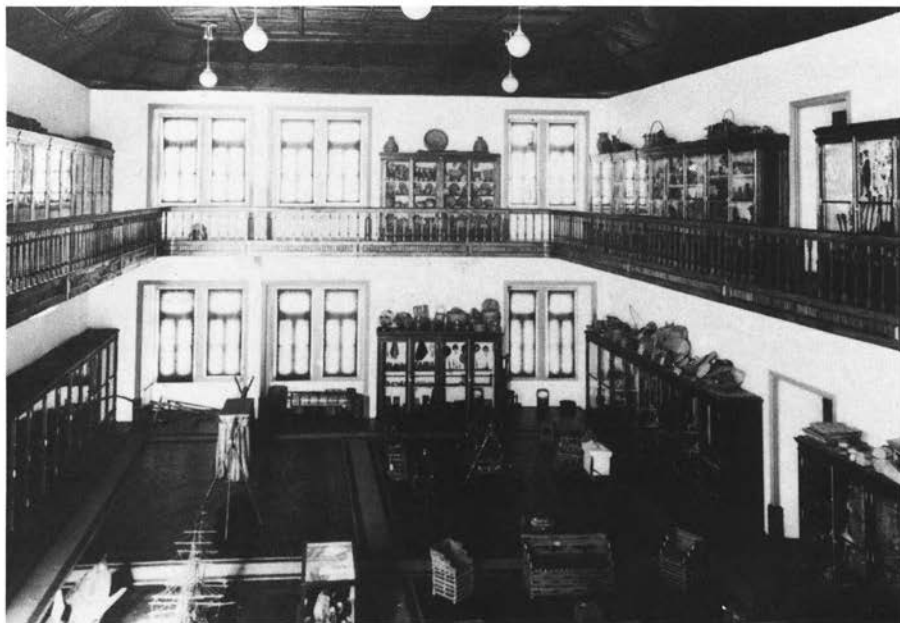


FIGURA 36



FIGURA 37



FIGURA 38



FIGURA 39



FIGURA 40



FIGURA 41



FIGURA 42

Com a construção da nova cidade universitária, e a demolição do colégio S. Boaventura, o Museu e Laboratório Antropológico vai ocupar em 1948, as instalações provisórias do colégio de S. Bento (Cunha, 1982).

Neste período a recolha etnográfica é menos profícua, verificando-se que a incorporação de colecções é feita através de permutas, ofertas ou resultantes de missões de recolha em territórios ultramarinos.

Uma das importantes colecções, refere-se a José Maria Ernesto Carvalho Rego, proveniente de Moçambique e adquirida em 1902 por compra, no montante de 230.000 Réis. Esta colecção é constituída essencialmente por objectos de adorno, instrumentos musicais e armas gentílicas (Fig. 43).

Em 1903, Cabral Moncada oferece ao Museu uma colecção procedente de Angola, representada por adornos de cabeça, uma curiosa colecção de pentes de madeira e osso, cachimbos, caixas de rapé, diversos tipos de pulseiras e colares, utensílios de cozinha em madeira, vários tipos de cestaria, instrumentos musicais e alguns símbolos do poder (Fig. 44).



FIGURA 43



FIGURA 44

No período entre 1916 e 1918, a colecção de maior vulto refere-se à oferta de José Pinto Meira, onde predominam objectos angolanos, nomeadamente, cestaria, bengalas, porrinhos, vários tipos de escultura e instrumentos musicais (Fig. 45).

Com a entrada de duas colecções pertencentes a Horácio Menano e José Francisco Nazarette, respectivamente em 1923 e 1924, originárias de Angola e Moçambique, o acervo Museu é enriquecido com armas de caça, flechas, arcos para flechas, azagaias, facas e espingardas.

O crescimento registado no gráfico da figura 46, em 1927, é devido a duas significativas colecções angolanas, a de Eduardo Gomes Martins Cardoso e à recolha feita pela Missão Botânica, chefiada por Luis Wittnich Carrisso, Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra ⁽⁶⁾. Esta colecção, revela um particular interesse etnográfico, baseado no seu método de recolha, onde a descrição, informação e localização dos objectos se articula, acrescidos ainda de alguns desenhos elucidativos, da constituição e uso de algumas peças (Fig. 47).

⁽⁶⁾ Documento manuscrito existente no Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra.

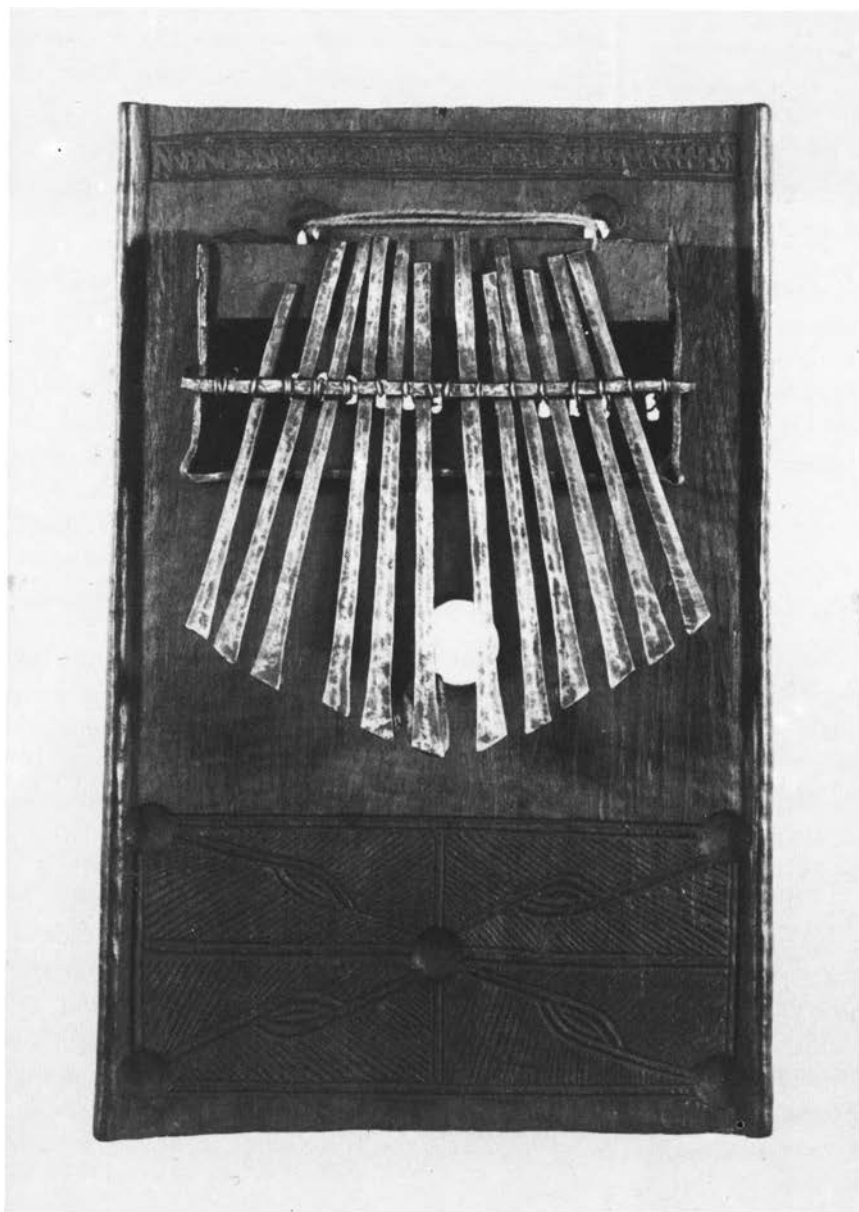


FIGURA 45

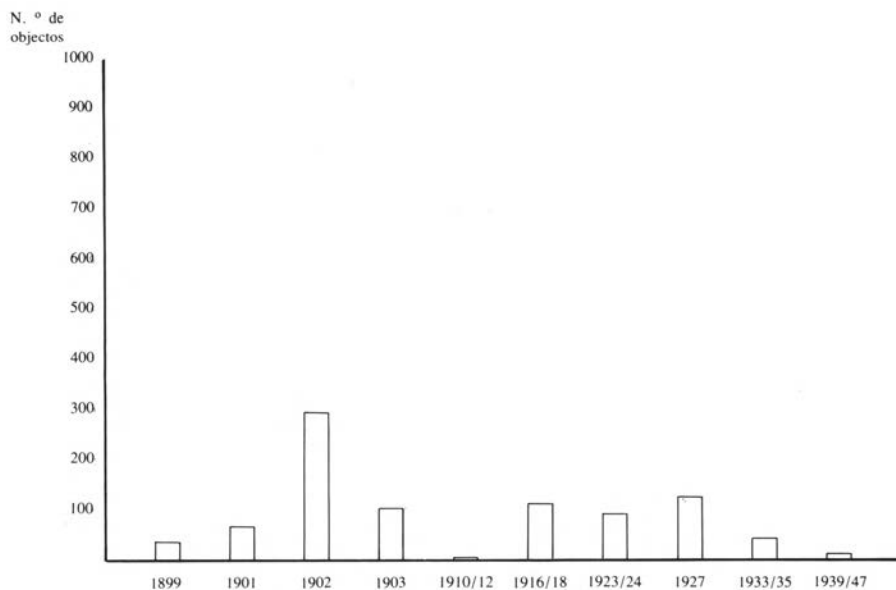


FIGURA 46

Através do gráfico da figura 46, verifica-se que nos anos seguintes a 1927, não foram incorporadas colecções de relevo, vindo contudo do Museu Agrícola Colonial de Lisboa, em 1933, duas pequenas colecções da Guiné e de Angola.

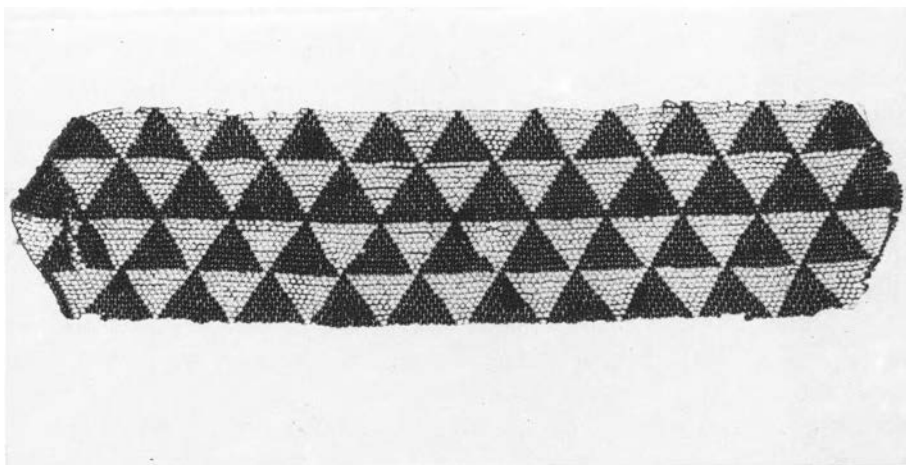


FIGURA 47

COLECÇÕES ETNOGRÁFICAS: 1955 a 1984

Foi a partir de 1955, que o Museu de Etnografia do Instituto de Antropologia de Coimbra, passou a dispor de um catálogo-inventário, onde foram reunidos os milhares de objectos adquiridos de diferentes formas, que de inventário em inventário, passando por diversas dependências, chegaram até nós.

Este catálogo, elaborado por Fernando Bayolo Pacheco de Amorim e Maria Helena Xavier de Morais, viu assim incluídas todas as colecções etnológicas dos antigos territórios portugueses, africanos e asiáticos, conagradas num inventário completo, permitindo a sua fácil consulta e simultaneamente impedindo possíveis extravios. (Amorim; Morais, 1955).

Através de um relatório de trabalhos efectuados por Alberto Damião Amorim Machado Cruz, bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian de Julho a Dezembro de 1958, foi enviado ao Museu e Laboratório Antropológico parte da sua recolha feita em Angola, selecção que obedeceu a um critério de complementarização do núcleo já existente, tornando-o mais representativo, uma vez que já tinha prévio conhecimento do acervo existente, através de fotografias e desenhos. (Cruz, 1958). (Fig. 48).

Após o ingresso desta colecção, a inexistência de verbas para aquisição de material etnográfico, as obras efectuadas no colégio de S. Bento, e a falta de mobiliário adequado, conduziram o Museu a um período de letargia, que se arrastaria até 1975.

Aquando das citadas obras do colégio de S. Bento, todas as colecções foram depositadas no Museu Zoológico, regressando em 1967 para a inauguração oficial do actual edifício (Fig. 49). Esta reinstalação resultou sobretudo do interesse do então Director do Museu, que já apreensivo com o estado em que se encontravam as colecções, mobilizou todo o pessoal para que se procedesse a uma limpeza generalizada das peças, requisitando mais tarde, em 1973, um preparador-conservador para o quadro do Museu, a fim de que fosse atenuado o processo de degradação dos objectos.

«Durante o exercício dessa Direcção, fez diligências para que se preparassem, em Portugal e no Estrangeiro, docentes nacionais, que ficassem devidamente habilitados a ministrar o ensino na área correspondente ao estabelecimento que dirigia.» (Fernandes, 1984).

Em 1975, na continuidade deste impulso dinamizador, a área de Antropologia Cultural onde está inserido o Museu, foi desenvolvida

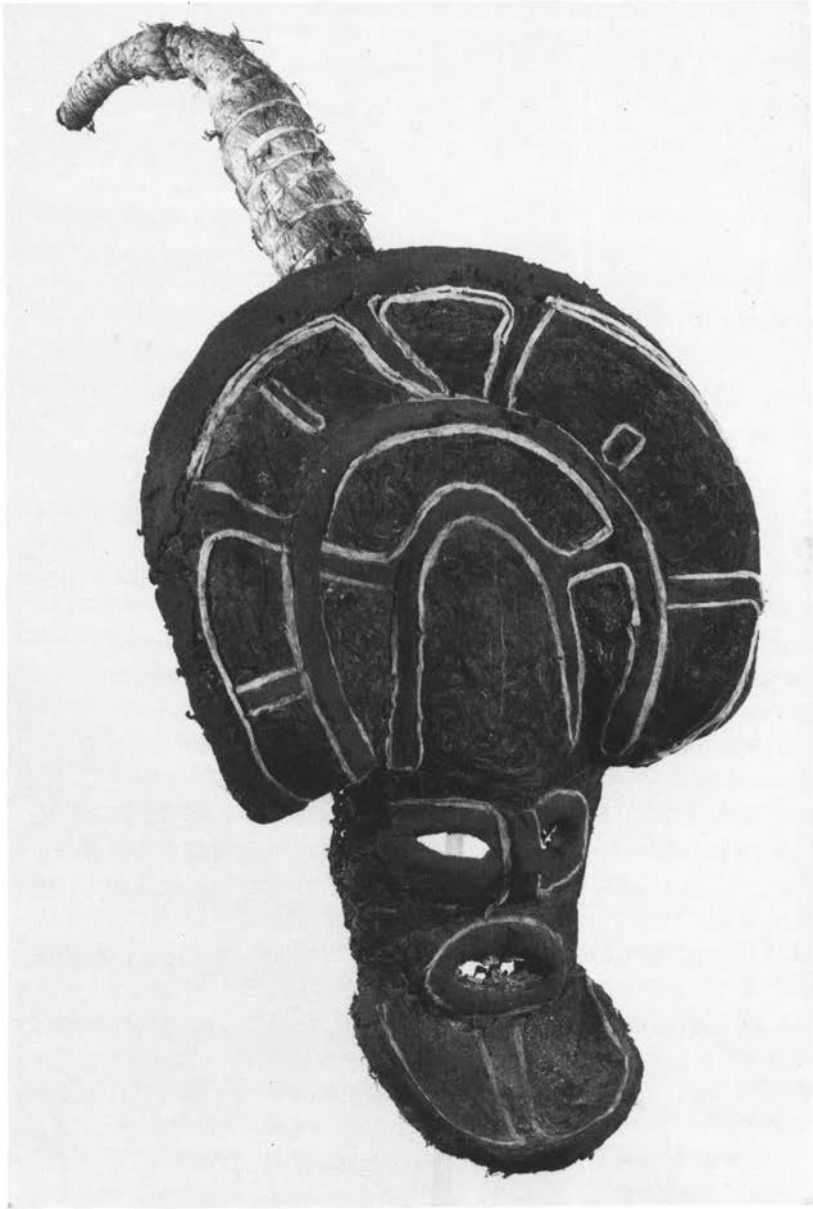


FIGURA 48

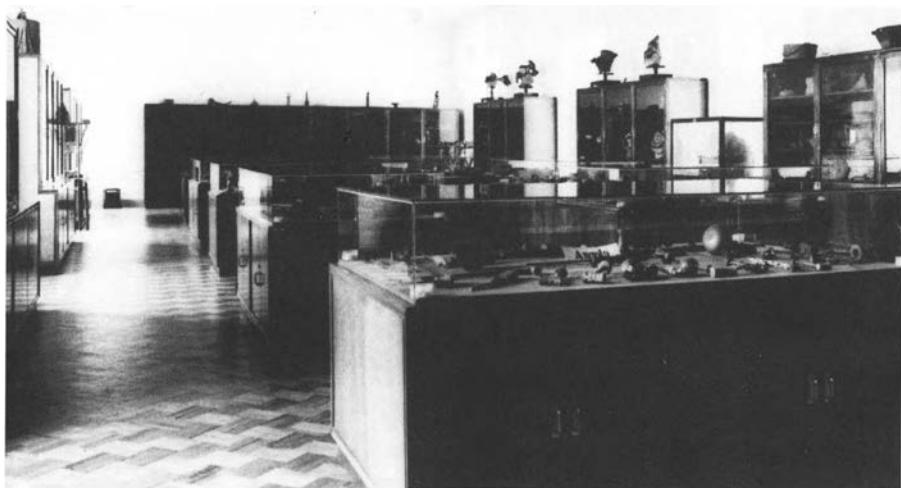


FIGURA 49

através de acções e trabalhos de carácter científico, programando-se directrizes que viriam a perspectivar o Museu para o exterior.

Em 1977, o âmbito das colecções é substancialmente alargado, passando a fazer parte do acervo do Museu, objectos representativos da zona centro do país. Paralelamente procedeu-se à estruturação do registo de inventário das colecções e ao funcionamento de um gabinete de apoio à conservação e restauro.

Foi ainda neste ano, que o Museu passou a dispor de verba orçamental para a aquisição de objectos, facto que, veio desbloquear parcialmente uma situação financeira, uma vez que a obtenção de objectos era efectuada só consoante subsídios para o fim: na realidade, o usufruto desta verba permitiu, então, um franco acréscimo das colecções etnográficas (Figs. 50 e 51).

O crescimento registado entre 1977 e 1978 deveu-se essencialmente à entrada de colecções provenientes da área central do país e à entrada da colecção angolana, pertencente a Miguel Neves, colecção esta que fracccionadamente se tem vindo a adquirir até 1984. Esta colecção, hoje repartida por vários núcleos, representa um património de interesse etnológico e museográfico, possuindo o Museu e Laboratório Antropológico uma grande parte, cifrada num milhar de objectos (Fig. 52).

Em 1979, é adquirida aos herdeiros de Armando Simões uma colecção de cachimbos tradicionais de Angola, recolhida entre 1922 e 1935 pelo seu proprietário inicial, Armando Simões (Fig. 53).

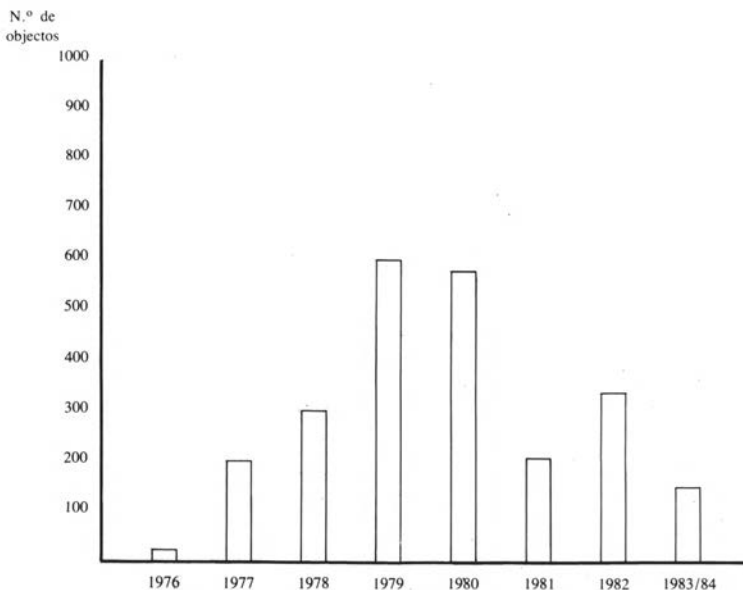


FIGURA 50

Esta colecção que contém 169 objectos, entre cachimbos, forninhos e cachimbos d'água, é bastante representativa em qualidade e quantidade, talvez das maiores a nível internacional, apesar de se registar uma certa monotonia de padrões, compensada porém, por outros espécimes de real valor e interesse.

Destaque para a colecção adquirida a Fernando Cabral Moncada, em 1980, constituída por faiança «ratinha», que veio enriquecer o nosso acervo português.

A partir de 1981, procedeu-se à reestruturação do Museu em reserva visitável, organização que obedeceu a um critério de natureza geográfico-temático (Figs. 54 e 55). Pôde ser então permitido o seu acesso, de modo a que alunos, especialistas e interessados na matéria o pudessem visitar a título particular, uma vez que por razões de vária ordem se encontra encerrado ao público em geral.

Uma das razões que está no cerne desta situação é a falta de privacidade de locais apropriados para exposições permanentes e temporárias, vicissitude que se arrasta desde 1974, altura em que foram ocupadas parte das instalações reservadas ao Museu, por outros serviços da Faculdade de Ciências e Tecnologia. Apesar de lesado na sua actuação



FIGURA 51



FIGURA 52

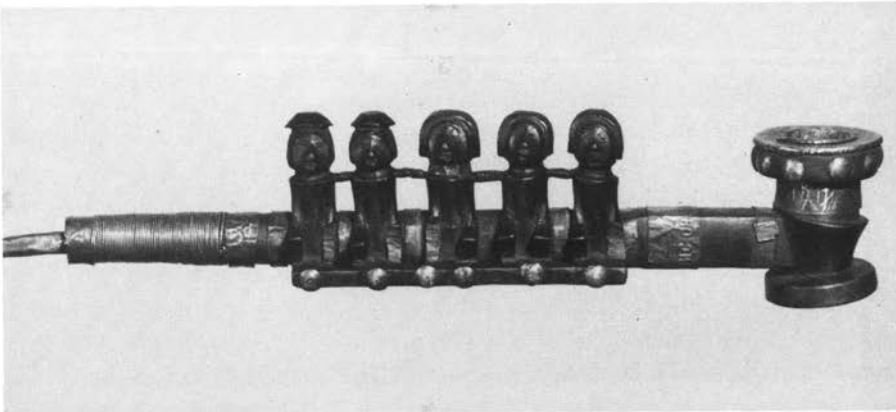


FIGURA 53



FIGURA 54



FIGURA 55

cultural, valorização museográfica e didáctica para com a sociedade, procura dar o seu contributo através de exposições realizadas «em corredores», espaços estes que, para além de inadequados, põem em causa a segurança das colecções.

A regência de aulas práticas de cultura material e o estudo directo efectuado pelos alunos sobre as colecções, conduzem hoje o museu ao cumprimento, ainda que parcial, da sua função didáctica.

A articulação Museu-Sociedade, conseguida sobretudo através do nosso serviço educativo, projectado em diversas dimensões para o exterior, veio dar a este Museu uma nova dinâmica, tornando-o centro de irradiação e receptáculo de valores, cada vez mais um espaço vivo.

Através de alguns especialistas que, de passagem ou convidados estiveram entre nós, foi possível obtermos preciosas colaborações científicas, como a que vinha a prestar José Redinha, traduzida na identificação e descrição dos objectos.

Tendo em vista a conservação das colecções etnográficas que possuímos, a sua duração centenária e as exigências da temperatura-humidade, adequadas à natureza diversificada dos objectos, visando ainda uma reorganização de espaços, foi pedido em 1982, ao Museu Monográfico de Conímbriga um levantamento dos problemas de conservação e restauro das nossas colecções.

Na sequência do mesmo objectivo e devido à especificidade de certos objectos, foi também pedida a colaboração do Instituto José de Figueiredo.

Resultante destas duas colaborações e dos serviços prestados, hoje o Museu põe a salvo valiosas colecções do seu acervo, entre elas parte da colecção inicial, recolhida no século XVIII por Alexandre Rodrigues Ferreira.

Na mesma óptica de preservar os bens culturais do património português, foi recentemente integrada no Museu e Laboratório Antropológico, a título de depósito, uma importante colecção vinda de Angola, pertencente aos Missionários do Espírito Santo, colecção que se encontrava numa situação precária em termos de segurança e em degradação progressiva.

É nosso propósito dar ao Museu uma nova funcionalidade, ultrapassando a sua concepção tradicional de «Arquivo de Testemunhos», ou «Refúgio de objectos do passado», e torná-lo um espaço de encontro de culturas, que se estudam e comparam, reflectindo sobre o passado e o

presente, aproveitando desta forma o conteúdo e riqueza cultural que o Museu nos transmite, dando-lhe como contrapartida o nosso vivo e activo contributo funcional.

Para que este objectivo seja concretizado é imprescindível que se recuperem os espaços museográficos destinados à exposição permanente.

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Fernando Bayolo Pacheco de; MORAIS, Maria Helena Xavier de — *Catálogo-Inventário do Museu de Etnografia do Ultramar do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra*. Anais, Vol. X, Tomo I, Lisboa, 1955, J.M.G.I.U.
- Anuário da Universidade de Coimbra, 1896-1897*. Coimbra, 1896, p. 214.
- Catálogo da Exposição Insular e Colonial Portuguesa. Palácio de Crystal Portuense*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1895 (capa 1896).
- Documentos manuscritos existentes no Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra*.
- CRUZ, Alberto Damião Amorim Machado — *Relatório do 1.º semestre de trabalhos*. Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, 1958.
- CUNHA, Alberto Xavier da — *Contribution à l'Histoire de l'Anthropologie Physique au Portugal*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», Vol. XI, Fasc. 1.º, 1982, pp. 18, 19 e 20.
- FERNANDES, Abílio — *Prof. Doutor José de Barros Neves*, Sep. do Boletim da Sociedade Broteriana, Vol. LVII (2.ª série): VII-XLI, 1984.
- FRANÇA, Carlos — *Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815). História de uma Missão Científica ao Brasil do século XVIII*. Boletim da Sociedade Broteriana, Vol. I, fase II, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922.
- HENRIQUES, Júlio Augusto — *Faculdade de Filosofia (1872-1892)*. in «O Instituto», Revista Científica e Litterária, Vol. XLI, n.º 1, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1896.
- MOLLER, Adolpho Frederico — *Catálogo do Museu Etnográfico da Universidade de Coimbra*. in «O Instituto», Vol. XLIV, n.º XI, 1897, p. 674.
- Museu e Laboratório Antropológico 1772-1978. Exposição Temporária*. Coimbra, 1978.
- TAMAGNINI, Eusébio; SERRA, José Antunes — *Subsídios para a História da Antropologia Portuguesa*. Coimbra, ed. Bertrand (Irmãos), 1942.

As Colecções Angolanas

M. L. Rodrigues de Areia

As colecções do Museu e Laboratório Antropológico (M.L.A.) reunidas sob critérios da perspectiva didáctica que orientou o Museu de História Natural desde 1772, integram elementos de todas as ex-colónias portuguesas incluindo o Brasil. Neste conjunto as colecções angolanas merecem uma referência particular, quer pela quantidade das peças recolhidas, quer sobretudo pela qualidade de um bom lote de exemplares excepcionais e raros. Estes dois factores permitem situar as colecções angolanas do M.L.A. como a melhor a nível nacional e uma das melhores mesmo a nível mundial. Nela encontramos representadas tanto as grandes zonas culturais de Angola como as principais escolas de escultura tradicional e elementos diversos de cultura material dos principais grupos étnicos. A maioria deste importante acervo não foi até agora objecto de um estudo sistemático e as poucas abordagens ocasionais feitas muitas vezes com base em critérios «estéticos» levaram à repetição frequente de imagens dos mesmos objectos deixando no esquecimento toda a informação antropológica relativa à grande maioria que são todos os outros objectos.

Nesta breve informação sobre as colecções do Museu e Laboratório Antropológico mais do que mostrar alguns exemplares já publicados em escritos breves, procura-se dar informação mínima acerca dos tipos de objectos que integram a colecção agrupando-os nas categorias mais significativas e ilustrando quanto possível cada um dos grupos constituídos.

Este arranjo não é exclusivo nem exaustivo; pretende apenas dar uma informação minimamente diversificada do conjunto do acervo angolano das colecções do M.L.A.

Consideremos para o efeito, e em termos de representatividade das colecções, os seguintes grupos: escultura, metalurgia, instrumentos musicais, cestaria e esteiraria, cerâmica e tecidos. Das colecções em depósito no Museu e Laboratório Antropológico destacamos a colecção de tampas de panela dos Ngoio (Cabinda).

1. ESCULTURA

Compreendemos sobre esta epígrafe o conjunto de estatuetas, máscaras, bastões e objectos diversos em que é evidente a arte de esculpir.

Pode afirmar-se que estão profusamente representadas as duas grandes regiões de escultura angolana, a saber, a região dos povos do Kongo (Cabinda e toda a zona outrora designada por Congo português) e a região da Lunda onde há a destacar a escultura dos Cokwe (Quiocos) e povos afins, nomeadamente, Shinji, Minungu, Songo, Lwena e Ngangela (Fig. 56).

Entre os exemplares de escultura provenientes da designada região dos povos do Kongo são de destacar dois notáveis ídolos de pregos (Fig. 57), uma extraordinária figura de maternidade primorosamente tatuada e com o corpo imbuído do pó ritual *takula* (Figs. 58 e 58a). Nesta importante área da escultura tradicional há ainda a notar o centro de arte do subgrupo Yaka, na região do Kwango, com as misteriosas máscaras com romeira de ráfia (Fig. 59) e estatuetas, consideradas exóticas, com grandes narizes recurvados e pinturas claras (Fig. 60).

Na região da Lunda e seu prolongamento para sul (coincidindo com a área de expansão cultural dos Cokwe) predomina uma arte de origem diferente com características próprias, muitas vezes designada por «arte savânica». Deste grupo as colecções do M.L.A. integram algumas máscaras em madeira, de grande qualidade, sobretudo máscaras femininas de *mwana-pwó* («menina-mulher», donzela) (Fig. 61); e uma excelente máscara do subgrupo Mbunda (Fig. 62); a notar ainda as máscaras de entrecasca com fragmentos de tecido vermelho aplicados sobre resina preta, máscaras de grandes dimensões, nalguns casos gigantes, ligadas às festas de iniciação dos rapazes nos Cokwe (Fig. 63). São também numerosas as estatuetas de fino recorte (Fig. 64), os bastões encabeçados por figurações humanas com estrias decorativas (Fig. 65) e as caixas de rapé de bela patine e configuração antropomórfica (Fig. 66).

Peças de inspiração mais recentes, mas revelando uma técnica muito aperfeiçoada, são as cadeiras e bancos de chefe (Fig. 67) com numerosas esculturas decorativas onde o trabalho em madeira se alia a uma arte muito aperfeiçoada de manejar e entrançar o couro (Fig. 68). Ainda ligada a esta região, mas com marcada individualidade, é de referir a arte animalística da região do Bié (área cultural dos Ovimbundu) em que os exemplares são mais raros e de menor qualidade.

Refira-se por fim o tipo de escultura miniaturizada revelada através de um conjunto muito diverso de representações de exíguas dimensões, nomeadamente configurações de antepassados, entre as quais são de destacar as «figurinhas» dos cestos de adivinhação (Fig. 69).

Tanto esta escultura de forma miniaturizada como a confecção de máscaras e estatuetas têm por via de regra um suporte mágico-religioso.

2. METALURGIA

Foi no tratamento dos metais, nomeadamente o cobre e o ferro, que algumas etnias angolanas mais se evidenciaram no campo da cultura material. Foram notáveis sobretudo as técnicas de extracção do ferro e as de vasamento e fusão do cobre. Nas colecções do M.L.A. são numerosas as peças que documentam a perfeição atingida no tratamento decorativo obtido com estes metais.

Na extracção do ferro a partir dos minérios ferrosos, nomeadamente da limonite dos pântanos, utilizam o fole-tambor (o *mwanze* dos Cokwe) que consta de duas caixas de ar em madeira monobloco articuladas com dois porta-ventos feitos de peles de animais comuns (Fig. 70).

As caixas de ar articulam-se com um argaraviz de cerâmica que fica em contacto com o fogo. O conjunto porta-ventos, caixas de ar e algaraviz (que constitui o lado masculino do processo) aplica-se a um forno de configuração antropomórfica (corpo de mulher) assimilando o processo de fundição do ferro ao de gestação humana e rodeando-o dos mesmos tabus (Fig. 71).

Do ferro produzido fabricavam não só muitos dos objectos indispensáveis no quotidiano, como enxadas, machados, armas e facas, mas também objectos nobres como a faca de circuncisão (*tewla* dos Cokwe) (Fig. 72), as lanças, tanto as de caça como as exibidas pelos chefes como insígnias do poder (Figs. 73 e 73a) e ainda esplêndidos machadinhos

finamente decorados (Figs. 74 e 75) e com lâminas por vezes marchetadas com incrustações de cobre (Fig. 76).

Lâminas e fios de cobre e latão aplicados também a cabos de lanças (Fig. 77) ou ao pipo e forninho dos cachimbos (Fig. 78) produzem belos feitos decorativos e dizem da mestria destes povos na aplicação decorativa deste material.

3. INSTRUMENTOS MUSICAIS

A diversidade étnica de Angola produziu, no que diz respeito à música, uma enorme variedade de instrumentos musicais que vão desde o simples arco de caça transformado em instrumento musical (Bosquimanos) até às mais sofisticadas escalas dos *Kisanji* ou dos xilofones com cabaças de ressonância.

O instrumento mais comum e também o mais ligado às práticas mágico-religiosas é o tambor, havendo-os troncocónicos gigantes como os de Cabinda, trapezoidais em madeira monobloco como o *cingufu* (Fig. 79), cilíndricos de duas peles como o *mukupela* ou de uma só pele como o *puita*, tambor de fricção dos povos do oeste, sendo contudo mais comum o tambor cónico *ngoma* (Fig. 80).

Entre os idiofones são notáveis sobretudo os de dedilhar, os conhecidos *Kisanji* feitos nalguns casos com teclado de cana, simples ou duplo, mas mais comumente com teclado de ferro, havendo em regra uma caixa de ressonância ou escavada na própria madeira de suporte (Fig. 81), ou anexada (pequena cabaça encostada à madeira), ou improvisada no momento de execução (cova escavada no solo). A este grupo pertencem ainda os chocalhos e os diversos xilofones de cabaças (Fig. 82).

Entre os aparelhos cordofones são de realçar os diversos pluriarcos do sul (Fig. 83) e os que apresentam configuração antropomórfica como o *Kakoshi*, em que o som do ar é acompanhado do estridular das sementes (Fig. 84).

São de referir também alguns aerofones importantes nomeadamente as trompas de marfim com embocadura lateral, provenientes de Cabinda (Fig. 85) e os apitos de guerra (Fig. 86).

4. CESTARIA E ESTEIRARIA

Considerada das técnicas de mais antiga tradição em Angola, a cestaria e esteiraria são artes sobretudo utilitárias fornecendo a casa com um conjunto muito variável de objectos necessários à vida do dia-a-dia, objectos que são pertença da mulher e que os Cokwe designam colectivamente por *ikwata*. Mesmo na cestaria utilitária encontramos exemplares executados com muita perfeição e beleza como as elegantes peneiras da região da Lunda (Fig. 87) e os cestos de transporte utilizados pelas mulheres (Fig. 88)

São notáveis também as esteiras, em particular as provenientes dos povos Kongo onde se encontram desenhos marchetados em xadrez de grande perfeição de execução (Fig. 89) e os cestos e tabuleiros decorativos (Fig. 90). Na maneira de entrecruzar as fibras predominam os tipos cruzado e encanastrado.

5. CERÂMICA

Não sendo numerosa a colecção de peças de cerâmica das colecções do M.L.A., ela apresenta algumas suficientemente representativas dos grandes centros desta tradição cultural. Além da cerâmica utilitária (Fig. 91), há a considerar, em particular, exemplares da chamada cerâmica de luxo dos povos de leste, os famosos moringues de várias bocas (Fig. 92), por vezes antropomorfos, de cor escura, como os Lwena os sabiam fazer, utilizando para o efeito a entrecasca da planta *musombo*.

Era esta actividade considerada trabalho sobretudo de mulheres.

Também outros grupos étnicos desenvolveram esta arte, nomeadamente povos de Cabinda e povos do leste.

Importante aspecto desta colecção de cerâmica é a que se integra na numerosa colecção de cachimbos, alguns dos quais apresentam o formilho em barro, por vezes com evidentes marcas étnicas como os que exibem os barretes-insígnias dos chefes Dembos (Ndembo) (Fig. 93), sem esquecer os inúmeros vasos utilitários fabricados praticamente por todos os grupos. As técnicas mais generalizadas quanto ao processo de fabrico são as de rolo em espiral e argolas sobrepostas.

6. TECIDOS

Alguns tecidos de ráfia confeccionados em teares do tipo arcaico designado por «tear vertical» integram as colec es do M.L.A.

Deste grupo de tecidos provenientes do norte de Angola, alguns são símbolos do poder, outros foram mesmo usados como moeda de troca. São em regra produtos dos povos Kongo (Figs. 94, 95 e 96). Destaca-se ainda um conjunto de romeiras de Cabinda (Fig. 97) e os barretes de ráfia e fibra de ananaz (Fig. 98).

Noutras regiões, nomeadamente no leste, fabrica-se um tecido muito mais grosseiro a partir da casca da árvore *citepa* macerada e batida com um malho de madeira.

7. TAMPAS DE PANELA DOS N'GOIO (CABINDA)

De entre as peças em depósito no M.L.A. merece men o particular a colec o dos Missionários do Espírito Santo (M.E.S.) com algumas centenas de peças de que   justo destacar uma notável colec o de tampas de panela provenientes de Cabinda (Fig. 99). São objectos ricos de mensagens simbólicas cuja interpreta o exige um conhecimento profundo da cultura local.



FIGURA 57



FIGURA 58



FIGURA 58a



FIGURA 59

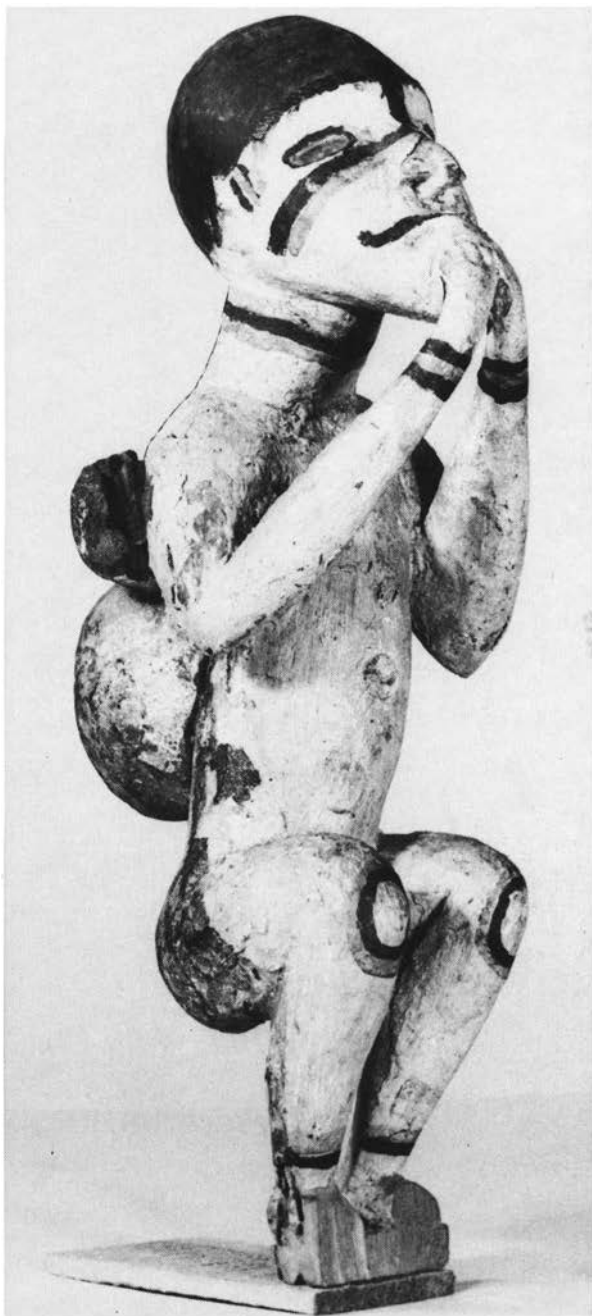


FIGURA 60



FIGURA 61



FIGURA 62



FIGURA 63



FIGURA 64



FIGURA 65



FIGURA 66



FIGURA 67

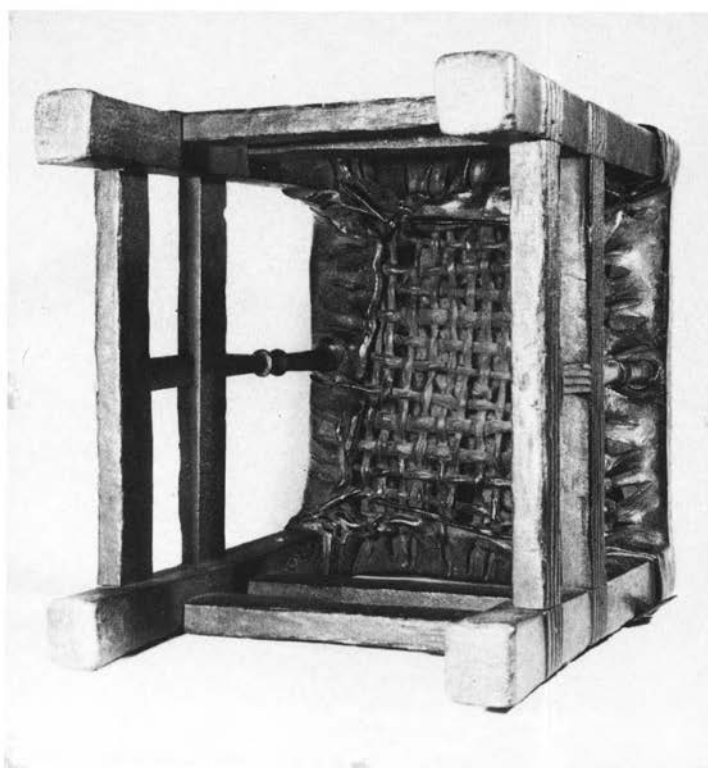


FIGURA 68



FIGURA 69

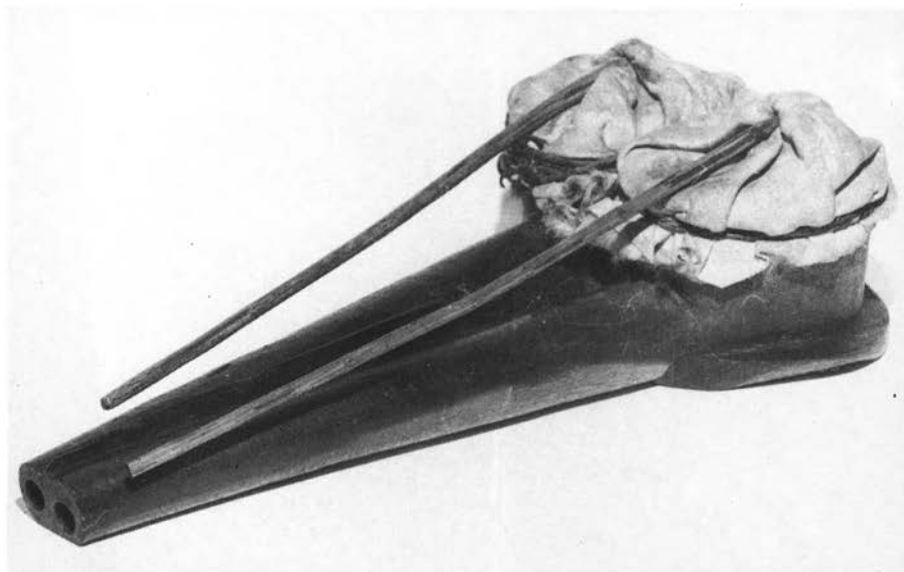


FIGURA 70

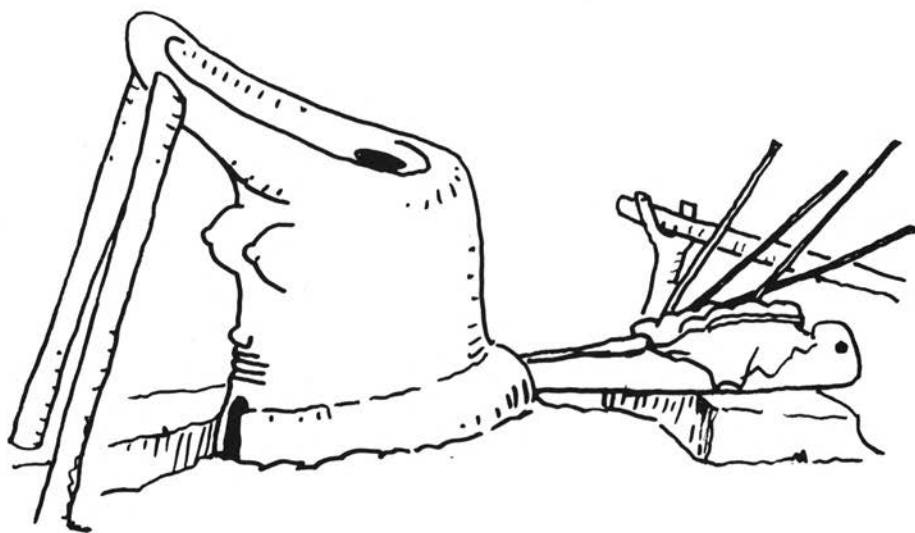


FIGURA 71

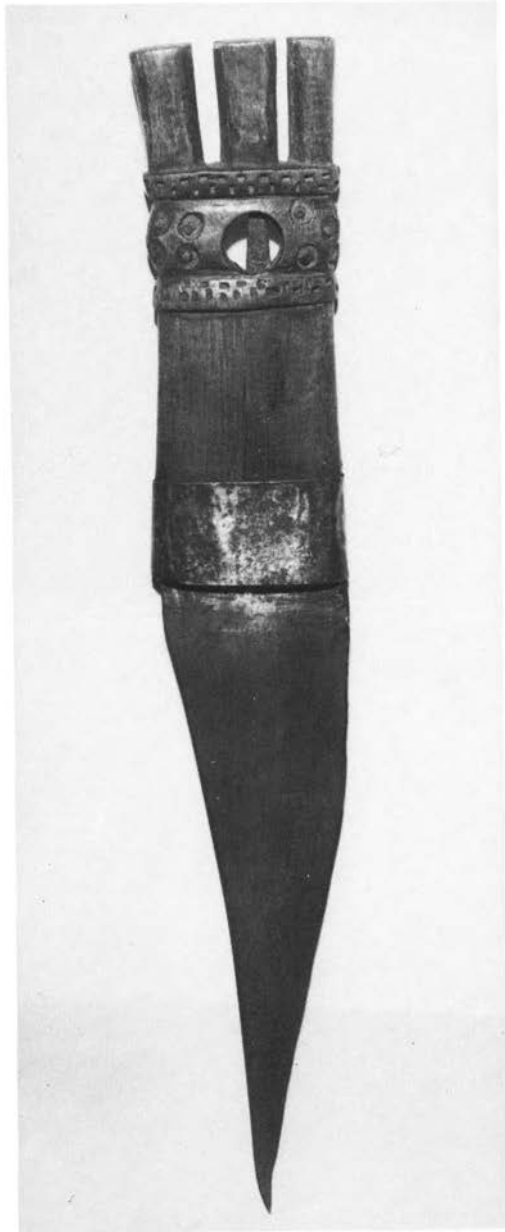


FIGURA 72



FIGURA 73



FIGURA 73a



FIGURA 74



FIGURA 75



FIGURA 76

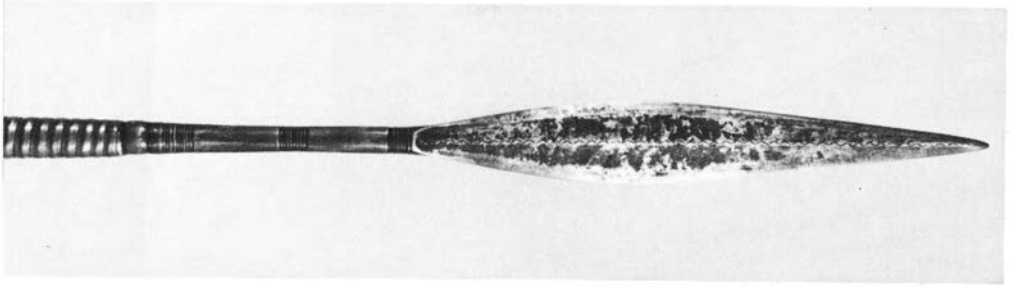


FIGURA 77



FIGURA 78

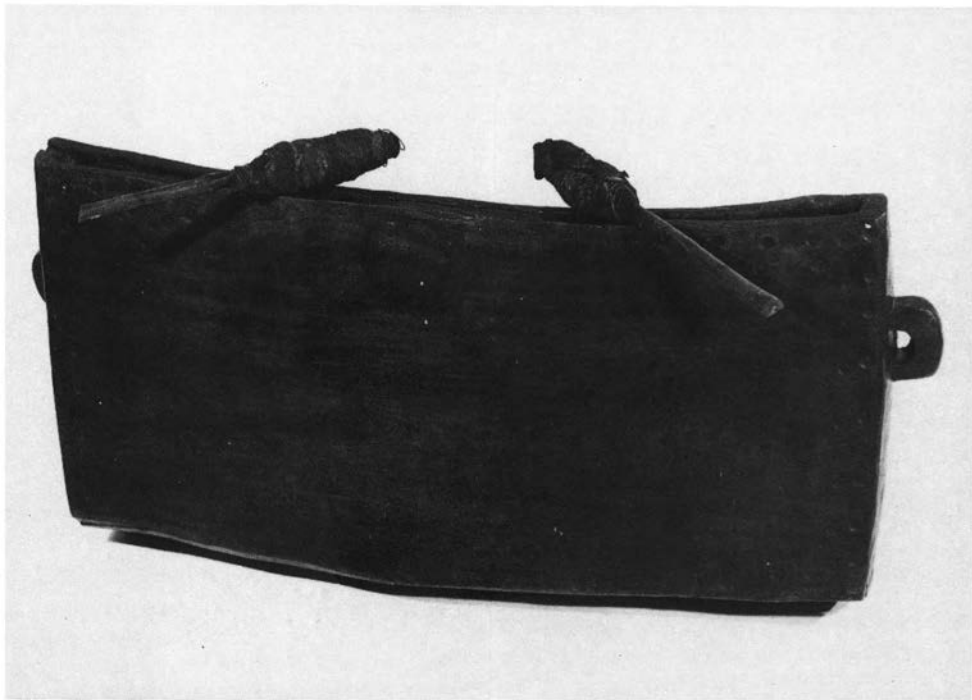


FIGURA 79



FIGURA 80



FIGURA 81



FIGURA 82

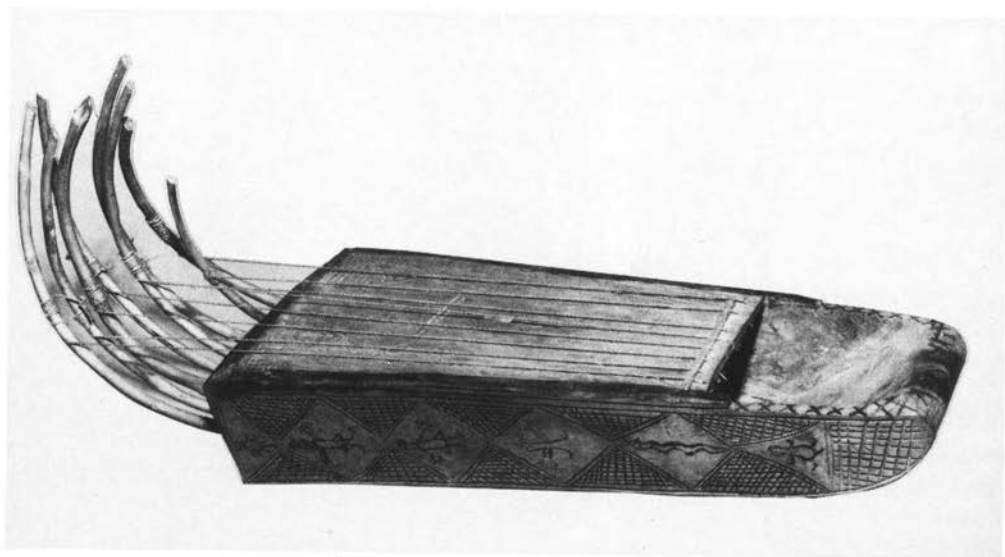


FIGURA 83

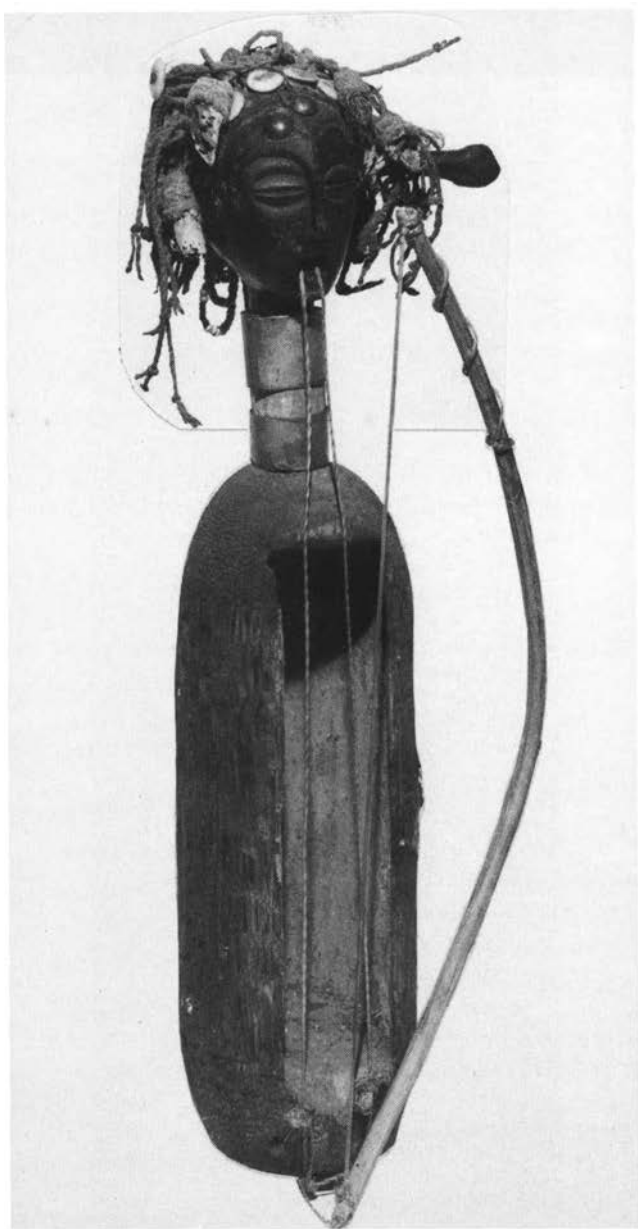


FIGURA 84

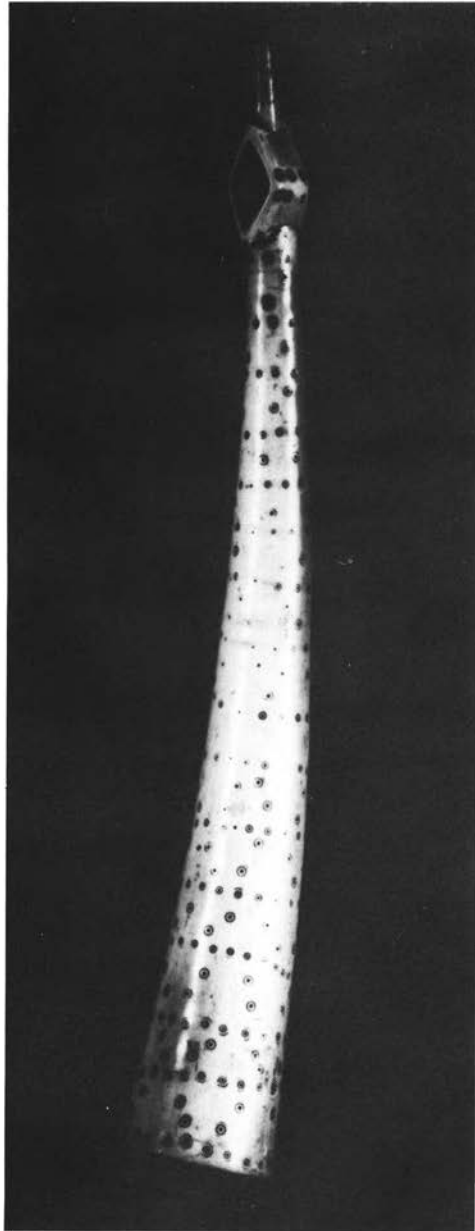


FIGURA 85



FIGURA 86

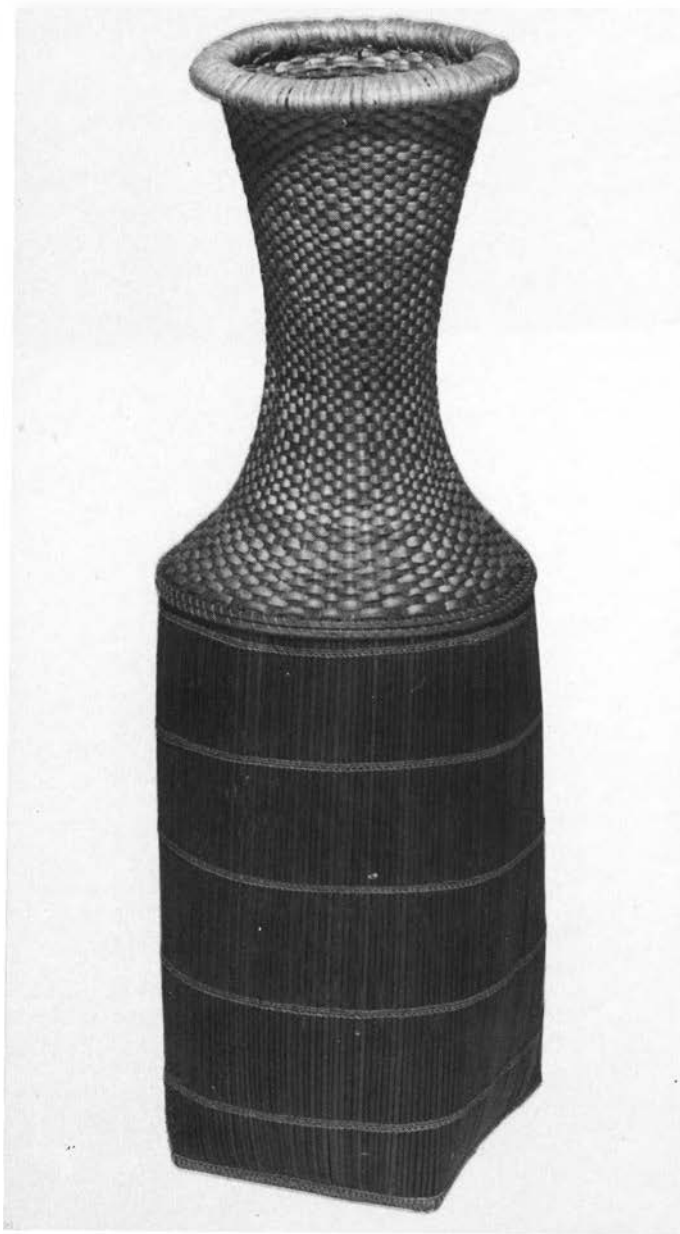


FIGURA 87

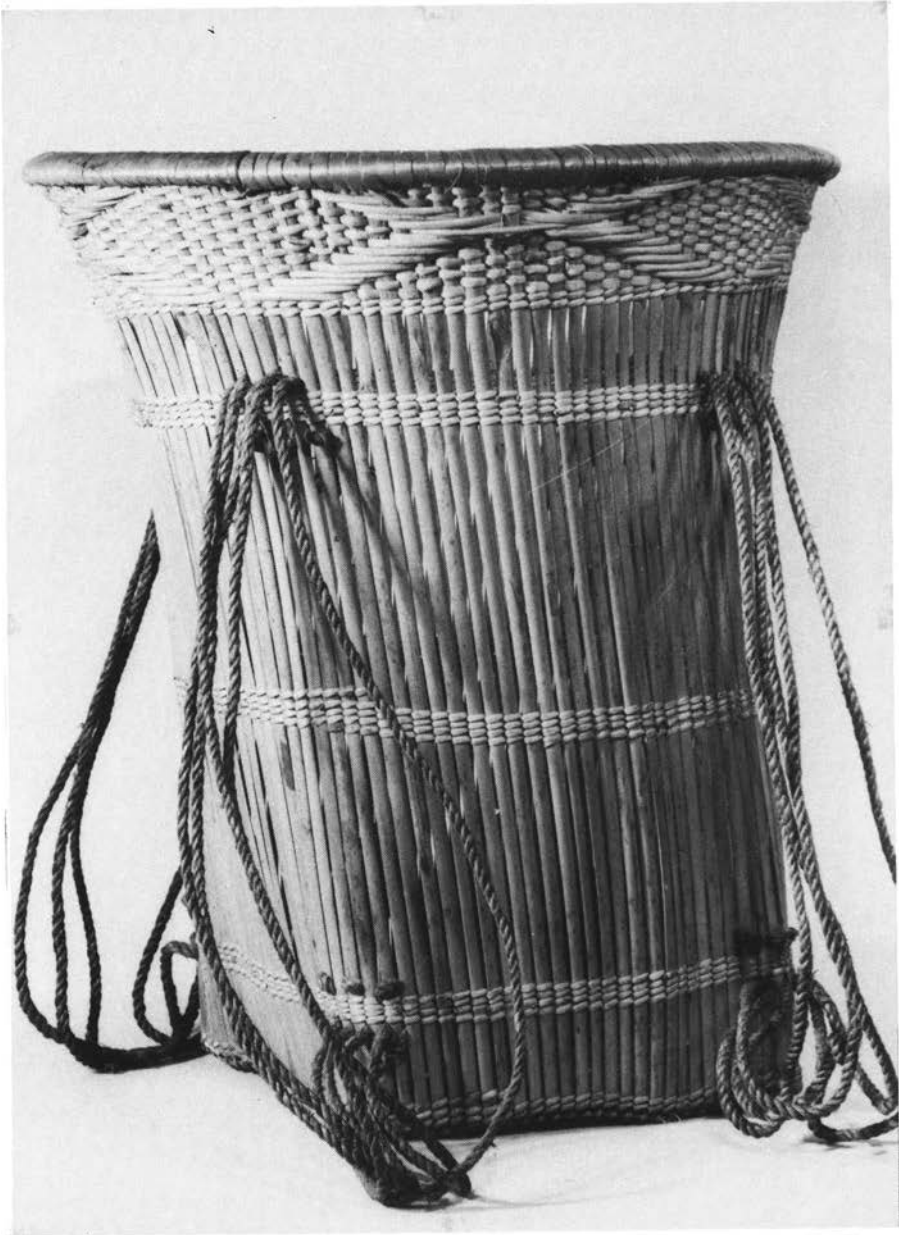


FIGURA 88



FIGURA 89

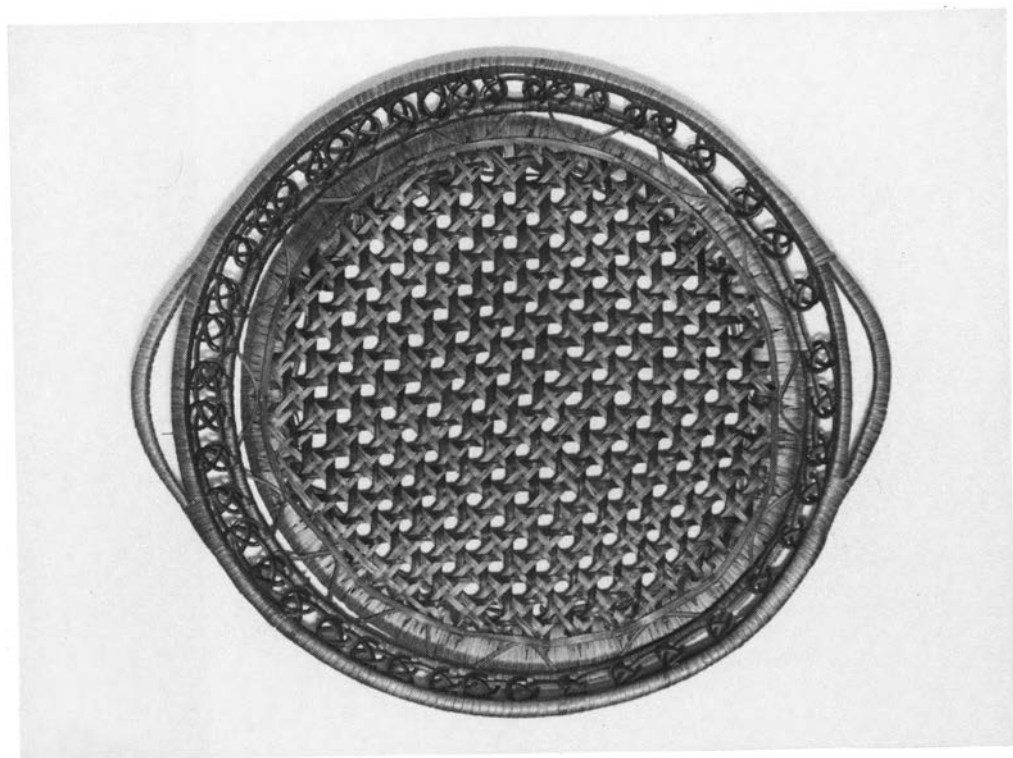


FIGURA 90



FIGURA 91

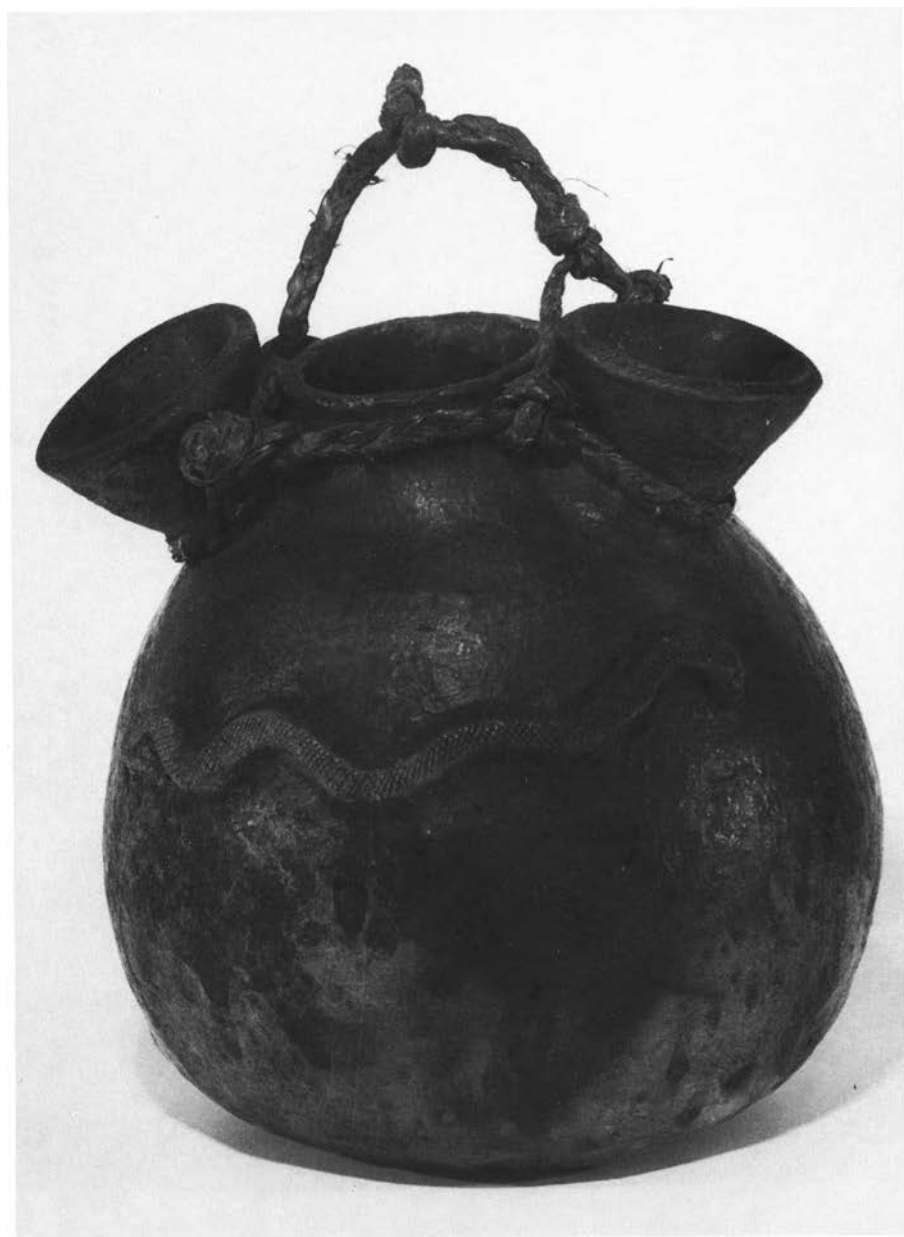


FIGURA 92



FIGURA 93

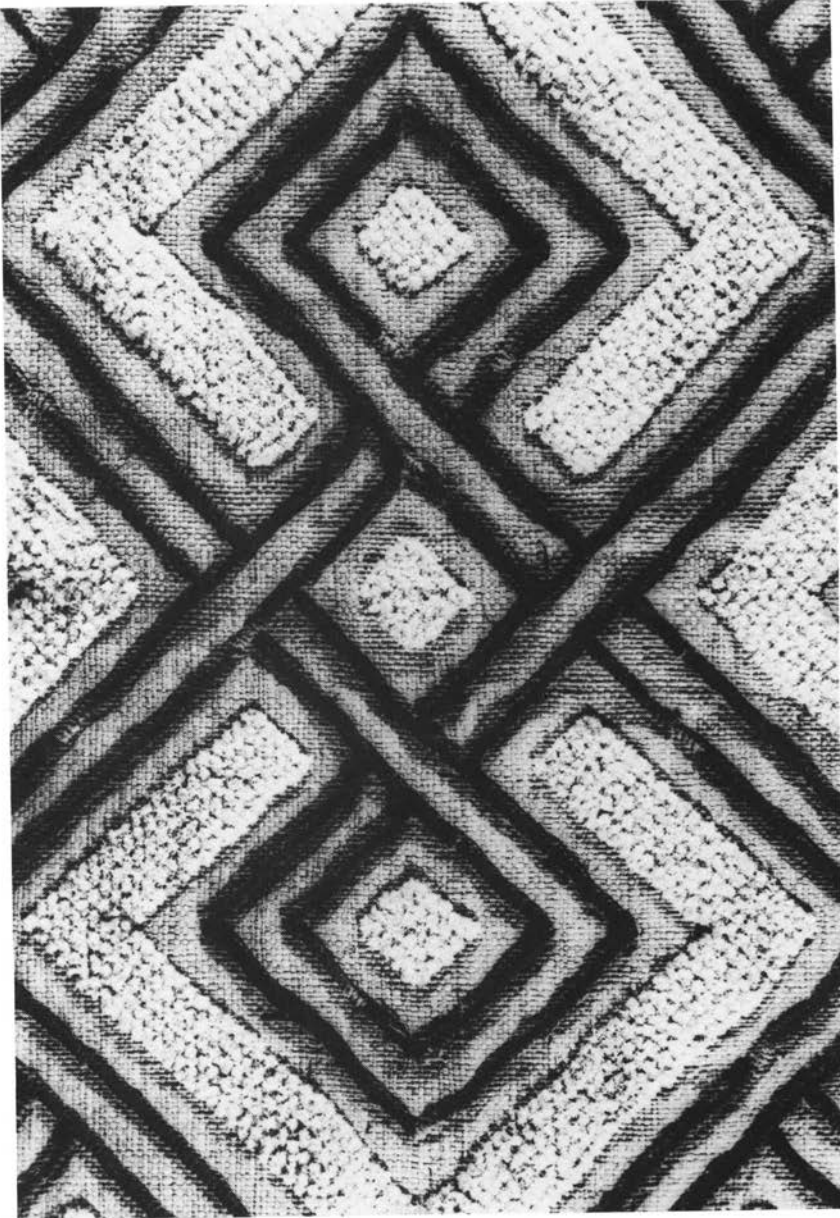


FIGURA 94

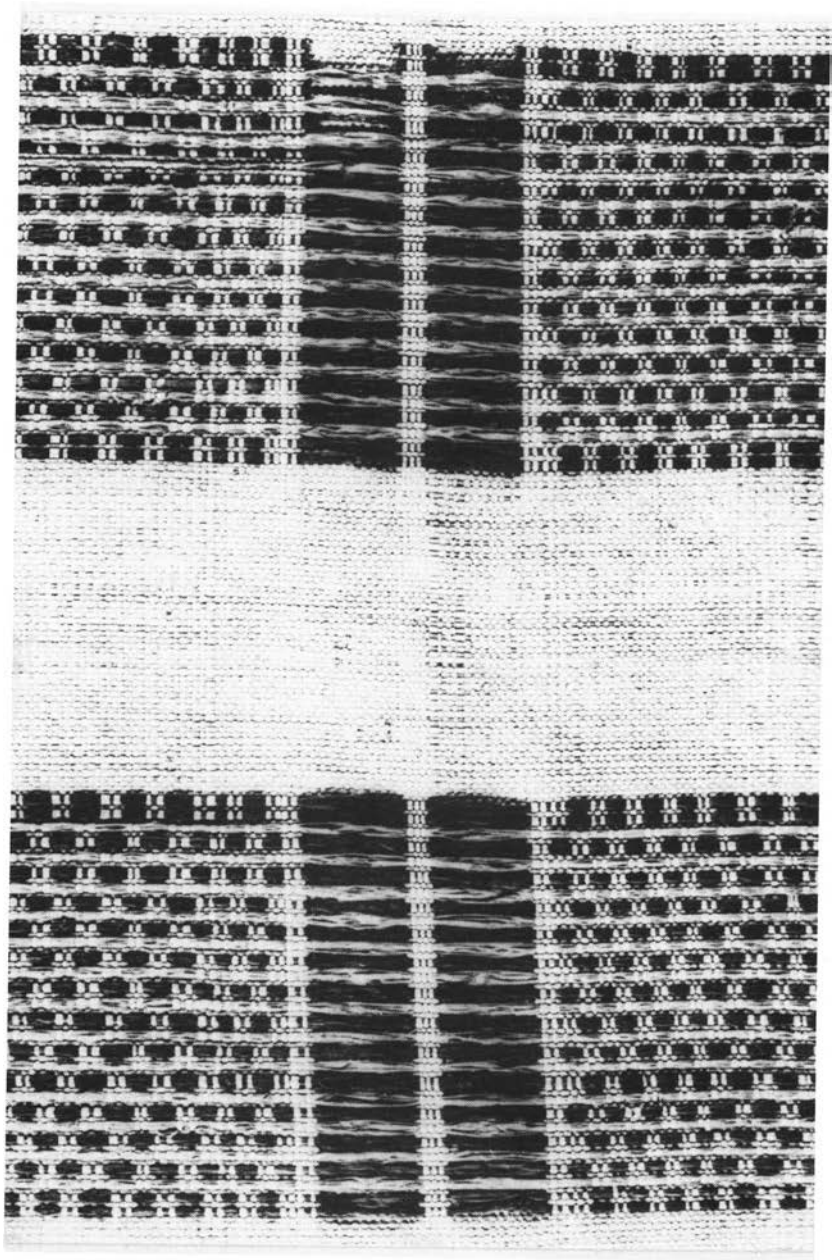


FIGURA 95



FIGURA 96

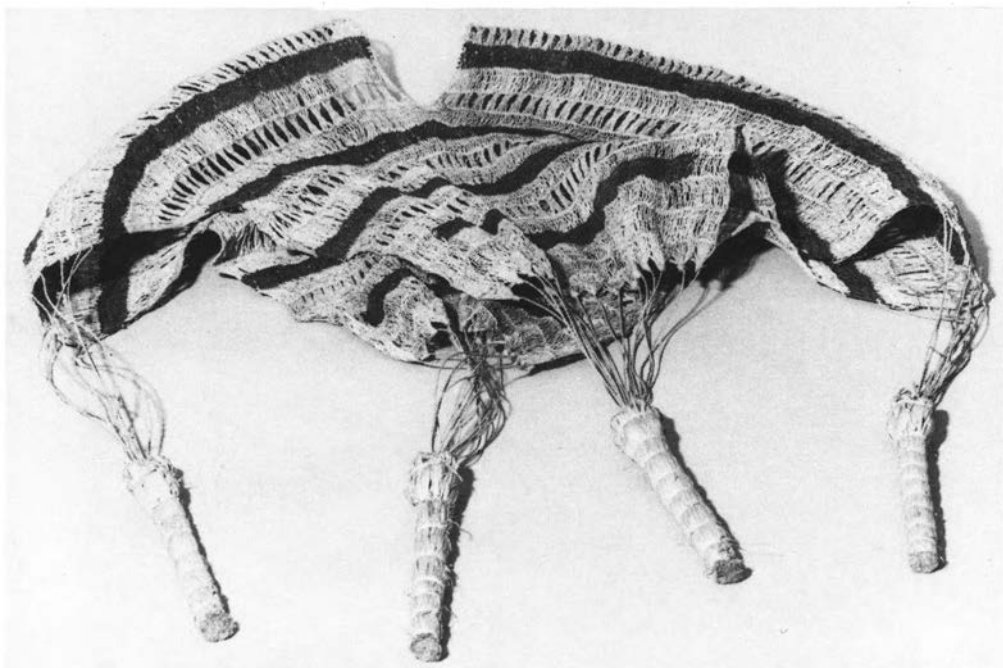


FIGURA 97



FIGURA 98



FIGURA 99

❧ Máscaras Brasileiras

Maria do Rosário Martins

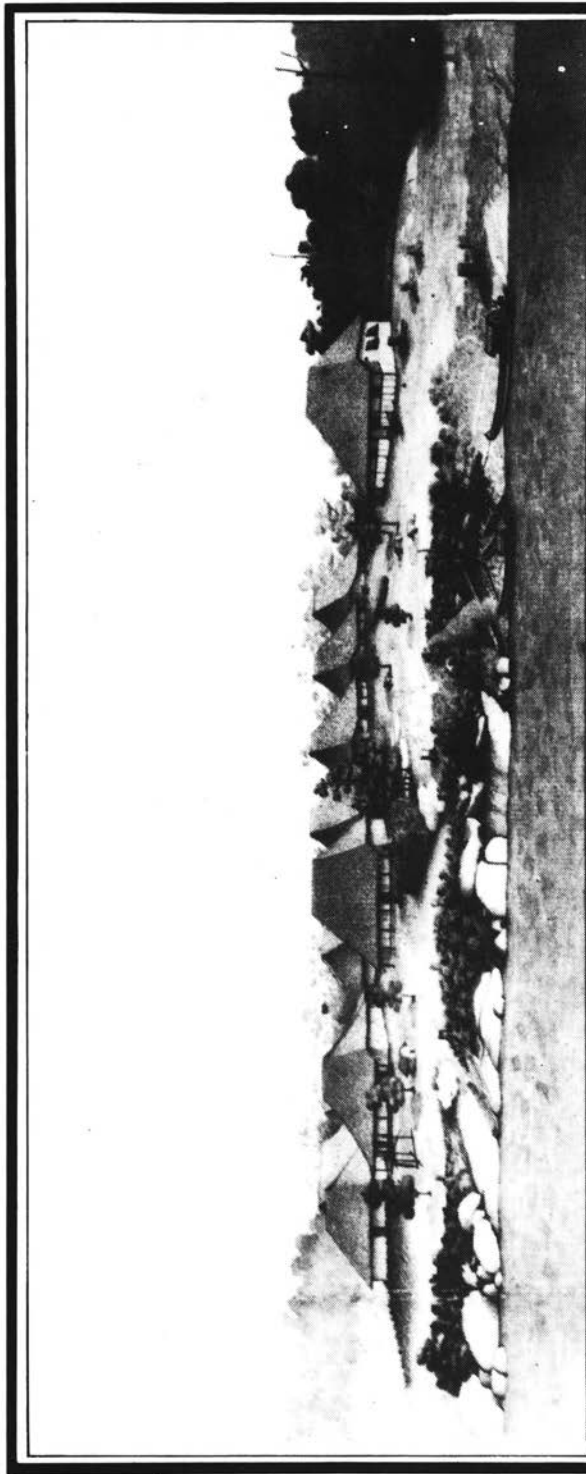
Maria Arminda Miranda

Do acervo do Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra faz parte uma valiosa colecção de objectos brasileiros, proveniente da «viagem filosófica» efectuada pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira entre 1783 e 1792.

Deste núcleo de objectos, remetido pelo Real Museu da Ajuda em 1806, para a Universidade de Coimbra (França, 1922), reservamos especial destaque para o conjunto de treze máscaras representando genericamente por forma e pinturas diversos animais ⁽¹⁾.

Estas máscaras pertenciam aos extintos Índios Jurupixunas do Estado do Amazonas, da povoação das Caldas, situada na margem oriental da foz do rio dos Caubure (Fig. 100). Do pouco que se conhece sobre a matéria-prima de que foram confeccionadas, limitamo-nos a apresentar o testemunho de Alexandre Rodrigues Ferreira, escrito em Barcelos, 31 de Agosto de 1787: «*Da casca de algum vime tecem eles primeiramente a forma para a máscara. Sobre ela vão assentando o pano, que lhes subministra a entrecasca da árvore caxinduba, depois de sacada do tronco e batida com uma tolete, para os dois fins: o de a estenderem e de lhes espremerem a humidade. Ela adquire a consistência de papelão. Pintada a máscara com a ocre, com o urucu e carajuru, fica em termos de servir para o baile. Note-se que, quando ela não cobre a face do mascarado, descendo-lhe até ao pescoço, então da mesma entrecasca, porém mais delicada, fazem a máscara separadamente para a face, golpeando-a onde é preciso que tenha os olhos e a boca; e sobre a cabeça fica a outra máscara servindo de capacete*» (Ferreira, 1974).

(1) Informação técnica dada por Thekla Hartmann à Academia de Ciências de Lisboa em «Levantamento Parcial dos Artefactos Indígenas Brasileiros...», 1982.



Proprietário de um Lugar das Caldés (a), estabelecido na margem oriental, originário da primitiva
 Cadeira de Rio Escaburo, pelo Tenente Martellino Jozeff Boshov. Com mandante da Fortaleza do S. Gabriel.
 Por Orden im mediata do Almirante e Com. em Chefe João de Deus Caldés, em Carta de 27 de Junho de 1781, não ten
 do o Governador de fundo executado até então ajuizarem Orden de 17 de Dezembro de 1773, ao mesmo respeito

(a) Conselho de 24 de Junho de 1781, ordenou ao Governador de Rio Escaburo, Almirante e Com. em Chefe João de Deus Caldés, para que se procedesse a estabelecer no Rio Escaburo, no Almirante e Com. em Chefe João de Deus Caldés, duas ou mais Casas de Comércio, e que se procedesse a estabelecer no Rio Escaburo, no Almirante e Com. em Chefe João de Deus Caldés, duas ou mais Casas de Comércio, e que se procedesse a estabelecer no Rio Escaburo, no Almirante e Com. em Chefe João de Deus Caldés, duas ou mais Casas de Comércio.

FIGURA 100

Nove das treze máscaras que fazem parte do nosso espólio, foram adicionalmente pintadas de vermelho, segundo a mais antiga e parca fonte de informação, inclusa no inventário de 1829, do Museu e Laboratório Antropológico, que citamos: «*Máscara dos Índios: porém só as quatro, q. estão nos ângulos do tecto, existem com as cores, com q. vierão; as outras já cá se pintarão*» (2) (Figs. 101, 102 e 103).

Recentemente submetidas a uma análise, tratamento e consolidação, pensa-se que em breve se poderão tirar conclusões, comprovando-se se a cor vermelha é realmente proveniente do urucu (*Bixa Orellana*) ou se é de origem industrial, posterior à sua confecção (3).

A caracterização destas máscaras apresenta uma unidade de textura e colorido que não se encontra na diversidade figurativa; podem ser apenas capacetes de pequena dimensão, simples cabeças inteiras descidas até ao pescoço, completadas ou não com túnicas de entrecasca. Apresentam-se parcialmente trabalhadas em relevo, tal como as narinas que por vezes têm furos com o intuito de facilitar a visão do seu portador e simultaneamente servir de respirador. Orifícios com igual objectivo foram distribuídos noutros exemplares, debaixo do queixo e da boca (Fig. 104).

Sugerindo figuras zoomórficas mais ou menos definidas, por vezes híbridas e bicéfalas, exibem narinas protuberantes com narinas salientes, gigantescas orelhas, bochechas pronunciadas e bocas rasgadas deixando antever por vezes os dentes. Pinturas circulares envolvem os olhos, destacando-os. Faixas amarelas, pretas e em certos casos retoques a vermelho são as cores que predominam, ornando o rosto (Figs. 105, 106 e 107).

Intimamente associadas à dança, estas máscaras possuem além do seu aparato artístico, um conteúdo funcional e ritual. Usadas exclusivamente por homens em danças nocturnas, celebram o triunfo de uma caçada ou de uma pescaria; assim, se o festejo era devido a uma boa caçada de porcos, usavam máscaras representando uma cabeça deste animal, ou, se a pesca tivesse decorrido com sucesso, então usavam uma máscara alusiva ao assunto.

Para além destes festejos, estas danças ocorriam ainda por ocasião de uma doença — receituário para o seu diagnóstico — e quando os Índios

(2) Documento manuscrito existente no Museu e Laboratório Antropológico da Universidade Coimbra.

(3) Informação técnica dada por Thekla Hartmann à Academia de Ciências de Lisboa em «Levantamento Parcial dos Artefactos Indígenas Brasileiros...», 1982.



FIGURA 101



FIGURA 102

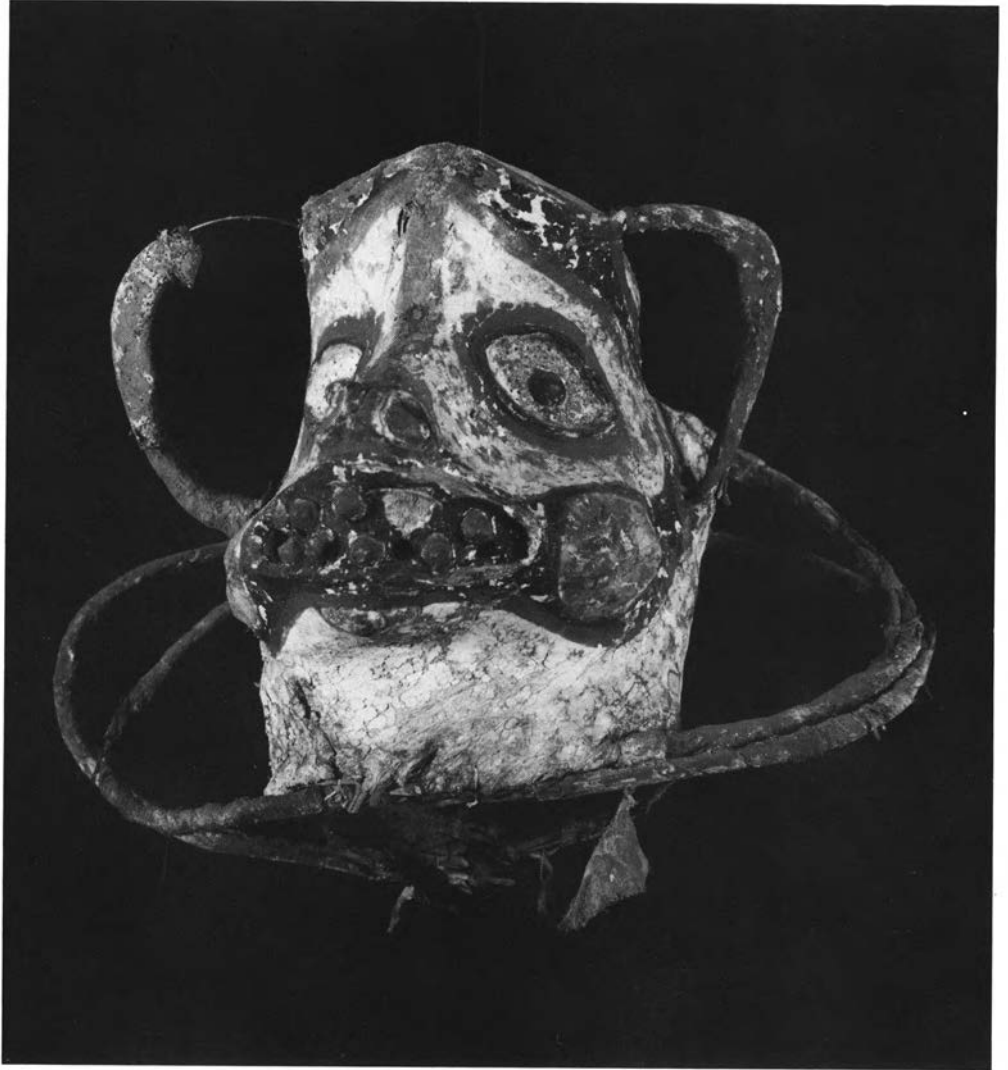


FIGURA 103



FIGURA 104



FIGURA 105



FIGURA 106



FIGURA 107

Jurupixunas desejavam celebrar o nascimento, morte ou casamento de parentes e amigos, festejar a declaração do mês-truo nas suas filhas ou o louvor a alguma boa colheita de frutos da sua preferência para a feitura de bebidas. (Ferreira, 1974).

Mais do que a descrição exaustiva e considerações de carácter estético, realçamos o seu valor como elemento simbólico e ritual, para além da sua simples função de máscara, de formas tão diversificadas e significações tão diferentes.

Sendo utilizadas para os seus bailes, os Jurupixunas consideram o festejo não como um mero divertimento, mas antes um acto sério e de importância.

A rara colecção de treze máscaras conservadas no Museu e Laboratório Antropológico, juntamente com as catorze máscaras que a Academia de Ciências de Lisboa possui, exaltam uma pequena parte do património tão rico português, legado pela recolha de Alexandre Rodrigues Ferreira.

BIBLIOGRAFIA

- FERREIRA, Alexandre Rodrigues — Viagem Filosófica pelas Capitánias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias. Antropologia. Conselho Federal de Cultura, 1974.
- FRANÇA, Carlos — Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815). História de uma Missão Científica ao Brasil no Séc. XVIII. in «Boletim da Sociedade Broteriana», Vol. I, Fasc. II, Coimbra, 1922, pp. 86 a 93.
- HARTMANN, Thekla — Levantamento parcial dos artefactos indígenas brasileiros da Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa, 1982. (Texto dactilografado).
- MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO — Inventário de 1829. Documento manuscrito existente no M. L. A. da Universidade de Coimbra.

 Centro de Estudos Africanos

Jacques Houart

O Centro de Estudos Africanos do Museu e Laboratório Antropológico (Instituto de Antropologia) de Coimbra foi fundado em fins de 1983 por iniciativa de investigadores do Instituto ligados, quer pela sua formação, quer pela sua investigação, aos assuntos africanos.

Um plano de desenvolvimento do Instituto de Antropologia elaborado no início de 1980 estabelecia já a necessidade, entre outras tarefas, da dinamização dos estudos africanos em Coimbra, através dum Centro de Estudos Africanos a fim de contribuir para um novo relacionamento, harmonioso e equilibrado, entre Portugal e os vários países africanos de expressão oficial portuguesa. O Instituto propunha-se já estimular a realização de vários projectos científicos e culturais, definidos de modo concreto, assim como, de modo genérico, o alargamento da sua base documental sobre a África lusófona, a formação de investigadores e docentes especializados nessa área e o intercâmbio científico-cultural com os estudiosos de Portugal e dos países africanos já referidos. Os objectivos eram também interdisciplinares.

No seguimento da realização efectiva de várias iniciativas, nomeadamente editoriais (publicação de vários trabalhos bibliográficos, teóricos e etnográficos), museográficos (exposições de objectos africanos), culturais (participação na organização de Semanas de Cultura Africana) e de investigação (apoio a investigadores e realização de teses de doutoramento) foi, portanto, lançado em 1983 o Centro de Estudos Africanos integrado no Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, beneficiando assim das disponibilidades administrativas e financeiras deste último (dotado com orçamento próprio), nomeadamente dos dife-

rentes serviços mais directamente relacionados com as actividades do Centro: a Secretaria, a Biblioteca e o Museu (particularmente ricos em trabalhos, documentos, inclusivamente fotográficos, e objectos relacionados com África), o Laboratório Fotográfico e o Serviço Educativo.

Por enquanto, a mobilização e repartição concretas dos diferentes recursos afectados às actividades do Centro, assim como a escolha dos trabalhos e iniciativas apoiados, dependem das decisões do Conselho Directivo do Instituto de Antropologia, em colaboração estreita com os responsáveis do Centro.

Seria particularmente importante para a continuação e ampliação das suas actividades, já que o Centro possui mais material para publicar, tem investigações em curso ou projectadas e recebeu encorajamentos de várias entidades e personalidades, nacionais e estrangeiras, no domínio dos estudos africanos, que sejam obtidos também apoios materiais, nomeadamente financeiros, de diferentes organismos exteriores ao Instituto de Antropologia, visto que o orçamento próprio deste último não acompanha o desenvolvimento das suas actividades, particularmente em matérias africanas.

Existe também um projecto de alargamento e abertura das estruturas do Centro a estudiosos de outros departamentos e faculdades da Universidade de Coimbra, e doutros pontos do país, no sentido de estimular a descentralização e consequente desenvolvimento dos trabalhos africanos a nível de Portugal.

Embora de criação recente, foram publicados os seguintes números do «Centro de Estudos Africanos»:

— Angola. *Os símbolos do poder na sociedade tradicional*. Coimbra, Instituto de Antropologia — C.E.A., 1983.

— AREIA, M. L. Rodrigues de; FIGUEIRAS, Isilda — *Angola: bibliografia antropológica*. Coimbra, Instituto de Antropologia — C.E.A., 1984.

— REDINHA, José — *Instrumentos musicais de Angola. Sua construção e descrição. Notas históricas e etno-sociológicas da música angolana*. Coimbra, Instituto de Antropologia — C.E.A., 1984.

— AREIA, M. L. Rodrigues de — *Les symboles divinatoires: analyse socio-culturelle d'une technique divinatoire des Cokwe de l'Angola (Ngombo ya Cisuka)*. Coimbra, Instituto de Antropologia — C.E.A., 1985.

Extensão Cultural

Maria Arminda Miranda

O centenário da criação da cadeira de «Antropologia, Paleontologia Humana e Arqueologia Pré-Histórica», serve-nos de pretexto para traçar uma breve reflexão sobre o que em termos de extensão cultural se tem realizado no Instituto de Antropologia (Museu e Laboratório Antropológico) da Universidade de Coimbra.

Germinando no Museu de História Natural, criado pela reforma pombalina, em fins do século XVIII, no âmbito da «Faculdade de Philosophia Natural», a área antropológica manteve-se, durante muitos anos numa indefinição de fronteiras científicas, englobada que estava na disciplina de História Natural.

De acordo com as motivações científicas, políticas e económicas da época, a par das colecções de espécimes botânicas, zoológicas, mineralógicas, sucedem-se as recolhas de objectos arqueológicos e, como diríamos hoje, etnográficos, constituindo os chamados «gabinetes de curiosidades e raridades» ⁽¹⁾.

Assim se reúne, numa 1.^a fase, parte do acervo que enriquece o património do actual Museu e Laboratório Antropológico, através de sucessivas compras, doações e recolhas efectuadas por comerciantes, missionários, militares, professores e naturalistas no decurso das suas «viagens científicas ou filosóficas».

Em 1885 assiste-se à reestruturação que delimitará a individualidade da secção de Antropologia.

A fundação, em 1898, da «Sociedade de Antropologia», cujos estatutos preconizavam o desenvolvimento dos estudos antropológicos em

⁽¹⁾ Angola, Culturas Tradicionais. (I. O Museu). Catálogo, 1976.

Portugal» (2), a participação na «Exposição Universal de 1900», em Paris (3), a representação do Museu de Antropologia no «Congrés International d'Anthropologie et d'Archeologie Prehistoriques» realizado em Paris, 1900 (4) e a adesão ao «Congresso Colonial de Lisboa» em 1902 (5) reflectem, num âmbito meramente científico, o que na época se consideraria uma projecção para o exterior, inclusive a nível internacional.

Neste período, assume importância especial o propósito expresso por Bernardino Machado em ofícios dirigidos ao Reitor da Universidade:

«Não tendo onde guardar e arrumar parte das collecções ethnographicas, peço a V.^a Ex.^a se digne solicitar ao Governo de S. Magestade, ... a construção de novas estantes, bem como a apropriação da actual aula de desenho ... para sala de Museu d'anthropologia» (6); ou ainda: «Havendo toda a conveniência ... em ampliar os locaes do Museu d'Ethnographia, para que possa expôr-se proveitosamente à vista de alumnos e de visitantes o numeroso material d'estudo que elle hoje já possui, venho solicitar a V.^a Ex.^a para esse fim o edificio que foi da Igreja de S. Boaventura com o claustro annexo, certo de que V.^a Ex.^a ... se dignará contribuir por esta concessão para tão importante melhoramento da nossa Universidade» (7). É clara a proposta museográfica e a intenção de alargar o conhecimento das colecções, sobretudo ethnográficas, o que reproduz uma certa forma de extensão cultural.

Mais tarde, instalado no edificio do Colégio de S. Boaventura, o Museu e Laboratório Antropológico distribui a sua já vasta e heterogénea colecção por três salas, de acordo com um critério que distinguia os diversos campos científicos que o constituíam: Museu de Antropologia e Paleontologia Humana, Museu de Archeologia e Museu de Etnografia. Mas, ainda assim, é a vertente investigação-ensino que predomina, intimamente ligada ao circuito universitário.

(2) Estatutos da Sociedade de Antropologia, Artigo 2.º.

(3) Ofício n.º 47 de 11 de Setembro de 1899.

(4) Comptes rendus de la 1^{re} douzième session do Congresso Internacional de Antropologia, 1902.

(5) Ofício n.º 58 de 25 de Janeiro de 1901.

(6) Ofício n.º 27 de 24 de Dezembro de 1897.

(7) Ofício n.º 84 de 23 de Novembro de 1905.

Com a remodelação da Cidade Universitária e a consequente demolição do Colégio de S. Boaventura, o Museu e Laboratório Antropológico ocupa parte do edifício do Colégio de S. Bento. Ora, um dos aspectos previstos nas obras de adaptação situava-se exactamente no plano da organização e divulgação das nossas colecções.

A leitura dos documentos oficiais da época ilustra frequentemente a intenção de instalar espaços museográficos que, servindo ainda a vocação científica e pedagógica da Instituição, perspectivava já uma actuação voltada para o exterior.

Por dificuldades várias o projecto não chegaria a concretizar-se mas, ainda em 1966, as salas do rés-do-chão iriam ser utilizadas como espaço de divulgação, não apenas por parte do Museu e Laboratório Antropológico mas da Universidade, com a «Exposição das actividades da Universidade no período de 1926-1966». Estiveram patentes ao público as actividades então desenvolvidas no campo da Antropologia Física e no Laboratório de Serologia; foi ainda documentado o mavimento da Biblioteca através de gráficos e expostos alguns dos mais belos exemplares da cerâmica brasileira.

Apesar das carências de instalações museográficas e de exposição ao público, falta de mobiliário adequado e restrições orçamentais, podemos objectivamente constatar que o Instituto de Antropologia desenvolve, na década de 70, uma actuação, a vários níveis, voltada para o exterior.

No plano da investigação-ensino universitário, com a introdução das cadeiras de Antropologia Cultural e Ciências Sociais, os programas ministrados motivaram um interesse de alunos e especialistas pelo riquíssimo acervo cultural que possuímos e abriram novas perspectivas ao estudo da etnologia portuguesa que paralelamente se incrementava no sector do Museu.

A utilização pedagógica de meios audiovisuais, filmes e diaporamas, a complementarização das aulas com palestras proferidas por especialistas portugueses e estrangeiros, conferiu ao Instituto de Antropologia e particularmente ao sector do ensino uma nova dinâmica. Actividades pedagógicas, são-no igualmente de extensão cultural, porquanto a sua divulgação tem permitido a participação activa do público exterior à Universidade.

Os próprios trabalhos realizados pelos alunos, em termos de pesquisa e investigação da cultura material e espiritual, têm constituído um elemento de ligação do Instituto e do seu Museu à região fornecendo, por vezes, óptimo material e meio de extensão cultural.

Entretanto, a projecção da função social e cultural do Instituto de Antropologia afirma-se com a autonomização do sector do Museu, através do qual se estabelece um relacionamento de colaboração com outras instituições congéneres, associações culturais, autarquias locais e, sobretudo, com a divulgação temporária ou itinerante das suas colecções etnográficas.

Recordamos, neste sentido, alguns dos aspectos de desenvolvimento e concretização do largo programa de trabalho que visou a protecção e promoção do artesanato da região de Coimbra:

Patrocinado pela Câmara Municipal, com a colaboração dos Serviços Municipais de Turismo, foi levado a efeito, em 1978, um inquérito dirigido aos artesãos da região que possibilitou um substancial conhecimento etnográfico das localidades onde foi aplicado e uma ligação entre o Museu e a área geográfico-cultural em que este se insere⁽⁸⁾. Desta acção, resultou, em primeira análise, a ordenação de um ficheiro duplamente orientado segundo critérios de natureza geográfica e temática, bem como a organização de colecções de diapositivos sobre algumas das mais representativas indústrias artesanais da região de Coimbra.

Na prossecução dos mesmos objectivos realizou-se, em Novembro de 1979, o «Colóquio sobre Artesanato» que, igualmente patrocinado pela Câmara Municipal ocorreu, quanto à apresentação de comunicações e debates, nas instalações do Museu e Laboratório Antropológico e no edifício do Chiado, onde foram apresentadas sessões de diapositivos alusivas a várias formas de artesanato e tecnologias tradicionais.

Ainda no âmbito desta linha de actuação, apoiadas científica e museograficamente nas pesquisas e recolhas empreendidas, realizaram-se sucessivas exposições temporárias e itinerantes, projectadas segundo uma tipologia temática, patenteando através dos objectos, documentos fotográficos e, muitas vezes ao vivo, formas artesanais da região de Coimbra, algumas ainda em actividade — caso dos palitos de Lorvão — outras em franco declínio — caso da latoaria e funilaria.

Foi exactamente esta tecnologia tradicional o motivo de fundo da designada «Operação-Museu», seguida da exposição «Funilaria e Latoaria da Região de Coimbra». Envolveu a iniciativa a colaboração do Museu Machado de Castro, Museu Monográfico de Conímbriga, Museu da Ciência e da Técnica, Serviços Municipais de Turismo, Museu e Labora-

(8) Dossier «Protecção e Promoção do Artesanato da Região de Coimbra», 1978.

tório Antropológico e do Grupo de Animação Museográfica e Antropológica (G.A.M.A.) que, sediado no Instituto de Antropologia, preconizava em termos de extensão cultural e museográfica, um apoio à instituição ⁽⁹⁾.

Objectivo primordial da «Operação-Museu», que decorreu de 22 de Abril a 18 de Maio de 1979, foi o de, sem deixar de evidenciar o papel científico e educativo dos museus, apelar para a participação activa da população da cidade, na detecção e preservação dos objectos testemunhos de uma arte que floresceu na região de Coimbra e que se encontrava, por razões de ordem socio-cultural e económica, em franca decadência.

A estratégia lançada na tentativa de resgate desta tecnologia tão presente nos mais variados aspectos da comunidade, actuou a vários níveis: motivação, através dos órgãos de informação de uma mostra de peças de latoaria no edifício do Chiado; detecção e recolha de objectos que figurariam na exposição; lançamento no «Diário de Coimbra» e directamente junto das Escolas de um inquérito-concurso dirigido aos alunos do ensino preparatório, secundário e complementar, prevendo-se um prémio para a melhor resposta.

A «Operação-Museu» conclui-se, como já referimos, com a exposição sobre «Funilaria e Latoaria da Região de Coimbra», realizada no Museu Machado de Castro e com uma actividade complementar no Museu Monográfico de Conímbriga onde se fizeram demonstrações de métodos de limpeza e recuperação de objectos de lata ⁽¹⁰⁾.

Mas, o processo de divulgação das colecções etnográficas do Museu e Laboratório Antropológico, a um público mais numeroso e diversificado, havia-se já iniciado em 1975 com a preparação da exposição itinerante «Angola, Culturas Tradicionais». Inaugurada na sala de exposições do Turismo, em Coimbra, percorreu outras cidades do país, ganhando dimensão de extensão cultural, activa, fora dos convencionais limites universitários.

Vem a propósito salientar que a ocupação «temporária» das instalações do rés-do-chão, em 1974, por outros serviços da Faculdade de

⁽⁹⁾ Estatutos do Grupo de Animação Museográfica e Antropológica, Artigo 2.º.

⁽¹⁰⁾ Dossier «Operação-Museu», 1979.

NOTA: O G.A.M.A. nunca chegaria a constituir-se legalmente como associação de índole cultural e científica; no entanto, alguns dos seus mentores colaboraram em actividades de extensão cultural do Instituto de Antropologia.

Ciências, tem impedido a concretização de quaisquer projectos de aproveitamento daquela área em termos de apresentação permanente ou mesmo temporária, do nosso património cultural. E, embora a exposição «Angola, Culturas Tradicionais» tenha revelado as possibilidades de dinamização do Instituto de Antropologia e de todo o seu pessoal, quase inexperiente, até ao momento, em actividades deste género, a sua concepção «itinerante» não foi alheia àquele condicionalismo ⁽¹¹⁾.

Desde então, tem-se tentado ultrapassar a falta de instalações próprias à montagem de exposições utilizando para o efeito um dos belos «corredores» do Instituto que obviamente não reúne, pelo seu exíguo espaço, pela sua proximidade com a Biblioteca e até pelos problemas de segurança que levanta, as condições adequadas à realização de manifestações daquela natureza.

Assim vêm prosseguindo as actividades de extensão cultural, no âmbito de exposições, contando nos três últimos anos, com o apoio de um Serviço Educativo, ainda em fase de estruturação. Aliás, os objectivos de animação pedagógica vinham já sendo perseguidos desde «Angola, Culturas Tradicionais», em 1976.

As manifestações desenvolvidas e, sobretudo, a consciencialização crescente do papel educativo e cultural do Museu junto das Escolas e da Comunidade levaram desde há alguns anos, os responsáveis pelo Instituto a envidar esforços para obterem a colaboração permanente de um professor do ensino preparatório ou secundário que correspondesse às solicitações das respostas a dar por um Serviço Educativo.

Inserido ainda no plano de desenvolvimento e projecção do Instituto de Antropologia se situou o incremento técnico verificado no Laboratório Fotográfico e a execução qualificada de trabalhos que este serviço de apoio tem desempenhado a nível de ficheiros fotográficos, produção de colecções de diapositivos e material fotográfico de animação nas nossas exposições.

Finalmente, em termos de extensão cultural, referimos a exposição «África: Instrumentos Musicais» que, nalguns aspectos significou uma experiência inovadora. Integrada na III.^a Semana de Cultura Africana, em 1984, foi «concebida e realizada com algumas preocupações que assistem ao que chamamos Museologia Nova» ⁽¹²⁾ e deu a conhecer aos

⁽¹¹⁾ Angola, Culturas Tradicionais. (II. A Exposição). Catálogo, 1976.

⁽¹²⁾ África: Instrumentos Musicais. Catálogo, 1984.

inúmeros visitantes, especialmente aos jovens estudantes, vindos das mais diversas escolas do país, um interessante e significativo conjunto de instrumentos musicais africanos, incluindo alguns objectos utilizados como meros instrumentos de comunicação e ainda outros instrumentos musicais afro-brasileiros, testemunhos notáveis da influência do negro africano na vida material e espiritual do, então «novo», continente Sul Americano.

A animação recorreu à apresentação simultânea de painéis fotográficos, desenhos e aquarelas, integrando funcionalmente os objectos e recriando situações lúdicas, cerimoniais e de trabalho, particularmente o cultivo da cana de açúcar e do café, sugeridos intencionalmente estes últimos pela confecção da bebida, no próprio local.

Um fundo musical seleccionado em função dos instrumentos musicais e das áreas geográficas representadas, deu à exposição um ambiente de intimidade com a realidade exposta e a dimensão do som, imprescindível nas circunstâncias.

Animação e divulgação, foi o recurso a espaços remissivos da exposição, tais como Bancos, Correios, Escolas e outros locais públicos da Cidade, onde moedas, papel-moeda ou selos figuravam instrumentos africanos e brasileiros.

No que diz respeito ao aproveitamento pedagógico, estabeleceu-se o contacto com as Escolas do ensino Preparatório, Secundário, do Magistério Infantil e Primário, através dos respectivos professores e delegados de disciplina e elaborou-se um plano de colaboração prévia tendo em vista um global aproveitamento didáctico ou a incidência nalgumas das áreas de ensino, o que na realidade viria a acontecer relativamente às disciplinas de História, Educação Musical, Trabalhos Manuais e Oficiais, Teoria do Design, etc.

O facto de se ter permitido tocar alguns instrumentos musicais expostos resultou, a todos os níveis, numa esplêndida experiência pedagógica. Neste sentido foi particularmente gratificante a visita de estudo de crianças do Núcleo de Deficientes Auditivos da Escola Preparatória Silva Gaio de Coimbra (Fig. 108).

Outro momento que obedeceu à planificação educativa, consistiu na criação de uma pequena área onde os jovens poderiam, individualmente ou em grupo, fazer desenhos (Figs. 109, 110, 111, 112 e 113) e manifestar a sua opinião sobre os aspectos que mais lhes haviam interessado, dialogar, estabelecer paralelos face às suas próprias vivências e realidade cultural.



FIGURA 108



FIGURA 109



FIGURA 110

Instrumentos musicais
Africa



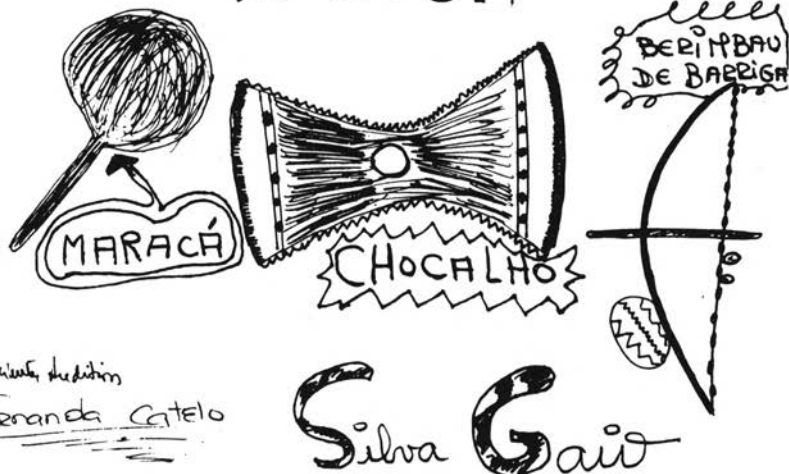
ADONE - Maria Isabel Santos Gaspar
SILVA GATO

Mulher de Deficiente Auditivo

FIGURA 111

Instrumentos musicais.

ÁFRICA



Núcleo de Deficiência Auditiva
Fernanda Catelo

FIGURA 112

Sara Raquel (bebê)
02/16 02/18
Ciclo preparatório de Aveiro
H. onas



FIGURA 113

Ainda durante o período em que «África: Instrumentos Musicais» esteve patente ao público, o Museu e Laboratório Antropológico celebrou o Dia Internacional dos Museus (18 de Maio, 1984) programando uma actividade recreativa essencialmente dirigida às crianças, embora o convite tenha sido extensivo aos Museus da cidade, autarquias, filarmónicas, orfeons, conservatórios, grupos folclóricos, etc. Foram animadores deste dia, o grupo de gaiteiros e tamborileiros da região de Condeixa que, para além da execução musical no próprio espaço reservado à exposição (Fig. 114) e no jardim, provocando a participação das crianças (Figs. 115 e 116), encenaram uma pequena oficina de demonstração do fabrico da gaita de foles (Fig. 117).

Lamentamos que o espólio etnográfico ainda não esteja, por falta de espaço e condições adequadas, permanentemente exposto ao público mas evidenciamos a riqueza, variedade e diversidade geográfica dos seus objectos, que reúnem múltiplas formas de informação e motivação pedagógica aplicáveis a todos os níveis etários e de ensino. Evidenciamos



FIGURA 114



FIGURA 115



FIGURA 116



FIGURA 117

ainda o importante lugar de cultura que pode e deve representar junto da cidade e da região.

Sem preterir a vocação científica e de ensino universitário, o Instituto de Antropologia assume hoje a sua função cultural, educativa e social.

BIBLIOGRAFIA

- África, Instrumentos Musicais*. Catálogo. Coimbra, Instituto de Antropologia, 1984.
- Angola, Culturas Tradicionais*. Catálogo. Coimbra. Instituto de Antropologia, 1976.
- CONGRÉS INTERNATIONAL D'ANTROPOLOGIE ET D'ARCHEOLOGIE PRÉHISTORIQUES, PARIS, 1900 — Compte rendu de la douzième session. Paris, Masson et C^{ie} Rd., 1902.
- Copiador de Offícios do Gabinete de Antropologia*. Coimbra, 1896-1924.
- Dossier «*Operação-Museu*». Museu e Laboratório Antropológico, 1979.
- Dossier «*Protecção e Promoção do Artesanato da Região de Coimbra*». Museu e Laboratório Antropológico, 1978.
- Estatutos do Grupo de Animação Museográfica e Antropológica*. Coimbra, 1977. (Xerocopiado).
- Estatutos da Sociedade de Antropologia*. Coimbra, 1899.

PALESTRAS PROFERIDAS NO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA
EM SESSÕES ABERTAS AO PÚBLICO

1979 — *A Arte Africana de Angola*

Proferida pelo Prof. Marie Louise Bastin, da Universidade Livre de
Bruxelas.

1980 — *Panorana actual da Antropologia no Brasil.*

— *Estudos antropológicos e sociológicos sobre o negro no Brasil.*

— *A «folclorização» da cultura negra no Brasil.*

Proferidas pelo Prof. João Baptista Borges Pereira, da Universidade de
S. Paulo, Brasil.

— *«Problemas técnicos dos Museus»*

Orientada pelo Prof. Albert Maesen, do Musée Royale de L'Afrique
Centrale, Tervuren, Bélgica.

— *Enologia*

Proferida pelo Eng. Jaime Brojo.

— *Mudança Cultural e Preservação do Artesanato.*

Proferida pelo Dr. J. M. Cabral Ferreira.

1981 — *A Nova Ordem Internacional da Comunicação.*

— *Mass Média e Cultura da Massa.*

Proferidas pelo Prof. Warren K. Agee, da Universidade da Georgia,
Estados Unidos da América.

— *Ritos de Iniciação em Angola.*

Proferida pelo Dr. José Redinha.

— *O Pensamento Social e a Utopia.*

Proferida pelo Prof. Ruy Coelho, da Universidade de S. Paulo, Brasil.

— *Ecologia Rural.*

Proferida pelo Dr. Amaral Mendes, da Faculdade de Medicina de
Coimbra.

- 1982 — *Reflexão sobre a praxeologia ecológica*
Proferida pelo Dr. Amaral Mendes, da Faculdade de Medicina de Coimbra.
- *Pathologie des dents et des maxillaires depuis les Australopithèques jusqu'à l'époque actuelle.*
Proferida pelo Dr. Jacques Ménard, da Universidade de Paris, França.
- *Cerâmica da Zona Centro.*
Proferida pelo Dr. Alberto Correia, Bolseiro do Instituto Nacional de Investigação Científica.
- *A diversidade das populações indígenas brasileiras*
Proferida pela Dr.^a Thekla Hartmann, do Museu Paulista da Universidade de S. Paulo, Brasil.
- 1983 — *Introdução à demografia histórica:*
— *fontes utilizadas*
— *métodos de exploração*
- *Antropologia demográfica: métodos de recolha de dados a partir dos registos paroquiais:*
— *natureza da documentação*
— *natureza da informação*
— *proposta de um método*
- *Antropologia demográfica: método de recolha de dados — observação e aplicação.*
Palestras proferidas pela Dr.^a Norberta Amorim, Investigadora do Instituto Nacional de Investigação Científica.
- *Índios do Brasil: mito e imagem dos Índios Waura.*
— *Índios do Brasil: duas festas dos Índios Waura.*
Proferidas pela Prof.^a Vera Penteado Coelho, da Universidade de S. Paulo, Brasil.
- *Aconselhamento genético*
Proferida pelo Dr. Luis Meneses de Almeida, do Instituto de Biologia Médica da Universidade de Coimbra.

- *Sociologia do Teatro*.
Preferida pelo Dr. Timochenco Wehbi, da Universidade de S. Paulo, Brasil.
- *As Religiões Afro-Brasileiras*.
Proferida pela Dr.^a Liana Maria S. Trindade, do Departamento de Antropologia da Universidade de S. Paulo, Brasil.
- *África, berço da humanidade?*
Proferida pelo Dr. Miguel Ramos, da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa.
- *Individualidade Cultural*
Proferida pelo Dr. Álvaro Miranda Santos, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra.
- 1984 — *Estruturas familiares «irregulares»*
«O mito do comunitarismo».
Proferida pelo Prof. Brian O'Neill, do Instituto Gulbenkian de Ciência, Lisboa.
- *Dialéctica da aculturação e simbolização política numa sociedade tradicional Kongo*.
Proferida pelo Prof. A. Custódio Gonçalves, da Universidade de Évora.
- *Os conceitos de doença e cura numa sociedade africana*.
Proferida pelo Prof. Manuel Laranjeira, do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.
- *Cestaria dos Índios Karajás*
Proferida pela Prof.^a Edna Luisa Taveira, Directora do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, Brasil.
- 1985 — No âmbito das comemorações dos cem anos de antropologia em Coimbra:
 - *Festas do ciclo de Inverno*
Proferida pelo Dr. António Pinello Tiza.
 - *Máscaras de Trás-os-Montes*
(acompanhada do filme «Máscaras», de Noémia Delgado)

Proferida por Benjamin Enes Pereira, do Museu de Etnologia de Lisboa.

— Integradas no programa de Biologia Social:

— *Complexidade do Objecto Psicológico e sua relação com os fenómenos biológicos e sociais*

Proferida pela Dr.^a Lúcia Coelho, da Universidade de S. Paulo, Brasil.

— *Evolução dos sistemas de comunicação animais e humanos*

Proferida pelo Dr. Carlos M. Henrique de Jesus, do Instituto Gulbenkian de Ciência.

— Em colaboração com a Comissão Cultural Luso-Americana:

— *Anticipatory Anthropology*

Ethnographic Futures Research

Proferidas pelo Prof. Robert B. Textor, da Universidade de Stanford, Estados Unidos da América.

FILMES PROJECTADOS NO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA EM SESSÕES ABERTAS AO PÚBLICO

1979 — *Os Bosquimanos de Angola*

Filme etnográfico que tem sido projectado quer em termos didácticos, nas aulas de Antropologia Cultural, quer como elemento de animação em exposições organizadas pelo Museu e Laboratório Antropológico.

1981 — *O Círculo do Sol*

Um estudo sobre os Índios do Canadá.

— *The Making of Mankind*

(Realizado por Richard Leakey)

é composto de sete partes:

1 — In the Beginning

2 — One small step

3 — A human way of life

4 — Beyond Africa

5 — A new era

6 — Setting down

7 — The survival of the species

— *Tonga-Bondo, Fête des Ancêtres*
L'Art Nègre

(Comentados pelo Dr. Álvaro Miranda Santos, ilustraram a palestra
Individualidade Cultural.)

1983 — *Ylê Xoroquê*

(Tema que aborda as religiões afro-brasileiras)

Comentado pelo Prof. Liana Trindade, da Universidade de S. Paulo,
Brasil.

1985 — No âmbito das comemorações dos cem anos de Antropologia em
Coimbra:

— *Festa, Trabalho e Pão em Grijó da Parada*

— *Máscaras* (de Noémia Delgado)

— *Dia de casamento*

— *Arte rupestre no Tejo*

— *The Making of Manking*

— Integrado no programa de Biologia Social:

— *Padrões de comportamento de acasalamento em diferentes
grupos animais* (programa video)

Cronologia

1883 — Na sessão de 8 de Junho da Câmara dos Senhores Deputados, o Professor Bernardino Machado apresenta dois projectos de lei, ambos da sua autoria:

Projecto de lei n.º 1

«Artigo 1.º — É suprimido na faculdade de philosophia da universidade o ensino da arte de minas e de agricultura, zootechnia e economia rural.

«Artigo 2.º — O actual ensino de agricultura, zootechnia e economia rural será substituído na mesma cadeira pelo de Anthropologia.

§ único — Ficará annexa à aula de Anthropologia a secção respectiva do Museu.

Projecto de lei n.º 2

«Artigo 1.º — Deixará de haver direcção geral do museu da faculdade de philosophia da universidade por algum dos seus professores, e cada secção do museu será dirigida especialmente pelo professor da aula respectiva.

— Oferecida ao Museu de História Natural uma colecção de 35 crâneos indígenas da Ilha de Timor.

1884 — O Conselho Escolar da Faculdade de Filosofia Natural exara em acta de 9 de Janeiro um voto de agradecimento a Bernardino Machado pelos esforços empregues na Câmara dos Deputados para que lhe seja concedida dotação para explorações de História Natural.

1885 — Em dois de Julho, por Carta de Lei é aprovado o seguinte:

«Artigo 1.º — É suprimida na faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra, a cadeira de agricultura, zootechnia e economia rural, bem como o ensino da arte de minas.

§ 1.º — É creada em substituição d'aquella cadeira a de Anthropologia, paleontologia humana e archeologia prehistorica. (...)

Artigo 2.º — O museu de história natural da Universidade compõe-se de quatro secções, a saber: secção de botânica, secção de zoologia, secção de mineralogia e de geologia e secção de anthropologia e archeologia prehistorica.

§ 1.º — A cada uma dessas secções pertence uma direcção independente e separada, exercida pelo professor da respectiva cadeira (...)

— Continuação de entrada de objectos etnográficos já iniciada em 1806 e prosseguida nos anos seguintes.

1889 — Compra a Emile Deyrolle de 15 esqueletos de Primatas.

— Compra de instrumentos antropológicos (antropómetro, cranióforos, estereógrafo, orbitóstato, cefalómetro d'Antelme, etc.) a Raoul Mathieu, de Paris.

1893 — Entrada de oito bustos das raças caucasianas e de trinta crânios em pasta de papel (fornecimento feito por R. Brendel, de Berlim).

— Aquisição de uma «Colecção palethnológica» fornecida por G. de Mortillet, de Paris.

1895 — Exploração antropológica na Figueira da Foz, por Bernardo Ayres.

1896 — Início da aquisição de crânios identificados da colecção «Escolas Médicas», provenientes do Museu de Anatomia de Coimbra e da Escola Médica de Lisboa, a qual terminou em 1903.

1897 — Colecção de fotografias de costumes portugueses, fornecimento feito por J. Sartoris.

— Primeira prestação duma compra de objectos etnográficos a Adolfo Frederico Moller.

1898 — O médico Silva Telles faz estudos antropológicos em Luanda sob recomendação de Bernardino Machado.

— São aprovados os Estatutos da Sociedade de Anthropologia de Coimbra (alvará do Governador Civil de Coimbra de 10 de Fevereiro). Em 21 de Novembro é eleito seu presidente Bernardino Machado.

1899 — Entrada das ossadas encontradas nas escavações feitas no Paço Episcopal de Coimbra.

— Exploração científica do Professor de Anthropologia e dos seus alunos na Caverna dos Alqueves.

— Aquisição de um antropómetro de viagem à casa Anton & Mander, de Londres.

- 1900 — José António Domingos dos Santos, primeiro funcionário da secção de Antropologia e Archeologia pré-histórica do Museu de História Natural, inicia as suas funções, mas dividindo os seus serviços pelos outros Museus.
- Colaboração na «Exposição Universal de 1900» realizada em Paris.
 - Representação do Museu de Antropologia e Archeologia no «Congrès International d'Anthropologie et d'Archeologie pré-historiques» (Paris).
 - Curso livre do Professor Bernardino Machado — «Lições de Pedagogia» realizadas aos Domingos, de 21 de Janeiro a 11 de Março.
- 1901 — Oferta de uma *Galera* pertencente a Manuel Ferreira Lopes, escrivão no Porto. O construtor foi Joaquim Gomes Saraiva Junior, da freguesia de Azurara, Vila do Conde, ajudado pelo próprio ofertante.
- 1902 — Apoio ao Congresso Colonial da iniciativa da Sociedade de Geografia de Lisboa.
- 1904 — Aquisição a A. Bobone de Lisboa de uma coleção de sessenta e quatro fotografias (24 × 30 cm.) representando a Universidade, Jardim Botânico, Museus.
- 1905 — Primeira solicitação de Bernardino Machado para ampliação dos «locais do Museu de Ethnografia para que possa expor-se proveitosamente à vista de alumnos e visitantes o numero material de estudo que elle hoje já possui...» utilizando-se o edificio da Igreja de S. Boaventura e respectivo claustro.
- 1906 — Oferta de um esqueleto romano encontrado nas escavações de Condeixa-a-Velha.
- 1907 — É exonerado, a seu pedido, o Professor Bernardino Machado.
- Inicia a sua Directoria, como lente titular da 10.^a cadeira (5.^o ano da Faculdade de Filosofia) o Professor Eusébio Tamagnini.
- 1908 — Tem início um «Curso Livre de Antropometria», especialmente destinado a juristas.
- 1909 — Iniciada a recolha de dados para o estudo da «Pigmentação da população das escolas primárias do País».
- 1910 — É feito o pedido de autorização para a recolha de dados métricos em praças dos diferentes distritos de recrutamento e reserva.
- 1911 — É iniciado o «Curso de Etnografia Colonial» regido por Gualberto Barros e Cunha.
- Exploração antropológica a Lavos, Figueira, Cova, Leirosa e Moinho de Almo-xarife.

- Escavações feitas em Orca, com corte de duas sepulturas megalíticas, uma das quais se encontra no Jardim do Museu e Laboratório Antropológico.
- 1912 — Iniciam-se, em 21 de Outubro, as obras de adaptação do edifício de São Boaventura.
- 1916 — Deram entrada no Instituto de Antropologia 36 esqueletos.
- 1930 — Realiza-se o «XV Congrès International d'Anthropologie et Archéologie Préhistorique» (21 de Setembro).
 - Inauguração de uma sala de Etnografia Colonial no Museu e Laboratório Antropológico.
- 1931 — Início da recolha dos esqueletos da colecção identificada (que viria a ser concluída em 1942).
- 1932 — Iniciada a aquisição da colecção de crânios identificados, designada por «Colecção de Trocas Internacionais» e que se continuou até 1942.
 - Na sequência da reforma do Ensino na Faculdade de Ciências, a Antropologia entra no plano de estudos do 4.º ano da licenciatura em Ciências Biológicas.
 - Autorizada a consulta dos registos de crescimento, casamentos e óbitos.
- 1933 — Eusébio Tamagnini apresenta proposta para a criação da Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos.
- 1934 — São aprovados os Estatutos da Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos.
 - Inicia-se a recolha dos dados biodemográficos (registos de casamento, nascimento e óbito) do concelho de Coimbra.
- 1937 — É criada a «Sociedade Portuguesa de Estudos Eugénicos», sendo constituída por três secções, uma em Lisboa, outra no Porto e a terceira em Coimbra, que será a sede.
- 1942 — Inicia-se o «Curso Elementar de Métodos Estatísticos Modernos aplicáveis à Investigação Científica», regido pelo professor W. L. Stevens.
- 1948 — O Museu encontrava-se aberto todos os dias úteis das 14H00 às 17H00.
 - O arquitecto Licínio da Cruz, após ter visitado vários países da Europa, resume a sua viagem de estudo em «...elaborar um programa de instalações para o Instituto de Antropologia de Coimbra».
 - E. Tamagnini acompanhado do arquitecto Licínio da Cruz, após ter visitado vários Institutos de Antropologia e Museus de Etnografia europeus, elabora um programa para as novas instalações do Instituto de Antropologia, focando as

directrizes de desenvolvimento futuro (ensino, investigação científica, educação do público e educação geral).

- 1949 — Transferência dos serviços do Instituto de Antropologia do edifício de São Boaventura para o edifício de São Bento.
- 1950 — Em 7 de Setembro toma posse como Director interino do Museu e Laboratório Antropológico o Professor José Antunes Serra.
- José Antunes Serra elabora relatório enumerando as necessidades mais urgentes para o regular funcionamento do Museu e Laboratório Antropológico.
- 1952 — Alberto Xavier da Cunha Marques é nomeado Director do Museu e Laboratório Antropológico, tendo tomado posse em 21 de Abril.
- Xavier da Cunha apresenta anteprojecto para adaptação do edifício de S. Bento às definitivas instalações do Museu e Laboratório Antropológico
- 1953 — Criação da secção de Antropologia e Etnologia do Agrupamento Científico de Estudos Ultramarinos.
- 1955 — O naturalista Fernando Pacheco de Amorim viaja por vários países da Europa a fim de «tomar conhecimento dos Museus de Etnografia Ultramarina».
- Colaboração da Faculdade de Ciências, através do Museu e Laboratório Antropológico, na «Semana do Ultramar», promovida pela Sociedade de Geografia de Lisboa.
- 1958 — Os directores dos Serviços de Geologia e de Zoologia e Antropologia, acompanhados dum arquitecto realizam uma visita de estudo a vários museus europeus, tendo em vista a elaboração de um anteprojecto de instalações da Geologia e Zoologia no edifício Central dos Museus e da Antropologia.
- Visita conjunta dos Directores da Mineralogia e Geologia, Zoologia e Antropologia e do arquitecto Amoroso Lopes a vários museus europeus para observação das possibilidades de adaptação do edifício dos Museus Zoológico e Mineralógico e do de S. Bento a Museu e Laboratório Antropológico.
O mobiliário, a decoração, a exposição nos Museus, a iluminação, etc., foram os aspectos mais explorados nesta visita.
- 1959 — Por iniciativa do Instituto Francês, o Professor J. Piveteau da Faculdade de Ciências da Universidade de Paris, profere duas conferências subordinadas aos temas:
- «A génese da forma humana»
 - «O cérebro e a mão — aparição do fenómeno reflexivo».
- Concedida uma bolsa de estudo pela Fundação Calouste Gulbenkian para o naturalista do Museu e Laboratório Antropológico «proceder a estudos de etno-sociologia em Angola».

- 1960 — Em Novembro iniciam-se as obras de adaptação das actuais instalações.
- 1963 — José de Barros Neves toma posse, interinamente, das funções de Director do Museu e Laboratório Antropológico em 15 de Novembro, passando a Director efectivo no ano seguinte.
- 1966 — Inauguração das actuais instalações do Museu e Laboratório Antropológico.
- Colaboração na «Exposição das actividades da Universidade no período de 1926-1966», realizada na sala do rés-do-chão do Museu e Laboratório Antropológico.
- 1974 — O Museu e Laboratório Antropológico vê-se privado de locais de exposição ao público devido à ocupação, a título provisório, das suas galerias do rés-do-chão, por parte de outros serviços da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- José de Barros Neves é exonerado, a seu pedido, por despacho de 7 de Setembro.
- 1976 — É inaugurada a exposição itinerante «Angola, Culturas Tradicionais» na sala de exposições do Turismo, em Coimbra.
- 1977 — Reposição da exposição «Angola, Culturas Tradicionais» em Leiria, Castelo Branco, Covilhã, Guimarães, Porto e Figueira da Foz.
- 1978 — Realiza-se no Museu e Laboratório Antropológico o colóquio da Associação Portuguesa de Museologia (APOM) subordinado ao tema «Os Museus Universitários».
- Realiza-se no Museu e Laboratório Antropológico a exposição temporária «Museu e Laboratório Antropológico 1772-1978».
 - Reposição da exposição itinerante «Angola, Culturas Tradicionais» no Museu de Grão Vasco em Viseu.
 - Colaboração na exposição «Tecelagem da Região de Almalaguês», realizada no Edifício do Chiado, em Coimbra.
- 1979 — O Museu e Laboratório Antropológico colabora na exposição itinerante «Artesanato — Palitos da Região de Lorbão».
- 1980 — Reposição da exposição itinerante «Artesanato — Palitos de Pá e Bico», no Claustro do Mosteiro de Lorbão e na Figueira da Foz.
- O Museu e Laboratório Antropológico colabora na exposição «Trajes populares da Região de Coimbra».
- 1981 — Reposição da exposição itinerante «Palitos de Pá e Bico» em Guimarães, Braga e Porto.

- 1982 — Integrada na I.^a Semana de Cultura Africana é reposta a exposição «Angola, Culturas Tradicionais».
- 1983 — Integrada na II.^a Semana de Cultura Africana, realiza-se no Instituto de Antropologia, a exposição «Angola: os símbolos do poder na sociedade tradicional».
- Colaboração na exposição «Vida e obra de Bernardino Machado», patente no Museu Nacional da Ciência e da Técnica, em Coimbra.
- 1984 — Colaboração, em termos científicos, com a Casa de Artesanato da Região de Coimbra na exposição monográfica «Esteiras de Arzila».
- Colaboração na exposição «Vida e obra de Bernardino Machado», patente nas salas da Sociedade de Geografia de Lisboa.
 - Integrada no programa da III.^a Semana de Cultura Africana, inaugura-se a exposição «África: Instrumentos Musicais».
- 1985 — Edição de uma colecção de postais coloridos representando objectos etnográficos das colecções angolanas do Museu e Laboratório Antropológico.
- No âmbito das comemorações da criação da cadeira de Antropologia realizam-se:
 - Colóquio «Investigação e Ensino da Antropologia em Portugal».
 - Mostra filatélica sobre «Etnografia Portuguesa».
 - Exposição «Máscaras do Distrito de Bragança».



Bibliografia

Trabalhos publicados (*)

1883

MACHADO, Bernardino — *Oração de Sapiência*. «Anuario da Universidade de Coimbra», Coimbra, Imprensa da Universidade.

1885

CUNHA, J. Barros e — *Notícia sobre uma série de crânios da ilha de Timor existente no Museu da Universidade*, in: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalhos de alumnos», p. 5-28.

1889

BASTOS, H. Teixeira — *Programa da 8.^a cadeira. Anthropologia e archeologia prehistorica para o anno lectivo de 1889 a 1890*. Coimbra, Imprensa da Universidade.

1892

VIEGAS, Luis dos Santos — *Do método em Anthropologia*. Coimbra, Imprensa da Universidade.

1897

BASTO, Álvaro J. S. — *Índices cephálicos dos portugueses*, in: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalhos de alumnos», p. 29-82.

(*) Nesta bibliografia foram consideradas apenas as obras impressas. É de assinalar no entanto a existência na biblioteca do Museu e Laboratório Antropológico de certo número de trabalhos policopiados.

1898

FERREIRA, A. Aurélio C. — *Crânios portugueses*, in: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalhos de alumnos», p. 105-174.

MENEZES, José C. — *Anomalias da divisão craniana*, in: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalhos de alumnos», p. 83-104.

1899

FERREIRA, A. C. — *Crânios Portugueses. III — Capacidade*. Coimbra. Imprensa da Universidade (Publicações da Sociedade d'Anthropologia).

SALEMA, João — *Modificação do goniometro mandibular de Broca*, in: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalho de alumnos», p. 175-189.

1900

PINTO, A. Sousa — *Sobre o livro de M. Alphonse Bertillon (...). Esboço bibliográfico*, in: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalhos de alumnos», p. 191-197.

MACHADO, Bernardino — *Conferências de Pedagogia*, in: «A Universidade de Coimbra», Coimbra, p. 241-297.

1901

LUCAS, Agostinho C. — *O ângulo biorbitario dos cranios portugueses*, in: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalhos de alumnos», p. 215-223.

MELLO, João M. — *O índice nasal dos portugueses*, in: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalhos de alumnos», p. 225-246.

PINTO, Alexandre S. — *Estudos sobre a mandibula*, in: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalhos de alumnos», p. 199-214.

1902

MACHADO, Bernardino — *A estudantina de S. Thiago de Compostela*, in: «Homenagens», Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 241-246.

MACHADO, Bernardino — *Homenagens*. Coimbra, Imprensa da Universidade.

OLIVEIRA, Vasco N. — *Sobre o índice orbitario dos cranios portugueses*, in: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalhos de alumnos», p. 247-261.

1904

BARREIRO, Abílio A. S. — *Lei da asymetria que existe nos membros do homem*, in: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalhos de alumnos», p. 263-303.

MACHADO, Alvaro R. — *Projecções orthogonaes do craneo: novo processo da sua administração*, in: «Aula de Anthropologia da Universidade de Coimbra. Trabalhos de alumnos», p. 305-319.

MACHADO, Bernardino — *A Universidade e a Nação. Oração Inaugural do ano lectivo de 1904-1905*. «Anuario da Universidade de Coimbra», Coimbra, Imprensa da Universidade; in: «A Universidade de Coimbra», Coimbra, 1908, p. 85-117.

1908

MACHADO, Bernardino — *A Universidade de Coimbra*. Coimbra, Tipografia França Amado.

1914

ABREU, J. L. — *Trabalhos práticos de antropologia — estudo feito sobre 200 húmeros direitos humanos, sem distinção de sexo*. Coimbra.

CUNHA, J. G. Barros — *Contribuição para o estudo do índice facial português*. «Revista da Universidade de Coimbra», 3, p. 314-379.

CUNHA, J. G. Barros — *O índice facial superior nos portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 1(2), p. 55-120.

GOMES, Felismino Ribeiro — *O prognatismo dos portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 1(1), p. 1-53.

1915

TAMAGNINI, E. — *Cor do cabelo e dos olhos nos estudantes das escolas primárias portuguesas*. «Revista da Universidade de Coimbra», 14, p. 581-620.

1916

TAMAGNINI, E. — *Como se entende e em que consiste a liberdade de ensino nalgumas Universidades Europeias. Relatório de uma missão ao estrangeiro*. «Revista da Universidade de Coimbra», 14 (4), p. 880-895.

TAMAGNINI, E. — *Valores exactos do coeficiente de correlação entre alguns caracteres do fémur*. «Revista da Universidade de Coimbra», 5, p. 572-575.

TAMAGNINI, E.; CAMPOS, D. Vieira — *O fémur português*. «Revista da Universidade de Coimbra», 5, p. 280-344; «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 2(1), p. 1-70.

1924

CUNHA, J. G. Barros e — *Sur les différences entre les provinces du Portugal quant aux caractères craniométriques*. «Revue Anthropologique», 34 (3-4), p. 317-320.

1926

- CUNHA, J. G. Barros — *Descrição de um crânio guanche existente no Museu Antropológico de Coimbra*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 2(3), p. 87-100; «Revista da Universidade de Coimbra», 10, p. 473-484, 1927.
- TAMAGNINI, E. — *Os antigos habitantes das Canárias nas suas relações com a Antropologia Portuguesa*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 2(2); III Congresso da Associação Espanhola para o Progresso das Ciências, 2, p. 219-231; «Revista da Universidade de Coimbra», 10, p. 460-472, 1927.
- THEMIDO, A. A. — *Un nouveau détail morphologique de l'humérus. Le trou marginal ou perforation osseuse sus-épitrochléenne*. «Folia Anatomica Universitatis Conimbriensis», 1(14), p. 1-3.
- THEMIDO, A. A. — *Sobre alguns caracteres sexuais dos húmeros portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 2(4), p. 101-174; «Revista da Universidade de Coimbra», 10, p. 485-555, 1927.

1927

- CUNHA, J. Barros e — *Quelques nouvelles observations sur les crânes pré-historiques de Cascais*. Comunicação à III Sessão do Inst. Nation. Anthropol., Amsterdam.
- CUNHA, J. Barros e — *Sur les différences sexuelles dans les indices céphaliques horizontal, vertical et vertico-transverse*. «Comptes Rend. Séan. Soc. Biol.», 47, p. 889.
- CUNHA, J. Barros e; CUNHA, M. B. — *Observações sobre a população do Algarve Oriental*, in «Associacion para el Progreso de las Ciencias», p. 113-119.

1928

- THEMIDO, A. A. — *Taille et grande envergure des portugais*, in: «Comptes rendus des séances de la Société de Biologie», 99.
- THEMIDO, A. A. — *Indice céphalique et taille des portugais*, in: «Comptes rendus des séances de la Société de Biologie», 99.

1930

- CUNHA, J. Barros e; THEMIDO, A. A. — *Les squelettes de Condeixa*, in: «XV Congrès Intern. Anthropol. Archeol. Pré-hist.», p. 206-207.
- CUNHA, J. Barros e; LEMOS, Viana de — *Contribution à la craniologie de l'Angola*, in: «XV Congrès Intern. d'Anthropol. Archeol. Pré-histor.», p. 250-252.
- CUNHA, J. Barros e — *Sur quelques croyances et formules populaires*, in: «XV Congrès Intern. d'Anthropol. Archeol. Pré-histor.», p. 694-697.
- LOPES, A. Q. — *Alguns diâmetros e proporções no sacro dos portugueses*, in: «Mem. e Comunic. Cong. Nation. Ciên. Popul.», Porto, p. 36-37.
- TAMAGNINI, E. — *Estado actual dos nossos conhecimentos acerca da antiga população das Canárias*, in: «XV Congrès Intern. d'Anthropol. Archeol. Pré-histor.», p. 241-244.

THEMIDO, A. A. — *L'indice orbitaire chez les portugais*, in: «XV Congrès Intern. d'Anthrop. Archeol. Pré-histor.», p. 129-132.

1931

CUNHA, J. Barros e — *Diâmetros e índices cranianos nos portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 2(6), p. 201-236.

TAMAGNINI, E. — *O índice cefálico e a criminalidade*, «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 1(2), p. 131-136.

THEMIDO, A. A. — *O índice orbitário nos portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 2(5), p. 175-200.

1932

TAMAGNINI, E. — *Sobre a distribuição geográfica de alguns caracteres fundamentais da população portuguesa. I — O índice cefálico e a estatura*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 2(7), p. 237-262.

TAMAGNINI, E. — *Os antigos habitantes das Canárias*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 2(8), p. 263-280.

TAMAGNINI, E. — *A propósito do índice cefálico dos portugueses*. «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 2 (4), p. 242-262; «Questões de Método», 1, 1933.

1933

CUNHA, J. Barros e — *Crâneo de um soba Quioco da região de Saurimo, Lunda*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 2 (11), p. 337-342;

«Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 3 (3), p. 355-360.

TAMAGNINI, E. — *O índice facial superior dos portugueses*. «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 3, p. 315-333.

TAMAGNINI, E. — *Sobre a distribuição geográfica de alguns caracteres fundamentais da população portuguesa. Parte II — O índice facial superior*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 2 (10), p. 311-332.

THEMIDO, A. A. — *Sobre alguns caracteres antropométricos da população portuguesa*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 2 (9), p. 281-310.

THEMIDO, A. A. — *Anomalies de l'écaïlle de l'occipital dans les crânes portugais*. «Folia Anat. Univ. Conimb.», 8 (8), p. 1-9.

1934

CUNHA, J. Barros e — *Alguns crânios de Angola e de S. Tomé na colecção do Instituto de Antropologia de Coimbra*, in: «Actas do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial», 1, p. 198-207.

- CUNHA, J. Barros e — *Diâmetros e índices cranianos dos portugueses*. «Revista da Universidade de Coimbra», 12, p. 29-60.
- TAMAGNINI, E. — *Lição inaugural do ano lectivo de 1934-35*. «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 5, p. 7-28.
- TAMAGNINI, E. — *Os problemas da mestiçagem*. «Trabalhos do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial», 1, p. 39-63.
- THEMIDO, A. A. — *O índice orbitário dos portugueses*. «Revista da Universidade de Coimbra», 12, p. 5-29.

1936

- CUNHA, J. Barros e — *A autenticidade dos crânios de Timor do Museu da Universidade de Coimbra e o estado actual dos nossos conhecimentos sobre o problema da composição étnica da população de Timor*. «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 6, p. 327-383; «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 2 (12), 343-406, 1937.
- TAMAGNINI, E. — *A pigmentação dos portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 1 (3), p. 127-198.
- TAMAGNINI, E. — *A heterogeneidade da variação. A análise de variância*. «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 6, p. 447-531.

1938

- CUNHA, J. G. Barros e — *Valor dos métodos indirectos de calcular a capacidade craniana*. «Arquivo de Anatomia e Antropologia», 19, p. 589-591.
- SERRA, J. A. — *A pelve nos Portugueses: morfologia da pelve no homem*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 3 (1), p. 1-174.
- TAMAGNINI, E. — *Les groupes sanguins des Portugais*, in: «Congr. Inter. Scien. Anthrop. Ethnol., Copenhague, Comptes Rendus», p. 174.
- TAMAGNINI, E. — *Les dimensions du nez, l'indice nasal, et le prétendu fort métissage négroïde des Portugais*, in: «Congr. Inter. Scien. Anthrop. Ethnol., Copenhague, Comptes Rendus», p. 114.
- TAMAGNINI, E. — *De la fréquence de la tache bleue ou mongolique chez les Portugais*, in: «Congr. Inter. Scien. Anthrop. Ethnol., Copenhague, Comptes Rendus», p. 138.
- TAMAGNINI, E. — *A heterogeneidade da variação. Análise da variância*. «Questões de Método», 2.

1939

- SERRA, J. A. — *Estudos sobre a pigmentação melânica: determinação da pigmentação e escurecimento com a idade: composição das melaninas*. «Questões de Método», 3.

1940

- CUNHA, J. G. Barros e — *A população visigótica em Portugal. Observações sobre alguns crânios masculinos provenientes dos cemitérios da Silveirona*. «Mem. Com. Congr. Mundo Português (Pré e Proto-história)», Lisboa, 1, p. 687-702.
- LOPES, A. Q. — *Alguns diâmetros e proporções no sacro dos portugueses*, in: «Actas Congr. Nacional Ciências População», Porto, 1, p. 565-576.
- TAMAGNINI, E. — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 3 (2), p. 175-352 e «Actas Congr. Nacional Ciências População», Porto, 1, p. 3.
- SERRA, J. A. — *Novos métodos de estudo da pigmentação e sua importância racial*, in: «Actas Congr. Nacional Ciências População», Porto, 1, p. 453-471.
- SERRA, J. A. — *Morfologia do externo*, in: «Actas Congr. Nacional Ciências População», Porto, 1, p. 535-550.

1941

- MORAIS, L. P. Canêdo de; SERRA, J. A. — *Sobre a determinação do índice orbitário e a assimetria da órbita*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 4 (1), p. 5-28.
- SERRA, J. A. — *O esterno nos Portugueses: caracteres métricos e morfológicos do esterno no homem*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 4 (2), p. 33-159; «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 9 (2), p. 121-246.

1942

- STEVENS, W. L. — *Teoria matemática de algumas distribuições usadas em estatística*. «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 10, p. 247-288; «Questões de Método», 4.
- TAMAGNINI, E. — *O polialelismo dos grupos sanguíneos (sistema ABO)*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 4 (3), p. 161-226; «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 10, p. 5-65.
- TAMAGNINI, E.; SERRA, J. A. — *Subsídios para a História da Antropologia Portuguesa*, apresentado ao Congresso da Actividade Científica Portuguesa, Coimbra, 1942.

1943

- CUNHA, J. G. Barros e — *Notícias recentes sobre a população de Timor*. «Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», Porto, 5, p. 558-564.
- CUNHA, J. G. Barros e — *Descrição de um crânio notável do cemitério visigótico da Silveirona*, in: «IV Congr. Ass. Portug. Progr. Ciênc.», 5, p. 551-554.
- SERRA, J. A.; LOPES, A. Queiroz — *As proporções e a assimetria dos membros nos Portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 4 (4), p. 231-312; «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 11, p. 235-316.

- SERRA, J. A. — *Interpretação de algumas variações da coluna vertebral*, in: «Com. VIII Reunião Soc. Anatom., Portug.», Coimbra.
- SERRA, J. A.; LOPES, A. Q. — *Relações entre a estatura e certos caracteres osteométricos*, in: «Actas do Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», Porto, 5, p. 689-700.
- STEVENS, W. L. — *Teoria matemática de algumas distribuições usadas em estatística (continuação)*. «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 11, p. 85-102.
- TAMAGNINI, E. — *Discurso inaugural da Secção de Ciências Naturais*. «IV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», Porto, 1, p. 136-144.
- TAMAGNINI, E. — *Correlações somáticas: sua importância do ponto de vista da análise etnológica*. Porto, Imprensa Portuguesa; «IV Congr. Ass. Portug. Progr. Ciênc.», 5, p. 706-710.
- THEMIDO, A. A. — *O comprimento dos ossos longos dos membros e a reconstituição da estatura dos portugueses*. «IV Congr. Ass. Port. Ciênc.», 5, p. 572-575.

1944

- SERRA, J. A.; LOPES, A. Queiroz — *Correlações entre a estatura e alguns caracteres osteométricos*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 4 (5); «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 12, p. 134-221.
- STEVENS, W. L. — *Estimação estatística. Teoria da estimação de dois ou mais parâmetros, exemplificada com o problema da estimação das frequências dos genes dos grupos sanguíneos*. «Questões de Método», 5.
- TAMAGNINI, E. — *Correlações somáticas. Sua importância no ponto de vista da análise etnológica*, in: «Congresso Luso Espanhol para o Progresso das Ciências», Porto, 1942, tomo 5.
- TAMAGNINI, E. — *O índice nasal dos Portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 5 (1), p. 5-38; «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 12, p. 222-255.

1945

- STEVENS, W. L. — *Análise discriminante*. «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 13, p. 37-86; «Questões de Método», 7
- STEVENS, W. L. — *Aplicação do teste X^2 à análise da variância*. «Questões de Método», 6.
- STEVENS, W. L. — *Novos métodos para o estudo da genética humana*. «Questões de Método», 9.
- STEVENS, W. L. — *Tabelas para investigação sobre os grupos sanguíneos*. «Questões de Método», 8; «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 13, p. 87-92.
- TAMAGNINI, E. — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses (II parte)*. «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 13, p. 113-140.

1946

- TAMAGNINI, E. — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses (III parte)*. «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 15, p. 83-149.
- TAMAGNINI, E. — *L'Anthropologie au Portugal*. «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 15, p. 77-82.

1947

- CUNHA, J. Barros e — *A espessura das paredes nos crânios primitivos e nos modernos*. «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 16, p. 67-69.
- TAMAGNINI, E. — *Les études anthropologiques et ethnologiques au Portugal*. «Man», 47, p. 52-73.
- TAMAGNINI, E. — *L'Anthropologie au Portugal*. «Man», 17 (53); «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 15.

1948

- TAMAGNINI, E. — *A distribuição dos grupos sanguíneos na Península Ibérica*, in «Actas y Mem. Soc. Espan. de Antrop. Etnol. y Prehist.», 23 (1-4), p. 157-185.
- TAMAGNINI, E. — *Les groupes sanguins (système ABO) et la pigmentation (couleur des yeux et des cheveux)*. «Questões de Método», 10; «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 17, p. 123-127.
- TAMAGNINI, E. — *L'asymétrie du crâne et le pseudo-syndrôme-métopique*. Comunicação ao Congr. Intern. Ciências Antrop. e Etnol. de Bruxellas, III sessão (1948) 1960.
- TAMAGNINI, E. — *A razão dos sexos na população portuguesa e a necessidade do emprego de métodos estatísticos adequados ao estudo dos fenómenos demográficos*. «Revista Las Ciências», Madrid, 12 (4).
- TAMAGNINI, E. — *A razão dos sexos na população portuguesa*. «Rev. Centro Est. Demog. Inst. Nac. Estat.», 5, p. 37-76; «Questões de Método», 11.

1949

- SERRA, J. A. — *Moderna Genética. Geral e Fisiológica*. Edição do Autor, 2 vol.
- TAMAGNINI, E. — *Standardizzazione dei metodi per lo studio della distribuzione dei gruppi sanguigni (sistema ABO)*. «S.S.A.: Bolletino del Comitato Internazionale per l'Unificazione dei Metodi e per la sintesi in Antropologia, Eugenia e Biologia», Bolonha, 13/19; «Questões de Método», 12, 1950.
- TAMAGNINI, E. — *O índice nasal e o clima*, in: «Homenage a Don Luis de Hoyos Sainz», Madrid, tomo I.

1950

TAMAGNINI, E. — *A razão dos sexos na população portuguesa — II*. «Questões de Método», 14; «Revista do Centro de Estudos Demográficos», I.N.E., 7.

TAMAGNINI, E. — *A razão dos sexos em 1469 famílias do concelho de Coimbra*, in: «XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», Lisboa.

1951

SERRA, J. A. — *Componentes nasal e alveolar do ângulo de perfil facial nos Portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 5 (2), p. 43-60.

1952

ALBUQUERQUE, Rolanda Maria — *Estudo antropológico da mandíbula nos Portugueses*, «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 5 (3), p. 65-196.

SERRA J. A. — *Groupes sanguins et position anthropologique des Portugais*. «Questões de Método», 13; «Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», 21.

SERRA, J. A.; ALBUQUERQUE, Rolanda Maria; NETO, M. Augusta Maia — *Características da população da época visigótica de Silveirona (Estremoz). I — Estrutura e robustez dos ossos longos*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 5 (4), p. 201-233.

TAMAGNINI, E. — *A frequência dos partos múltiplos num conjunto de famílias do concelho de Coimbra*. «Revista do Centro de Estudos Demográficos». Lisboa, 8.

1953

CUNHA, A. Xavier da; NETO, M. Augusta Maia — *Características da população da época visigótica de Silveirona (Estremoz). II — Características cranianas*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 5 (5), p. 239-309.

1954

CUNHA, A. Xavier da; ABREU, Maria D. Araújo — *Impressões digitais de Portugueses. Percentagens de figuras, valores quantitativos e frequências empíricas dos genes V, R e U*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 5 (6), p. 315-347.

1955

CUNHA, A. Xavier da; NETO, M. Augusta Maia — *Características da população da época visigótica de Silveirona (Estremoz). III — Esqueleto do tronco e dos membros*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 6 (1), p. 5-64.

CUNHA, A. Xavier da; NETO, M. Augusta Maia — *Os crânios do cemitério visigótico de Silveirona (Estremoz)*. «Revista Las Ciências», Madrid, 20 (4), p. 818-847.

1956

CUNHA, A. Xavier da; MORAIS, H. Xavier de — *Os grupos sanguíneos dos portugueses. Contribuição para o estudo dos sistemas A₁ A₂ BO e MN*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 6 (2), p. 69-79.

CUNHA, A. Xavier da — *Os grupos sanguíneos dos portugueses. Contribuição para o estudo dos grupos P*. «Arquivos do Museu Bocage», 27.

CUNHA, A. Xavier da — *Contribuição para a antropologia dos povos de cultura campaniforme em Portugal*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 6 (5), p. 120-137.

CUNHA, A. Xavier da; ABREU, M. D. Araújo — *A sensibilidade gustativa da feniltiocarbamida em portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 6 (3), p. 85-96.

NETO, M. Augusta Maia — *Diferenças sexuais e assimetrias de algumas medidas e índices do rádio português*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 6 (4), p. 101-117; comunicação apresentada ao XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências.

1957

AMORIM, Fernando B. — *Guia do colecionador de objectos etnográficos*. «Garcia de Orta», Lisboa, 5 (3).

NETO, M. Augusta Maia — *Estudo osteométrico do antebraço nos portugueses. I — Rádio*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 6 (6), p. 143-218.

1958

AMORIM, Fernando B. — *A concentração urbana em Angola. Contribuição para o estudo da demografia de Angola*. «Revista do Centro de Estudos Demográficos», n.º 11, p. 87 e 89.

CUNHA, A. Xavier da — *Algumas populações da época suévico-bizantina do sul de Portugal e de Espanha*. «Bracara Augusta», 9-10, 13 p.

CUNHA, A. Xavier da; NETO, M. Augusta Maia — *O espólio antropológico das estações neolíticas do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça)*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 6 (7), p. 223-240.

NETO, M. Augusta Maia — *A epífise superior do cúbito dos portugueses*. «Revista Las Ciências», 15 (1). (Comunicação apresentada ao XXIV Congresso Luso-Espanhol para Progresso das Ciências, Madrid, 1958).

1959

- AMORIM, Fernando B. — *As artes dos negros africanos. Considerações acerca de alguns problemas que o seu estudo levanta*. «Garcia da Orta», 7 (3).
- AMORIM, Fernando B. — *Contribuição para o estudo sociológico da tribo To*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 6 (8), p. 247-274.
- CUNHA, A. Xavier da; MORAIS, M. H. Xavier de — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses. Distribuição regional dos sistemas A₁ A₂ BO e MN*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (2), p. 17-36.
- NETO, M. Augusta Maia — *Acerca do valor da grande cavidade sigmóide do cúbito como carácter sexual*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (1), p. 5-12.

1960

- AMORIM, Fernando B. — *Contribuições para o estudo sociológico da tribo To. II — Da concepção ao nome, na aldeia de Benetensla*. «Boletim do Instituto de Angola», 14, p. 23.
- CUNHA, A. Xavier da; MORAIS, M. H. Xavier de — *Os genótipos Rh em Portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (4), p. 53-57.
- SANTOS, M. S. Almeida — *O sulco palmar transversal nos Portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (3), p. 41-44.

1961

- CUNHA, A. Xavier da; MORAIS, M. H. Xavier de — *Estudo antropológico da clavícula nos Portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (5), p. 65-120.

1962

- CUNHA, A. Xavier da; ARA, Miguel Fusté — *Antropologia das populações Ibéricas*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (6), p. 125-154.

1963

- CUNHA, A. Xavier da — *Contribuição antropológica para o estudo de portugueses medievais. O espólio ósseo das sepulturas de S. João de Almedina*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (8), p. 177-188.
- CUNHA, A. Xavier da — *Relações seroantropológicas luso-brasileiras*. Relatório à VII Secção do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros.
- CUNHA, A. Xavier da; MORAIS, M. H. Xavier de; CUNHA, F. A. F. Xavier da — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses. Os grupos do sistema A₁ A₂ BO no Alentejo e no Algarve*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (7), p. 159-169.

1964

CUNHA, A. Xavier da — *Relações seroantropológicas luso-brasileiras*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 7 (9), p. 195-218.

1966

CUNHA, A. Xavier da; MORAIS, M. H. Xavier de — *Os grupos sanguíneos dos Portugueses. Grupos Kell-Cellano, Duffy e MNSs*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 8 (1), p. 5-15.

MORAIS, M. H. Xavier de — *Estudo antropológico da omoplata nos portugueses. I — Caracteres métricos*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 8 (2), p. 21-97.

1968

MORAIS, M. H. Xavier de — *Estudo antropológico da omoplata nos Portugueses. II — Caracteres morfológicos*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 8 (3), p. 103-151.

1970

ROCHA, M. Augusta A. Tavares da — *Características de uma população romana (?) de Cascais*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 8 (4), p. 157-167.

1971

NETO, M. Augusta Maia — *Pregas de flexão palmar. Sua classificação nos portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 8 (5), p. 173-189.

1973

AREIA, M. L. Rodrigues de — *Figuras antropomórficas dos cestos de adivinhação dos Quiocos*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 9 (1), p. 3-117.

MORAIS, M. H. Xavier de; ROCHA, M. Augusta A. Tavares da — *Evolução do índice cefálico e os seus componentes em escolares portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 8 (6), p. 189-218.

NETO, A. Augusta Maia; MORAIS, M. H. Xavier de; ROCHA, M. Augusta A. Tavares da — *Tabelas de crescimento dos escolares portugueses. Variações do peso com a idade: estatura constante*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 8 (7), p. 225-249.

NETO, M. Augusta Maia; MORAIS, M. H. Xavier de — *O peso como elemento de diagnose sexual na cintura escapular*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 8 (8), p. 257-308.

1974

AREIA, M. L. Rodrigues de — *L'Angola traditionnel (Une introduction aux problèmes magico-religieux)*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 9 (3), p. 149-236.

AREIA, M. L. Rodrigues de — *La sécurité sociale dans les institutions traditionnelles de l'Afrique Centrale et l'introduction des syndicats*. «Revue Inst. Sociologie», 1, p. 149-164.

AREIA, M. L. Rodrigues de — *Estrutura mágico-religiosa de uma trilogia tradicional nas populações de Angola*, in: «In Memoriam A. Jorge Dias», 3, p. 31-58.

NETO, M. Augusta Maia — *Contribuição para o estudo dos ângulos do úmero dos portugueses*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 9 (2), p. 123-141.

1976

Angola. Culturas tradicionais. Coimbra, Instituto de Antropologia. Universidade de Coimbra, 1976.

AREIA, M. L. Rodrigues de — *Le savoir mnémotechnique des Tshokwe de l'Angola*. «Journal des Africanistes», Paris, 46 (1-2), p. 105-125.

AREIA, M. L. Rodrigues de — *Tradition et modernité en Angola: entretiens avec un chef de village*. «Revue de l'Institut de Sociologie», 4, p. 425-438.

MARTINS, Rui de Sousa — *A estação arqueológica da antiga Banza Quibaxe: Dembos-Angola*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 9 (4), p. 241-306.

1977

AREIA, M. L. Rodrigues de — *Notes pour l'étude de l'ethnobotanique dans la culture tshokwe*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 10 (1), p. 5-82.

1978

AREIA, M. L. Rodrigues de — *Le panier divinatoire des Tshokwe*. «Arts d'Afrique Noire», Paris, 26, p. 30-44.

BOCQUET, J. P.; NETO, M. Augusta Maia; ROCHA, M. Augusta A. Tavares da; MORAIS, M. H. Xavier de — *Estimation de l'âge au décès des squelettes d'adultes par régressions multiples*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 10 (3), p. 07-167.

ROCHA, M. Augusta A. Tavares da — *Dents permanentes de la Grotte de Lapa do Suão, Portugal*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 10 (2), p. 87-101.

1979

AREIA, M. L. Rodrigues de — *Notes pour l'étude de l'ethnozoologie dans la culture tshokwe (Angola)*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 10 (4), p. 173-230.

CROGNIER, Emile; ROCHA, M. Augusta Tavares da — *Age at menarche in rural France*. «Annals of Human Biology», 6 (2), p. 167-169.

FIGUEIRAS, Isilda — *Avelal: notas etnográficas*. «Beira Alta», 38 (4), p. 797-830; 39 (112) 1980, p. 207-239.

GOUVEIA, Henrique Coutinho — *Preservação do Património Etnológico Africano em Portugal*. «APOM — Informações», 23-24, p. 13-15.

GOUVEIA, Henrique Coutinho — *Problemas tipológicos dos museus portugueses: os museus de etnologia e o Museu Nacional da Ciência e da Técnica*, in: «Panorama Museológico Português — Carências e Potencialidades», APOM, p. 91-94.

1980

AREIA, M. L. Rodrigues de — *A proibição do incesto: determinação social ou motivação biológica?* «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 10 (5), p. 235-282.

BOCQUET-APPEL, J. P.; ROCHA, M. Augusta A. Tavares da; MORAIS, M. H. Xavier de — *Peut-on estimer l'âge au décès à l'aide du remaniement osseux?* «Biométrie Humaine», Paris, 15, p. 51-56.

GOUVEIA, Henrique Coutinho — *Museus de Coimbra. Da I Exposição Distrital à organização do Museu Machado de Castro*, «Publicações do Museu Nacional da Ciência e da Técnica», Coimbra, 33 p.

1981

AREIA, M. L. Rodrigues de — *Naître en Angola — Les Tshokwe*, in: «Naître, vivre et mourir». Neuchâtel, Musée d'Ethnographie, p. 63-76.

CARDOSO, Carlos Lopes — *Fechaduras de madeira, com cavilhas, em Angola (síntese, actualizada, do seu conhecimento)*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 10 (6), p. 285-334.

FIGUEIRAS, Isilda — *Índices Vol. 1-10. 1914-1981 [das] Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa*, Coimbra, Instituto de Antropologia.

GOUVEIA, Henrique Coutinho — *Palito de Pá e Bico. Exposição Itinerante*. Coimbra, Museu e Laboratório Antropológico, 45 p.

1982

- AREIA, M. L. Rodrigues de — *O fenómeno da emigração*, in: «Marinhas, monografia histórico-religiosa», Esposende, Ed. Fábrica da Igreja Paroquial de Marinhas, p. 189-196.
- CUNHA, Xavier da — *Contribution à l'histoire de l'anthropologie physique au Portugal*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 11 (1), Coimbra, p. 5-56.
- FIGUEIRAS, Isilda — *O oleiro de Ervedal da Beira: contribuição para o estudo da olaria portuguesa*. «Beira Alta», Vol. 41, 3, p. 649-702.
- GOUVEIA, Henrique Coutinho — *O papel do Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra na preservação e fomento do artesanato*, in: «Actas do Colóquio sobre Artesanato», Coimbra, Serviços Municipais de Cultura e Turismo de Coimbra e Instituto Português do Património Cultural.

1983

- ABADE, Augusto — *Freguesia de rio de Onor. Estudo biodemográfico. I — Consanguinidade aparente*. «Antropologia Portuguesa», 1, p. 33-42.
- ALMEIDA, L. Meneses de — *O aconselhamento genético nas osteopatias genotípicas*. «Antropologia Portuguesa», 1, p. 81-90.
- AREIA, M. L. Rodrigues de — *Essai sur les structures du pouvoir ches les Kongo*, in: «Angola: os símbolos do poder na sociedade tradicional». Coimbra, Instituto de Antropologia — Centro de Estudos Africanos, p. 27-48 (Publicações do Centro de Estudos Africanos; 1).
- AREIA, M. L. Rodrigues de — *Évolution séculaire de l'âge moyen au mariage et ses implications biodémographiques dans les milieux ruraux (Portugal)*, in: «Actas y Comunicaciones, III Congreso de Antropologia Biologica de España, Santiago de Compostela (4 a 8 de Julho de 1983), p. 57-69.
- FERNANDES, M. Teresa Ribeiro de Matos — *Contribution à l'étude de la tache mongolique dans deux échantillons de la population portugaise*, in: «Actas y Comunicaciones, III Congreso de Antropologia Biologica de España, Santiago de Compostela, p. 671-682.
- GAMA, Paulo — *Consanguinidade aparente em S. Vicente da Beira*. «Antropologia Portuguesa», 1, p. 5-32.
- HAUENSTEIN, Alfred — *La royauté chez les Ovimbundu*, in: «Angola: os símbolos do poder na sociedade tradicional». Coimbra, Instituto de Antropologia — Centro de Estudos Africanos, p. 67-79. (Publicações do Centro de Estudos Africanos; 1).
- HOUART, Jacques — *À propos du discours anthropologique sur le pouvoir et du pouvoir sur le discours anthropologique*, in: «Angola: os símbolos do poder na sociedade tradicional». Coimbra, Instituto de Antropologia — Centro de Estudos Africanos, p. 81-98. (Publicações do Centro de Estudos Africanos; 1).
- OLIVEIRA, Mário António Fernandes de — *Insignias do poder entre os Cabindas*, in: «Angola: os símbolos do poder na sociedade tradicional». Coimbra, Instituto de Antropologia — Centro de Estudos Africanos, p. 11-26. (Publicações do Centro de Estudos Africanos; 1).

- SEABRA, M. Judite de C. R. — *A mulher e o dote na segunda metade do século XVIII*. «Antropologia Portuguesa», 1, p. 43-80.
- SERRANO, C. Moreira Henriques — *Poder, símbolos e imaginário social*, in: «Angola: os símbolos do poder na sociedade tradicional». Coimbra, Instituto de Antropologia — Centro de Estudos Africanos, p. 49-66. (Publicações do Centro de Estudos Africanos; 1).

1984

- ABADE, Augusto — *Sobre a importância dos estudos biodemográficos para o conhecimento da estrutura genética das populações*. «Brigantia», 4 (3), p. 347-355.
- ABADE, Augusto; CARVALHO, Ana — *Freguesia de Rio de Onor. Estudo Biodemográfico. II — Exogamia/Endogamia e Evolução da Idade no Casamento*. «Brigantia», 5 (1).
- AREIA, M. L. Rodrigues de — *Antropologia da morte, uma perspectiva africana: a morte e o exercício do poder na sociedade cokwe de Angola*. «Revista Internacional de Estudos Africanos», 1, p. 193-198.
- AREIA, M. L. Rodrigues de — *Les Symboles divinatoires*. Coimbra, Instituto de Antropologia (Publicações do Centro de Estudos Africanos; 4).
- HOUART, Jacques — *Epistémologie et anthropologie. Recherches pour une théorie et une méthodologie applicables aux études socio-anthropologiques du discours anthropologique lui-même*. Coimbra, Instituto de Antropologia (Publicações do Centro de estudos Africanos; 5).
- REDINHA, J. — *Instrumentos Musicais de Angola*. Coimbra, Instituto de Antropologia (Publicações do Centro de Estudos Africanos; 3).

Índice de ilustrações

- FIGURA 1 — Aula de Antropologia (ano lectivo de 1896-1897)
Alunos: Alfredo Augusto de Oliveira Machado, Álvaro de Lima Henriques, José Carlos de Barros, José Joaquim Pereira dos Santos Motta e Luís Guimarães (filho)
- FIGURA 2 — Aula teórica no Anfiteatro I do Museu e Laboratório Antropológico (1985) — antigo colégio de S. Bento
- FIGURA 3 — Sala de Aula Prática do Museu e Laboratório Antropológico (1985) — antigo colégio de São Bento
- FIGURA 4 — Gabinete de Antropologia e respectiva biblioteca (Museu de História Natural)
- FIGURA 5 — Biblioteca — secção dos livros (Colégio de S. Boaventura)
- FIGURA 6 — Biblioteca — secção das publicações periódicas (Colégio de S. Boaventura)
- FIGURA 7 — Biblioteca — sala de leitura (Colégio de S. Bento)
- FIGURA 8 — Biblioteca — secção de livros técnicos
- FIGURAS 9 e 10 — Biblioteca — zona de armazenamento
- FIGURA 11 — Página de título de: «Le Journal des Sçavans». 1724
- FIGURA 12 — Página de rosto de: DIDEROT, M.; D'ALEMBERT, M. — Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers. 1758
- FIGURA 13 — Página de rosto de: História natural de Cayo Plínio segundo. Tradução de Geronimo de Huerta. 1624
- FIGURA 14 — Página de rosto de: DAMPIER, G. — Supplement du voyage autour du monde. 1723
- FIGURA 15 — Página de rosto de: Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados Jesuitas e... 1771
- FIGURA 16 — Face do registo fornecido pela Delegação da Procuradoria Régia da Comarca de Coimbra — designada por Boletim de Identificação

- FIGURA 17 — Ficha dactiloscópica usada no Posto Antropométrico da Universidade de Coimbra (face)
- FIGURA 17a — Verso da ficha dactiloscópica utilizada no Posto Antropométrico da Universidade de Coimbra
- FIGURA 18 — Carteira de Identidade — planificação de todas as suas páginas — fornecida pelo Posto Antropométrico da Universidade de Coimbra
- FIGURA 19 — Planta esquematizando a distribuição de espaços no 2.º piso do Colégio de S. Boaventura (obras de adaptação iniciadas em 1912)
- FIGURA 20 — Planta do 3.º piso esquematizando os espaços e suas funções e prevendo um Museu de Antropologia Criminal
- FIGURA 21 — Sala do Posto Antropométrico instalado no Colégio de S. Boaventura. À esquerda, armário-arquivo com 360 gavetas (junto à parede), mesa com tampo de mármore para a dactiloscopia (1.º plano), mesa com pega de apoio para medição dos segmentos inferiores do membro superior e banco de apoio para medição do pé
- FIGURA 22 — Sala do Posto Antropométrico instalado no colégio de S. Boaventura (complemento da foto anterior). Visível a mesa cuja pega de esmalte serve de apoio à mão do observado enquanto lhe medem o pé; à esquerda a balança

As figuras que se seguem referem-se às tatuagens relevadas num indivíduo de 19 anos, sexo masculino, natural de Lisboa:

- FIGURA 23 — Tatuagens localizadas no peito, tendo o conjunto as dimensões máximas $17,2 \times 19$ cm)
- FIGURA 23a — Tatuagens do primeiro segmento dos membros superiores
- 1) Amor perfeito ($7,5 \times 8,2$ cm) localizado na parte superior do braço direito
 - 2) Amor perfeito ($7,6 \times 8,3$ cm) localizado na parte superior do braço esquerdo
 - 3) Duas letras maiúsculas e o seu sublinhado, formando um conjunto com $9 \times 7,3$ cm, localizados a meio do braço e na sua parte superior
- FIGURA 23b — Tatuagens do segundo segmento dos membros superiores
- 1) Letras maiúsculas e figura representando a República localizadas na face anterior do antebraço direito
 - 2) Cabeça representando a República localizada na parte anterior do antebraço esquerdo
 - 3) Pulseira (parte) apresentando um Sol na parte posterior do antebraço esquerdo, próximo ao punho, concluindo-se em 4)
 - 4) Restante parte da pulseira, encimada por iniciais maiúsculas sublinhadas
- FIGURA 24 — Ficha utilizada nas determinações grupais
- FIGURA 25 — Laboratório de Serologia após as obras de restauro do Instituto no edifício de S. Bento

- FIGURA 26 — Exposição Permanente
Aspecto geral duma das galerias de etnografia.
Museu de História Natural
- FIGURA 27 — Tambor — «Tai-Cu»
Com duas baquetas
(M.L.A. — Macau 401)
Diâmetro, 0,32 m; altura, 0,50 m
- FIGURA 28 — Machadinha de guerra
Revestida de pano com missangas.
Angola
(M.L.A. — Angola 1571)
Comprimento da lâmina, 0,09 m; comprimento do cabo, 0,35 m
- FIGURA 29 — Caixa de Rapé
De madeira lavrada, com pega ornada com brochas de latão
Kasanje
(M.L.A. — Angola 64)
Comprimento máximo, 0,26 m; largura máxima, 0,06 m
- FIGURA 30 — Documento anexo à carta manuscrita por António E. Ferreira de Mesquita
a Bernardido Machado.
Ilha Brava, 29 de Novembro de 1896
- FIGURA 31 — Punhal
Com cabo de madeira e bainha em couro lavrado
Mandingas
(M.L.A. — Guiné 115)
Comprimento da lâmina, 0,17 m; comprimento do cabo, 0,11 m
- FIGURA 32 — Caixa de Rapé
Em ponta de boi com gravuras em relevo
Usada pelos Fulas
(M.L.A. — Guiné 47)
Comprimento, 0,20 m
- FIGURA 33 — Número de objectos entrados no Museu entre 1885 e 1897
- FIGURA 34 — Cesto Cilíndrico
Feito de tiras extraídas do pecíolo e dos folículos da folha de palmeira
Kongo
(M.L.A. — Angola 749)
Altura, 0,14 m; diâmetro da boca, 0,14 m
- FIGURA 35 — Pente de Tartaruga
Com desenhos geométricos e folhas de plantas gravados na coroa
- FIGURA 36 — Exposição permanente
Vista geral da sala de etnografia.
Colégio de S. Boaventura
- FIGURA 37 — Interior dum armário da sala de etnografia.
Colégio de S. Boaventura

- FIGURA 38 — Armas e utensílios de guerra da Guiné Portuguesa
in: Trabalho de José Tavares Lucas Couto para a cadeira de Antropologia (1902)
- FIGURA 39 — Objectos de uso pessoal
in: Trabalho de José Tavares Lucas Couto para a cadeira de Antropologia (1902)
- FIGURA 40 — Indústrias indígenas — Caça e Pesca na Ilha de S. Tomé
in: Trabalho de Eusébio Barbosa Tamagnini Mattos Encarnação para a cadeira de Antropologia (1902)
- FIGURA 41 — Petrechos de guerra — Moçambique
in: Trabalho de Carlos Acciaioli da Fonseca Themudo para a cadeira de Antropologia (1902)
- FIGURA 42 — Indústria — Moçambique
in: Trabalho de Carlos Acciaioli da Fonseca Themudo para a cadeira de Antropologia (1902)
- FIGURA 43 — Apoia-nuca
Feito de uma só peça de madeira, ornamentado com desenhos triangulares e profundas caneluras.
Manica
(M.L.A. — Moçambique 333)
Altura máxima, 0,105 m; Comprimento máximo, 0,185 m
- FIGURA 44 — Colar
Feito com numerosos guizos de cobre
Angola
(M.L.A. — Angola 193)
Comprimento, 1,23 m
- FIGURA 45 — Kissanji com doze lâminas
De ferro dispostas radialmente. Tampo em madeira ornado com desenhos geométricos
Ngangela
(M.L.A. — Angola 1003)
Comprimento, 0,22 m; largura, 0,145 m
- FIGURA 46 — Número de objectos entrados no Museu entre 1899 e 1947
- FIGURA 47 — Cinto
Em missanga preta e branca, formando desenhos geométricos
Carumbo (Lunda)
(M.L.A. — Angola 253)
Comprimento, 0,54; largura, 0,13 m
- FIGURA 48 — Máscara *Cikungo*
Usada nas cerimónias da «*Mucanda*»
Cokwe
(M.L.A. — Angola 1687)
Altura, 0,49 m; largura, 0,35 m

- FIGURA 49 — Reserva visitável.
Aspecto parcial da sala de etnografia, no 3.º pavimento.
Colégio de S. Bento
- FIGURA 50 — Número de objectos entrados no Museu entre 1976 e 1984
- FIGURA 51 — Terrina
Com tampa ornada e flores pintadas de diversas cores
Portugal
(M.L.A. — 81.26.1. 2/2)
Comprimento máximo, 0,29 m; altura com tampa, 0,23 m
- FIGURA 52 — Terrina
Com tampa, ornada com desenhos geométricos
Angola
(M.L.A. 79.65.23. 2/2)
Altura com tampa, 0,23 m; largura máxima, 0,28 m
- FIGURA 53 — Cachimbo
Ornamentado com cinco figuras humanas
Angola
(M.L.A. — Angola 79.66.3)
Comprimento da boquilha, 0,17 m; comprimento do pipo, 0,23 m
- FIGURA 54 — Reserva visitável.
Aspecto parcial da sala de etnografia, no 3.º pavimento.
Colégio de S. Bento
- FIGURA 55 — Reserva visitável.
Aspecto parcial da sala de etnografia, no 3.º pavimento.
Colégio de S. Bento
- FIGURA 56 — Localização das etnias citadas
- FIGURA 57 — Ídolo de Pregos
(M.L.A. — Angola 1046)
- FIGURAS 58 e 58a — Figura de maternidade (Kongo)
(M.L.A. — Angola 1086)
- FIGURA 59 — Máscara Yaka
(M.L.A. — Angola 273)
- FIGURA 60 — Estatueta Yaka
(M.L.A. — Angola 1140)
- FIGURA 61 — Máscara *mwana-pwó* (Cokwe)
(M.L.A. — Angola 275)
- FIGURA 62 — Máscara Mbunda
(M.L.A. — Angola 271)
- FIGURA 63 — Máscara *cihongo* (Cokwe)
(M.L.A. — Angola 276)
- FIGURA 64 — Estatueta de funante
(M.L.A. — Angola 1064a)

- FIGURA 65 — Cabeça de bastão
(M.L.A. — Angola 379)
- FIGURA 66 — Caixa de rapé
(M.L.A. — Angola 85)
- FIGURA 67 — Banco de chefe
(M.L.A. — Angola 907)
- FIGURA 68 — Banco — remate do entrançado de couro
(M.L.A. — Angola 77.36.73)
- FIGURA 69 — Cesto de adivinhação com respectivos símbolos
(M.L.A. — Angola 1187)
- FIGURA 70 — *Mwanze* (fole de ferreiro)
(M.L.A. — Angola 82.4.64)
- FIGURA 71 — Esquema explicativo da fundição de ferro
in: José Redinha, *Etnias e Culturas de Angola*, I.I.C.A., Luanda, 1975)
- FIGURA 72 — Faca de circuncisão (Cokwe)
(M.L.A. — Angola 1496)
- FIGURA 73 — Lança
(M.L.A. — Angola 1441)
- FIGURA 73a — Lança
(M.L.A. — Angola 1441)
- FIGURA 74 — Machado
(M.L.A. — Angola 1509)
- FIGURA 75 — Machado
(M.L.A. — Angola 82.4.111)
- FIGURA 76 — Acha de mando — *cimbwia*
(M.L.A. — Angola 1588
Comprimento total, 0,522 m)
- FIGURA 77 — Lança
(M.L.A. — Angola 1450)
- FIGURA 78 — Cachimbo
(M.L.A. — Angola 79.66.107)
- FIGURA 79 — Tambor *cinguvu* (Cokwe)
(M.L.A. — Angola 77.36.105. 3/3)
- FIGURA 80 — Tambor *ngoma*
(M.L.A. — Angola 1024)
- FIGURA 81 — *Kisanji* (Cokwe)
(M.L.A. — Angola 77.36.42)
- FIGURA 82 — Xilofone de cabaças
(M.L.A. — Angola 1018)
- FIGURA 83 — Pluriarco
(M.L.A. — Angola 80.34.116)
- FIGURA 84 — *Kakoshi*
(Col. Missionários do Espírito Santo, D. 79.5.36)

- FIGURA 85 — Trompa
(M.L.A. — Angola 985)
Comprimento, 0,6 m; diâmetro de abertura, 0,08 m
- FIGURA 86 — Apito de guerra
(M.L.A. — Angola 80.14.1)
- FIGURA 87 — Peneira (Cokwe)
(M.L.A. — Angola 709)
- FIGURA 88 — Cesto
(M.L.A. — Angola 79.65.20)
- FIGURA 89 — Esteira
(M.L.A. — Angola 80.34.302)
- FIGURA 90 — Tabuleiro
(M.L.A. — Angola 80.34.54)
- FIGURA 91 — Cerâmica utilitária
(M.L.A. — Angola 670)
- FIGURA 92 — Moringue
(M.L.A. — Angola 77.36.52)
- FIGURA 93 — Cachimbo com forninho de barro
(M.L.A. — Angola 79.66.8)
- FIGURA 94 — Tecido de ráfia
(M.L.A. — Angola 335)
- FIGURA 95 — Tecido de ráfia
(M.L.A. — Angola 331)
- FIGURA 96 — Tecido de ráfia
(M.L.A. — Angola 313)
- FIGURA 97 — Romeira
(M.L.A. — Angola 281)
- FIGURA 98 — Barrete de fibra de ananás
(M.L.A. — Angola 410)
- FIGURA 99 — Tampa de panela
(Col. Missionários do Espírito Santo, D. 79.5.4.)
- FIGURA 100 — Povoação das Caldas
in: Alexandre Rodrigues Ferreira, Viagem Filosófica. Iconografia, Vol. II
- FIGURA 101 — Máscara de entrecasca
Representando um peixe, com nadadeira dorsal, cauda e guelras bem caracterizadas.
Jurupixuna
(M.L.A. — BR. 139)
Altura, 0,46 m; diâmetro da base, 0,21 m
- FIGURA 102 — Máscara de entrecasca
Quase cilíndrica, com pálpebras salientes nascidas da própria entre-

casca. A frente da máscara apresenta pinturas compactas em preto, contornadas por faixas amarelas.

Jurupixuna

(M.L.A. — BR. 140)

Altura, 0,41 m; diâmetro de base, 0,20 m

FIGURA 103 — Máscara bicéfala de entrecasca

Capacete cilíndrico achatado, apresentando de um lado uma carantonha protuberante. Órbitas salientes, bochechas pronunciadas, boca rasgada mostrando os dentes onde se encontram orifícios que facilitam a visão ou respiração do seu portador.

Jurupixuna

(M.L.A. — BR. 144)

Altura, 0,37 m; diâmetro da base, 0,26 m

FIGURA 104 — Máscara de entrecasca

Representa possivelmente um macaco sentado, com pernas flectidas e braços estendidos.

Jurupixuna

(M.L.A. — BR. 142)

Altura, 0,77 m; diâmetro da base, 0,25 m

FIGURA 105 — Máscara de entrecasca

Representa possivelmente um «Papa Formigas», com focinho tubular alongado e membros anteriores com as extremidades em garras

Jurupixuna

(M.L.A. — BR. 137)

FIGURA 106 — Máscara de entrecasca, bicéfala

Representando numa das faces uma grande aranha. Boca rasgada. Das narinas pende um feixe de fibras.

Jurupixuna

(M.L.A. — BR. 138)

Altura, 0,52 m; diâmetro da base, 0,21 m

FIGURA 107 — Máscara de entrecasca

Focinho e bochechas pronunciadas. Faixas de tinta vermelha envolvem o alto da cabeça e a face. Boca rasgada deixando antever numerosos dentes.

Jurupixuna

(M.L.A. — BR. 135)

Altura, 0,43 m; diâmetro da base, 0,20 m

FIGURA 108 — Grupo de crianças do Núcleo de Deficientes Auditivos da Escola Preparatória Silva Gaio, tocando agô-agô e dupla frigideira

FIGURAS 109 e 110 — Crianças desenhando depois da visita à exposição: «África: Instrumentos Musicais»

FIGURAS 111, 112 e 113 — Desenhos feitos por crianças, durante a visita à exposição: «África: Instrumentos Musicais».

I
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

